A VELHA SÁBIA

estudo sobre a imaginação ativa

Rix Weaver



PAULUS



MPRA E TROCA DE
LEÇÕES, L COS E CD'S USADO
(62) 225-3
1233 - Centro - G

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Weaver, Rix, 1902-

A velha sábia : estudo sobre a imaginação ativa / Rix Weaver ; [tradução Maria Silvia Mourão Netto]. — São Paulo : Paulus, 1996. — (Amor e psique)
Título original: The old wise woman: a study of active imagination.

Bibliografia.
ISBN 85-349-0636-X

1. Imaginação 2. Jung, Carl Gustav, 1875-1961 3. Psicanálise I. Título. II. Série.

95-4670 CDD-153.3

Índices para catálogo sistemático:
1. Imaginação : Psicologia 153.3

Coleção **AMOR E PSIQUE**

• *Uma busca interior em psicologia e religião,* J. Hillman • *A sombra e o mal nos contos de fada,* Marie-Louise von Franz • *A individuação nos contos de fada,* Marie-Louise von Franz • *A psique como sacramento — C. G. Jung e P. Tillich,* J. P. Dourley • *Do inconsciente a Deus,* Erna van de Winckel • *Contos de fada vividos,* H. Dieckmann • *Caminho para a iniciação feminina,* S. B. Perera • *Os mistérios da mulher antiga e contemporânea,* M. E. Harding • *Os parceiros invisíveis,* J. A. Sanford • *Menopausa, tempo de renascimento,* A. Mankowitz • *A doença que somos nós,* J. P. Dourley • *Mal, o lado sombrio da realidade,* J. A. Sanford • *Meditações sobre os 22 arcanos maiores do Tarô,* Anônimo • *Os sonhos e a cura da alma,* J. A. Sanford • *Bíblia e psique — Simbolismo da individuação no AT,* E. F. Edinger • *A prostituta sagrada,* N. Q.-Corbett • *A interpretação dos contos de fada,* Marie-Louise von Franz • *As deusas e a mulher — Nova psicologia das mulheres,* J. S. Bolen • *Psicologia profunda e nova ética,* E. Neumann • *Meia-idade e vida,* A. Brennan e J. Brewi • *Puer Aeternus — A luta do adulto contra o paraíso da infância,* Marie-Louise von Franz • *O que conta o conto?,* Jette Bonaventure • *Falo, a sagrada imagem do masculino,* E. Monick • *Castração e fúria masculina,* E. Monick • *Eros e pathos — amor e sofrimento,* A. Carotenuto • *Sonhos de um paciente com Aids,* Robert Bosnak • *A busca fálica — Príapo e a inflação masculina,* J. Wyly • *A tradição secreta da jardinagem — Padrões de relacionamentos masculinos,* G. Jackson • *Conhecendo a si mesmo — O avesso do relacionamento,* D. Sharp • *Breve curso sobre sonhos,* Robert Bosnak • *Sonhos e gravidez,* Marion R. Gallbach • *A passagem do meio,* James Hollis • *Os mistérios da sala de estar,* G. Jackson • *O velho sábio — Cura através de imagens internas,* P. Middelkoop • *A solidão,* A. Storr • *Deus, sonhos e revelação,* Morton T. Kelsey • *A velha sábia — Estudo sobre a imaginação ativa,* Rix Weaver • *Sob a sombra de Saturno,* J. Hollis.

RIX WEAVER

A VELHA SÁBIA
estudo sobre a imaginação ativa



PAULUS

Título original
The old wise woman: a study of active imagination
© C. G. Jung Foundation for Analytical Psychology, 1973
Shambala Publications, Inc., 1991

Tradução
Maria Silvia Mourão Netto

Revisão
Ivo Storniolo

Capa
Visa

Coleção AMOR E PSIQUE
dirigida por
Dr. Léon Bonaventure
Pe. Ivo Storniolo
Dra. Maria Elci S. Barbosa



© PAULUS - 1996
Rua Francisco Cruz, 229
04117-091 São Paulo (Brasil)
Fax (011) 570-3627
Tel. (011) 575-7362

ISBN 85-349-0636-X
ISBN 0-87773-605-7 (ed. original)

INTRODUÇÃO À COLEÇÃO AMOR E PSIQUE

Na busca de sua alma e do sentido de sua vida, o homem descobriu novos caminhos que o levam para a sua interioridade: o seu próprio espaço interior torna-se um lugar novo de experiência. Os viajantes destes caminhos nos revelam que somente o amor é capaz de gerar a alma, mas também o amor precisa da alma. Assim, em lugar de buscar causas, explicações psicopatológicas às nossas feridas e aos nossos sofrimentos, precisamos, em primeiro lugar, amar a nossa alma, assim como ela é. Deste modo é que poderemos reconhecer que estas feridas e estes sofrimentos nasceram de uma falta de amor. Por outro lado, revelam-nos que a alma se orienta para um centro pessoal e transpessoal, para a nossa unidade e realização de nossa totalidade. Assim a nossa própria vida carrega em si um sentido, o de restaurar a nossa unidade primeira.

Finalmente, não é o espiritual que aparece primeiro, mas o psíquico, e depois o espiritual. É a partir do olhar do imo espiritual interior que a alma toma seu sentido, o que significa que a psicologia pode de novo estender a mão para a teologia.

Esta perspectiva psicológica nova é fruto do esforço para libertar a alma da dominação da psicopatologia, do espírito analítico e do psicologismo, para que volte a si

mesma, à sua própria originalidade. Ela nasceu de reflexões durante a prática psicoterápica, e está começando a renovar o modelo e a finalidade da psicoterapia. É uma nova visão do homem na sua existência cotidiana, o seu tempo, e dentro de seu contexto cultural, abrindo dimensões diferentes de nossa existência para podermos reencontrar a nossa alma. Ela poderá alimentar todos aqueles que são sensíveis à necessidade de colocar mais alma em todas as atividades humanas.

A finalidade da presente coleção é precisamente restituir a alma a si mesma e "ver aparecer uma geração de sacerdotes capaz de entender novamente a linguagem da alma", como C. G. Jung o desejava.

Léon Bonaventure

PRÓLOGO

É um prazer escrever algumas palavras à guisa de introdução ao trabalho singular da sra. Rix Weaver, A VELHA SÁBIA.

O próprio Jung trabalhou com material pertinente que se originava do "método" da Imaginação Ativa, tanto em seus seminários particulares como em seu livro autobiográfico.[1]

Parece-me agora ter chegado o momento de divulgar junto a um círculo mais amplo de interessados o relato original de um tema de suma importância para a prática da Psicologia Analítica. Nesse sentido, este livro oferece a oportunidade de se presenciar o desenvolvimento e o desdobramento de tal processo.

A apresentação do material clínico feita pela sra. Weaver vem acompanhada por um comentário abrangente e magistral que facilita ao leitor a tarefa de compreender a natureza e a relevância desse método. Aliás, pode ser que esses comentários dêem a impressão de tudo ser um pouco fácil demais. O leitor deve ter em mente que para o sujeito (paciente) que vivenciou todo esse material, apresentado de forma tão admirável, tratou-se de muito "sangue, suor e lágrimas" num empreendimento

[1]Jung, C.G., *Sonhos, Memórias e Reflexões*, Rio de Janeiro: Record, 1975.

que enão poderia ter acontecido nem concluído a contento sem tremendo esforço, muitos sacrifícios e bastante coragem. É importante enfatizar também a contribuição da analista. Ninguém deve arriscar-se a um trabalho desse teor sem a ajuda e a orientação de um "guru" experiente, em primeiro lugar porque "os perigos da alma" são consideráveis e, em segundo, porque é essencial elaborar as correspondências mitológicas com aquilo que se pode denominar de "o mito pessoal" do sujeito, através de cujo procedimento este se vincula a toda a humanidade em geral e imuniza-se contra o perigo de ficar perdido em seu "mito pessoal".

Tal meta foi convincentemente alcançada pela autora e o leitor minucioso saberá reconhecer que, ao trabalhar com o sujeito de seu estudo, a sra. Weaver soube transmitir-lhe o apoio e a ajuda que já assinalamos como indispensáveis.

Prof. Dr. C. A. Meier
Spezialarzt für Psychiatrie FMH
Zurique

1
ALGUNS ASPECTOS DA TÉCNICA DA IMAGINAÇÃO ATIVA

Quando se empreende a tentativa de escrever sobre o tema da Imaginação Ativa, confronta-nos de imediato a questão de sua importância como procedimento terapêutico. Decerto é verdade que a psicoterapia não precisa necessariamente incorporar tal técnica. Não obstante, constatei que é de grande relevância para aqueles pacientes que a podem usar com sucesso.

Em si, a psicoterapia é o tratamento da alma, pois a alma é a origem ou a mãe de toda conduta humana.[1] É verdade que a Imaginação Ativa entra no campo das artes, embora não seja dotada de atributos artísticos em si mesma, mas sim por seu caráter simbólico que, quando considerado em conjunto com a situação consciente, confere significado mais amplo e profundo à vida.

A pessoa leva um problema individual para análise, mas, junto, traz também sua alma e todo o seu mundo. Nessa medida, embora a técnica em questão cruze fronteiras com o domínio da arte, isso acontece porque esta também provém da alma, e, quanto mais simbólica for sua manifestação, mais significativa. O mundo e a alma são suprapessoais, de tal sorte que, exceto no caso de uma

[1] O termo *alma* é usado aqui em seu sentido psicológico (ou seja, do grego *psyche*, alma), e não com a conotação religiosa.

dificuldade que pareça muito individual, a psicoterapia atravessa o limite do pessoal e o vincula ao suprapessoal. Todo indivíduo é um componente do mundo e comporta em seu bojo também o transpessoal.

A psique humana tem um mecanismo de projeção, que utiliza a consciência. Com muita freqüência, a projeção não combina exatamente com o fato objetivo; na situação analítica, então, a pessoa se dedica a descobrir que proporção da projeção está revestida de material subjetivo. Eliminar por inteiro o esteio da projeção poderia lançar o ego numa vivência de intensa perda não fosse o fato surpreendente de, das profundezas do inconsciente, emergir um centro novo, superior ao ego. Talvez isso seja difícil de ser apreendido sem a vivência correspondente, mas espero esclarecer do que se trata, nas próximas páginas. Embora a Imaginação Ativa possa ajudar um pouco em termos da análise pessoal, ou seja, com as dificuldades vinculadas ao inconsciente, demonstrarei que seu mérito maior está no âmbito da análise profunda não-pessoal.

Entre outros dinamismos, Jung descobriu uma atividade criativa autônoma do inconsciente pessoal, a qual expôs sua propensão ao que se pode denominar de criação de mitos. Depois ele percebeu que essa tendência poderia ser empregada no contexto analítico, e chamou de Imaginação Ativa o processo em questão. O uso do qualificativo "ativa" serviu para distinguir este uso da imaginação do outro uso, o passivo, e a diferença entre ambas as instâncias ficará clara a seguir.

Este trabalho em particular é uma tentativa de mostrar o que é a Imaginação Ativa, como pode ser amplificada e alcançar significado para a pessoa que adota esse método de análise. Parto do pressuposto de que o leitor está familiarizado com os procedimentos analíticos, para que esta modalidade menos habitual possa interessá-lo.

De modo algum esta apresentação é uma história de caso pois, no momento, não me volto para um paciente em particular e sim para um processo e quero mostrar como o trabalho realizado por um sujeito pode ser amplificado pela analogia. Quero demonstrar, de fato, como é possível discernir nesse processo as profundas raízes da consciência, como elas se estendem no tempo e recuperam símbolos e idéias que têm existido desde os primórdios da humanidade.

A Imaginação Ativa inclui, ao mesmo tempo, visões, pinturas, modelagem, redação, dança; na realidade, qualquer forma que sirva como canal apropriado e viável de expressão para a pessoa. Sejam quais forem os meios de expressão escolhidos, as mensagens do inconsciente podem tornar-se evidentes. Em si, talvez pareçam sem sentido mas, com a amplificação e a analogia, tais mensagens podem adquirir imensa importância.

Este último aspecto constitui a essência do meu tema de trabalho. Antes porém de passar a um excerto real de Imaginação Ativa e à discussão do material análogo, pode ser proveitoso aos leitores não familiarizados com o processo em questão fazer alguns comentários mais específicos quanto à natureza do mesmo.

"Imaginação Ativa" é uma expressão que pode dar a sensação de algo esquivo de modo que, primeiro, quero afirmar a grande distância entre a Imaginação Ativa e a fantasia livre. À medida que não leva a ações no plano da realidade objetiva, a fantasia pura e simples pode de fato ensejar um afastamento da realidade, pois, para quem as tece, as fantasias podem ser mais fascinantes e menos exigentes que o mundo externo. Como espero poder demonstrar mais adiante, a Imaginação Ativa é parecida com o fantasiar, mas com uma diferença: é uma fantasia que conta de fato com a irrestrita cooperação de um ego participante.

Em breves palavras, a história da Imaginação Ativa é a seguinte: em seu trabalho com a psique inconsciente, Freud descobriu que a mente, por meio de associação de idéias, reúne material significativo. Foi então que aperfeiçoou sua descoberta até torná-la o método da "associação livre"; por meio de associações livres, o paciente expressa livremente tudo que lhe vier à mente, idéias que vão se sucedendo. Freud constatou que este processo ideativo permitia alcançar complexos ocultos.[2]

Jung considerou muito produtivo esse procedimento e também concordava que existia um *continuum* latente no material exposto pelo procedimento. A inclusão da atenção do ego no quadro geral representava o fio de ligação, pois não se tratava apenas do fato de os complexos serem relevados: isso era muito importante, mas Jung indagou além, tentando desvendar o que o inconsciente buscava revelar através dos complexos. Daí em diante, ao analisar os sonhos, Jung pedia que o paciente associasse livremente idéias ao conteúdo onírico, mantendo-o sempre como eixo central do trabalho, em torno do qual cada associação gravitava e remetia de volta. Essa técnica, no entanto, não deve ser confundida com a Imaginação Ativa. Nesta, irrupções espontâneas do inconsciente são interligadas revelando, assim, não só os complexos, mas também o intento inconsciente de transmitir sua continuação e seu significado, e de também oferecer mediante o próprio material em si um meio de ser compreendido

[2]De maneira bastante independente de Freud, antes que os dois grandes descobridores se conhecessem, Jung, através de seu Teste de Associação de Palavras, descobriu dificuldades nas pessoas que haviam passado pelo teste, como quebras na continuidade do pensamento consciente, irrupções na consciência de idéias ativadas pela palavra-estímulo. Foi constatado que essas respostas estavam vinculadas à palavra-estímulo por uma qualidade emocional. Essas estranhas interrupções levaram Jung a formular a teoria dos complexos. Essa idéia e o termo "complexo" passaram para o domínio público por parte da comunidade psicológica.

e abordado. Pode-se, portanto, dizer em síntese que a associação livre leva à descoberta de complexos, enquanto a Imaginação Ativa vai mais adiante, alcançando a estrutura da psique, em cujo seio a vida psíquica é contida e mantida. Quer dizer, esse método não só expõe as propriedades pessoais da psique como também encaminha ao âmago do âmbito não-pessoal e o revela. É esse âmbito que constitui a origem dos mitos, dos contos de fada e de formas específicas de credos e rituais religiosos. É nesse plano que deparamos as lutas fundamentais da humanidade com o crescimento psíquico e com as formas sobre as quais se estrutura a dimensão consciente.

Como regra geral, uma análise do conteúdo pessoal da psique precede um uso eficiente da Imaginação Ativa, que costuma ser uma alternativa empregada por quem já avançou bastante em sua análise. Pacientes que se encontram nas etapas iniciais de um tratamento analítico estão predominantemente interessados em itens pessoais. Aliás, este é um método que não se adequa a todas as pessoas e que não pode ser empregado indiscriminadamente, pois é inevitável que leve o sujeito mais além de sua mente consciente, alcançando os pilares mesmos da vida psíquica, o mundo interior da natureza, as trevas, e os primórdios da evolução da ética e da cultura.

Pode-se indagar qual momento é conveniente para o empregado da Imaginação Ativa. Posso apenas dizer que tal decisão não deve ser arbitrária. Vamos supor, a título de ilustração, que num estágio avançado de análise apareçam em sonhos e visões determinadas figuras que, sem dúvida, têm algum significado que, não obstante, escapa ao conhecimento já armazenado pela dimensão consciente do sujeito. A questão que se coloca é a seguinte: como saber em que consiste essa significação? Como descobrir esses significados? Se o sujeito então retiver em sua mente tais figuras, com uma atitude contemplativa, ou seja,

apenas observando-as como se o ego fosse a testemunha, embora esteja envolvido — e isso é muito mais difícil do que parece porque o ego, via de regra, quer sempre o destaque — é como se a imaginação começasse a se revolver e inicia-se então um processo de desdobramento e desenvolvimento de um sonho do inconsciente. O ego geralmente está incluído no enredo, deslocando-se em cena ou fazendo perguntas. Dessa forma, principia uma conversa entre o consciente e o inconsciente, depois que o sujeito incorporou a postura de reconhecer de fato a existência de sua realidade psíquica; é assim que mergulha na dialética capaz de oferecer à psique liberdade de expressão. A consciência do ego, disposta então a uma pesquisa autêntica, é como um facho de luz lançado sobre o inconsciente e a abordagem correta é recompensada com uma cooperação equivalente, em geral notável, por parte do imenso inconsciente.

A dialética empregada pela Imaginação Ativa não é apenas uma conversinha de salão que a pessoa mantém consigo mesma. É corriqueira a experiência em que nos encontramos tentando agir segundo algum plano cuidadosamente preconcebido, apenas para descobrirmos que há uma certa contradecisão a nos preocupar, impedindo-nos de assim agir em liberdade. Por conseguinte, precisamos pensar bastante a respeito desses dois lados opostos da questão. Costuma ser, então, que nos damos conta de não ser apenas nossa mente consciente que está envolvida na situação, mas que também está em funcionamento um "outro dinamismo". A luta entre essas duas forças adversárias pode até tornar-se dialética, no processo de atingir uma decisão clara. Ainda não sabemos o que é esse dinamismo alheio; o que está claro é apenas que, por intermédio de sua presença, vemo-nos forçados a ser mais cuidadosos e exatos. Na Imaginação Ativa reconhecemos primeiro a alteridade da psique e, a seguir,

mergulhamos na situação preparada para aprendermos o que precisa ser dito pelo outro lado. O processo em pauta é muito diferente do de raciocinar sobre o assunto, do começo ao fim. O que se faz, na realidade, é deixar que algo aconteça em total liberdade, no plano psíquico, enquanto o ego participa, não no papel de regente, mas como a instância psíquica que vivencia ativamente o que está acontecendo.

Dessa forma, pode-se dizer que o acesso à Imaginação Ativa se abre quando a pessoa em análise está pronta para esse meio de expressão. Existem momentos em que de modo algum o pensamento racional pode ajudar-nos a exprimir aquilo que estamos tentando transmitir, de modo que então voltamo-nos para o pincel, a pena, a partitura, numa tentativa de dizer o que parece ser indizível. Apresento uma breve ilustração. Tive uma paciente que, desde a infância, sonhava com uma temática recorrente. Depois de bom período de análise, ela me foi encaminhada e certo dia relatou o sonho: "Estou numa passagem comprida, que tem três portas de cada lado e uma sétima porta na extremidade. Toda vez que tento atravessar esse corredor uma presença sombria, como nuvem, desce e me força a recuar". Interpretamos esse sonho de inúmeras maneiras, mas era evidente que algo de vital importância nos escapava, pois o inconsciente insistia em que sua mensagem fosse compreendida. Este é um aspecto muito interessante a respeito do inconsciente, quando a pessoa não consegue atinar com o significado de algum conteúdo que ele envia e que é então novamente emitido com força ainda maior, ou eventualmente até sofrendo modificações em sua forma de expressão, enquanto seu significado não é decifrado. Esse pareceu então um bom início para o uso da Imaginação Ativa. Era evidente que havia algo importante a ser dito pelo inconsciente, uma vez que não só o problema como também

os meios de cura estão contidos no próprio paciente. Assim, aquela mulher foi incentivada a sentar-se e concentrar-se, retomando o clima do sonho, permitindo-se sentir na situação da cena onírica. Ela comentou que isso era muito assustador, pois, quando viu de novo a nuvem escura quis dar as costas à tarefa. Entretanto, conseguiu enfrentar a "presença" e ultrapassar gradativamente cada porta que lhe aparecia. Em cada um dos aposentos onde entrou, era-lhe apresentada uma cena surpreendente, que poderia estar relacionada com seus próprios problemas, mas que também apontavam para algo mais do que o âmbito pessoal, algo que nos custou bom tempo para entender. Uma das coisas mais interessantes, contudo, foi o fato de, após ter vivenciado as situações dos seis aposentos, ela ter conseguido atravessar a sétima porta no final do corredor. É sobre essa parte da Imaginação Ativa que gostaria de deter-me um pouco mais. Atrás da sétima porta, encontrou um homem com um livro aberto e amarrado desde a testa, cobrindo o rosto todo. Ele disse que aquele livro continha as regras. As regras que aquela paciente se havia imposto eram numerosas e rigorosas, e com essa imagem ela descobriu uma figura de *animus* que, para algumas mulheres, é um ditador arbitrário. O *animus* é o aspecto masculino da psique inconsciente de uma mulher. Aquele *animus* vinha exercendo poder sobre a vida de minha paciente, restringindo e deformando suas tentativas de viver. Na Imaginação Ativa, ela conversou com ele e o persuadiu a retirar o livro das regras de sua testa e rosto. Daí em diante, depois de confrontado pelo ego, o *animus* demonstra com a evolução de seu treinamento que é mais amigo do que inimigo. O *animus* funciona como elemento de discriminação, mas o excesso discriminatório aplicado a tudo o que a mulher deseja fazer significa a debilitação de seus próprios pensamentos e sentimentos femininos. Quando avalia pessoas e

situações pode ser justamente sua função crítica que não lhe permite entrar de fato na vida. Assim que ela começa a discriminar entre os mandamentos do *animus* e seus próprios sentimentos e sensações genuínos, torna-se mais completa. Portanto, não surpreende que, ao ter enfrentado o homem do livro e solicitado que ele removesse o volume dos mandamentos, ele pudesse enfim entrar no trabalho com uma postura positiva e passado a participar da busca daquela mulher por seu tesouro oculto, a saber, o si-mesmo desconhecido.[3]

Esta é uma das muitas possibilidades de análise nas quais o método proporciona novo eixo de referência, visão e compreensão mais profundas. Ter dito à paciente que seu *animus* era arbitrário de nada lhe teria servido. Aliás, ele teria se apoderado de sua atitude e, possivelmente, colocaria a coisa em discussão; porém, quando se revela de tal maneira a um ego que de nada suspeita, a situação torna-se convincente.

Como todos sabem, existem muitas pessoas que sentem em si mesmas uma capacidade que, porém, não têm como usar. Sentem-se restringidas e costumam desistir de qualquer tentativa de encontrar um canal de saída. Muitas delas, sofrendo com essas restrições, encontram uma compensação na vida da fantasia. Fantasias ociosas ocupam-nas sem acrescentar nada a seu desenvolvimento pessoal. De acordo com minha experiência profissional, quando não há canais de saída, se a imaginação for mobilizada por uma intervenção consciente, a pessoa começa a desenvolver-se; nos casos em que há excessivo dinamismo compensador por parte da fantasia ociosa, um pouco de Imaginação Ativa ajuda a pessoa a em-

[3]Uma parte da Imaginação Ativa realizada por esta mulher encontra-se no capítulo 11, com suas respectivas interpretações.

penhar-se num rumo de vida bem mais definido e construtivo.

Dentro da personalidade, entremeados no inconsciente, estão os complexos levando vida própria, como se fossem egos em separado. O homem normal depende de seus complexos para grande parte de sua inspiração. Os complexos têm papel positivo e ainda outro, negativo, pois dão ensejo a sentimentos profundos de incerteza e, nessa medida, podem produzir efeito desintegrador na consciência. A análise do inconsciente pessoal revela boa parcela desse material inconsciente. Não é tão fácil a conscientização dos arquétipos, que com grande freqüência são vagos e limítrofes. Podemos deparar com um "não" que se contrapõe a um "sim" consciente, e somos levados a indagar quem é esse outro sujeito. Ouvindo-o como se fosse um ego em separado se comunicando, podemos receber o que tem a falar. É dessa forma que podemos entrar em contato com figuras tais como o *animus* e a *anima*. O *animus* é a masculinidade inconsciente da psique feminina, assim como a *anima* representa o feminino inconsciente na psique masculina. A personificação desses arquétipos dá ensejo a uma discussão com eles, sem que o ego seja tragado por tais dinamismos de forma tal que se torne indistinguíveis dos pensamentos e estados de ânimo da pessoa. Personificar essas figuras significa reconhecer sua existência. Por exemplo, certo homem pode estar sofrendo de um dado estado de ânimo. Para ele, esse estado é ele mesmo. Pode estar tão cego por essa disposição de ânimo que não vê como é insensata; pode ser também que tenha vaga noção de que estado de humor não tem muito a ver com seu ego masculino. É possível, inclusive, que esteja tão consciente dele que possa dizer ou pensar: "Sei que esse estado de ânimo não é razoável, mas não consigo impedir-me de sentir assim". Se esse homem personificar tal estado, digamos, como *anima*, pois é freqüente que esse dinamismo atue como alterações de estado de ânimo, ele terá chance de desemaranhar-se e considerar como objetividade o modo como está se sentindo. Ser idêntico ao estado de ânimo significa estar num estado primitivo de possessão, no qual o ego está submerso na emoção primitiva, desprovido de condições para raciocinar. Raciocinar é atributo do logos consciente do homem. Assim, ao se separar do inconsciente por meio de personificação, a pessoa não estará mais identificada com ele e reconhecerá a possibilidade de usar seu juízo crítico. É criada uma situação por meio da qual a pessoa pode dar um passo atrás e considerar com perspectiva e lucidez o que está se passando em sua vida interior.

A idéia de personificar as figuras ou os estados de ânimo do inconsciente pode parecer muito esquisita. Quem quer que já tenha vivido um momento em que falou consigo mesmo, tentando convencer-se de alguma coisa, sabe que essa é uma inclinação bastante espontânea, em alguns indivíduos. Conduzir o mesmo processo de apartamento por intermédio da Imaginação Ativa significa que o ego está se libertando da contaminação. Nessa medida, separar e objetivar o inconsciente é, essencialmente, um processo de maturidade.

Buscar o significado de algo que a Imaginação Ativa tenha revelado não significa que o conteúdo exposto precisa ser analisado como os sonhos são analisados. A Imaginação Ativa é diferente dos sonhos, pois estes surgem sem qualquer restrição e o ego não interfere em nada. Já na Imaginação Ativa acontece uma resposta direta do inconsciente à participação consciente do ego. Quando este é envolvido dessa maneira, decerto as imagens são escolhidas de forma parcialmente consciente e é assim que os dinamismos consciente e inconsciente são reunidos e podem fluir juntos. O sujeito está fazendo pergun-

tas e o inconsciente está lhe proporcionando o outro lado da moeda.

Como se pode constatar de imediato, somos responsáveis pela Imaginação Ativa de forma direta, o que não acontece com os sonhos. Aquela pode ter valor ético, nem sempre visível nos sonhos. Estes expõem as coisas como são, ao passo que a Imaginação Ativa desencadeia um movimento progressivo da psique e busca efetivar certo nível de realizações e feitos. Estamos agora diante de um aspecto cuja importância creio merecer um comentário.

A experiência tem demonstrado que as figuras do inconsciente, personificadas como indicamos, são vivas e numinosas. As figuras arquetípicas são acessadas e, em virtude desse contato, surtem poderoso efeito. Digamos que, por exemplo, a pessoa descubra um velho sábio ou uma velha sábia cujos pronunciamentos são prenhes de significado e que, como o nome o sugere, são sábios, muito mais sábios do que o ego do sujeito. Estas são figuras arquetípicas e coletivas, e falam com base na sabedoria milenar já acumulada. O efeito que elas produzem sobre o ego é tão inspirador que este as aceita como conteúdos pessoais seus, correndo assim o risco de tornar-se inflado ou, em outros termos, o sujeito pode identificar seu ego com o velho sábio. Esse é um acontecimento natural e a função do processo analítico é, nesse caso, manter as distinções em foco. A necessidade disso tornar-se-á evidente quando considerarmos que não só coisas de ordem superior podem ser reveladas, mas também as forças escuras da natureza, seus aspectos caóticos e até mesmo demoníacos. É possível que haja também uma inflação negativa, pois, se a pessoa não mantém a separação, ela corre o risco de ser esmagada pelo conteúdo arquetípico, da mesma forma que pode ser inspirada por ele. Portanto, é tão importante o que o

sujeito é na vida como a necessidade de um bom desenvolvimento de seu ego. Ninguém é pessoalmente responsável pelas imagens arquetípicas, mas a pessoa é responsável pela descoberta do significado que as mesmas têm em seu caso particular. Somente reconhecendo-os e transformando-os é que os poderes arquetípicos tornam-se qualidades positivas da vida psíquica de cada um. Não é questão de só conhecer os aspectos aceitáveis da natureza, mas de acolher também as qualidades inaceitáveis aos padrões do ego envolvido.

Tive oportunidades de analisar um homem e sua esposa; ambos tinham se submetido a análise anteriormente, durante alguns anos. O outro tratamento não tinha sido junguiano mas alguns termos tinham sido empregados, embora com a discrição que mereciam. O casal tinha sido informado que a esposa possuía um inconsciente poderoso, que era uma bruxa capaz de exercer tremendo efeito sobre o marido. Por conseguinte, ela passou a se achar a *bruxa* e o marido acreditava que, por causa disso, ela era responsável por suas grandes dificuldades pessoais. Ambos estavam padecendo de inflação. Tive uma dificuldade extraordinária para conseguir que ela voltasse a suas proporções reais. Embora houvesse certa verdade naquela declaração, era preciso que ela visse que não era encarnação do arquétipo da bruxa. Era apenas um ser humano comum, e não um poder divino ou demoníaco. Já o marido precisou assumir sua responsabilidade direta pela própria *anima*. Era tão grande a inflação do casal que ambos sentiram que eu os estava privando do significado de suas próprias vidas. O casal tinha antes professado a fé católica, mas a haviam abandonado porque a Igreja não tinha mais significado para eles. O arquétipo de Deus contém tremenda energia. A Igreja como portadora do símbolo de Deus não funcionava mais para eles, portanto a energia revertera para o inconsciente e as po-

derosas qualidades, antes atribuídas a Deus, passaram a qualificar a esposa. Quando ouviram a palavra "bruxa", apegaram-se a ela como se, de repente, tudo tivesse ficado claro. A partir de então, ela viveu sob o impacto delusional de possuir uma força sobre-humana.

Jung diz: "Não foi Nietzsche quem predisse que Deus estava morto e que o Super-homem seria o herdeiro desse poder divino? Este tolo equilibrista da corda-bamba? É uma lei psicológica imutável que a projeção que chega ao fim sempre volta a seu ponto de origem. Portanto, quando alguém gera a idéia peculiar de que Deus está morto ou de que não existe, a imagem psíquica de Deus, representando um dinamismo definido e uma estrutura psíquica própria, encontra maneira de voltar à pessoa e de produzir uma condição mental em que ela se considera a si mesma 'como Deus'. Ou seja, evoca todas as qualidades que caracterizam apenas os tolos e os lunáticos e que, por isso, desencadeiam catástrofes."[4]

Numa situação assim, é necessário delimitar um novo centro para que a significância possa ser recuperada, respeitando portanto uma tendência da própria psique.

Um caso mais simples de um sujeito nas mãos de sua sombra que, depois, recobra a consciência de seu estado é o seguinte. Não foi utilizada com ele a Imaginação Ativa, mas há um aspecto do trabalho que pode ilustrar de que maneira as coisas podem acontecer nos estágios iniciais da análise. Este homem, em particular, era a ovelha negra da família; de fato vivia à sombra de todo o grupo familiar. Veio procurar-me num sábado à tarde e pediu-me que o trancasse enquanto as lojas de apostas estivessem abertas. Como eu tinha pacientes para atender, coloquei-o dentro de uma sala, sozinho, e dei-lhe um

[4]C. G. Jung, *Essays on Contemporary Events*, pp. 69-70.

pouco de argila para que ficasse ocupado. Terminou moldando uma figura que mostrava com total clareza a fraqueza de sua personalidade. Era uma forma humana em estado bruto, desprovida de mão e pés, e sugeria o que funcionava como obstáculo em seu caminho. Sem mãos e pés, não tinha capacidades adequadas para enfrentar a vida. A figura assinalava um estado que só podia ser superado da maneira mais fácil com as artimanhas do falsário. Até então tivera algumas sessões de análise. Ao estudar a forma que modelara, ao vê-la fora, com objetividade, como um fator separado, teve a oportunidade de reconhecer sua sombra com muito mais clareza do que através de qualquer outra tentativa analítica. Tornou-se perfeitamente consciente de suas atitudes anti-sociais; viu como era vítima delas, como era importante. Acabara se aceitando como alguém perdido, e ali, por fim, tinha se tornado capaz de distinguir entre seu ego — que de fato estava lutando por algo melhor — e o inimigo que o dominava à força. Dessa forma, estava em melhores condições de combater os próprios impulsos irresistíveis a cometer atos anti-sociais. Aliás, ficou ao mesmo tempo horrorizado e estupefato por ter produzido um trabalho tão revelador enquanto brincava com a argila, naquelas horas em que precisou ficar literalmente escondido da tentação. Naquele estágio, não tinha interesse pela sombra arquetípica, nem por material coletivo, mas seus esforços dirigiam-se a salvar a própria pele. E essa é a atitude correta. Somente mais tarde é que se pode aprender que esforços individuais têm significado que transcende o pessoal.

A totalidade do processo da Imaginação Ativa é de tal natureza que exige responsabilidade, uma vez que o fantasiar ativo afeta tanto para o bem como para o mal o caráter e a vida do sujeito. Na realidade, a Imaginação

Ativa torna-se verdade ou, em outros termos, pode-se dizer que, de forma simbólica, é o embrião material dos próximos sucessos da vida, de maneira bastante semelhante às idéias que precedem os esforços que, depois, tornam-nas reais.[5] Portanto, a Imaginação Ativa determina a verdade da pessoa e precede aquilo que ela é, ou seja, compõe-se do conteúdo que dá vida e subsistência ao universo do indivíduo. Trata-se de algo imensamente grande à medida que mobiliza e confere existência a acontecimentos até então inexistentes e, dessa forma, faz avançar o processo da individuação, quer dizer, promove uma vida mais rica e significativa, capaz de favorecer o existir da totalidade.

Uma compreensão mais ampla da Imaginação Ativa proporcional representa, para o cliente, uma referência do entendimento para o problema do viver. Conhecer as influências arquetípicas oferece significação e, inclusive, em certo sentido, segurança. Atualmente acentua-se a individualidade, mas isso não é o mesmo que individuação. A individualidade pode ser consciente; a individuação, não. Quer dizer: o processo da individuação cria uma ligação entre o ego e o Si-mesmo.[6] Penso que este aspecto ficará mais claro quando eu apresentar um exemplo de uma série completa de episódios de Imaginação Ativa, com seu material analógico. Neste momento, basta dizer que o encontro de nós mesmos é um processo tanto redutivo como sintético. A análise do inconsciente pessoal que precede a análise profunda deve ser tanto sintética como redutiva. O acento redutor, por si só, implica em afastar todo alicerce sobre o qual o ego tenha se estruturado, alicerces estes necessários para que as exigências da vida fossem enfrentadas, uma vez que a personalidade egóica é estabelecida segundo "os recursos disponíveis". O processo sintético constrói alguma coisa, quer dizer, para cada ingrediente que deve ser removido, por estar distorcido ou "infestado de cupins", deve existir outro ingrediente saudável pronto a ser inserido, de tal sorte que a estrutura como um todo não desmorone. É verdade que a pessoa deve enxergar o outro lado de sua personalidade, quer dizer, a sombra do ego, a *persona*. Aquilo que se é, é algo estabelecido. Esse outro lado não é só uma caricatura; contém uma função importante que, com seu potencial, precisa ser captada, não é só de negatividade. Antes de mais nada, para que a pessoa aceite sua sombra, ela deve reunir toda a coragem e toda a força, além de um amor muito grande. Será capaz de amar seu lado escuro com força suficiente para redimi-lo? As pessoas em análise realizam essa tentativa diariamente. Para aqueles que vêm idolatrando um ego resplandescente pode significar muita humildade e, ao mesmo tempo, resulta desse embate uma personalidade mais desenvolvida. Por outro lado, a pessoa que tenha vivido aquém desse nível passará a valorizar o outro em seu caráter, até então inacessível. Aceitar o lado glorioso da personalidade é, em geral, problema maior do que aceitar verdades humilhantes, pois, quando a pessoa se dá conta de seu próprio potencial para atividades criativas, está sob a obrigação de realizá-lo em forma plena. Viver aquém do que se é efetivamente capaz constitui, na realidade, uma fuga de vida. Quando falo de atividade criativa, nesse sentido, quero dizer que em todos os modos a vida é uma experiência criativa. Viver com plenitude, seja qual for a esfera das próprias capacidades, é uma arte, e arte criativa.

[6]Para Jung, a consciência é extraída à força do inconsciente, de modo que o efeito ampliador que esse trabalho exerce sobre a consciência afeta naturalmente o caráter e a vida da pessoa.

[5]O Si-mesmo, enquanto conceito junguiano, está explicado no Glossário e uma discussão mais completa do termo pode ser encontrada no *Tipos Psicológicos*, de Jung.

Pensa-se com freqüência que a sombra só contém os aspectos escuros da personalidade. Se, porém, pensarmos nela como parte não vivida da personalidade, logo temos a imagem de um dinamismo que pode tanto conter o bem como o mal. A sombra é predominantemente inconsciente e as propriedades inconscientes surtem o inquietante efeito de se manifestar em nossos atos extremos. Por serem não vividas, ou não estarem integradas à forma de vida da pessoa, são primitivas. As emoções primitivas nos assustam e, assim, vemo-nos predispostos a relegar a sombra ao esquecimento, apesar de seu potencial positivo. Conhecer esse lado de si mesmo significa, portanto, que a pessoa está em condições de escolher, e optar impõe responsabilidade. Dar-se conta de tais antinomias em seu próprio interior implica em coragem e trabalho sobre a própria personalidade. Quando então há uma escolha consciente, a pessoa não estará apenas sendo manobrada por forças contundentes mas estará sendo responsável, de maneira inteiramente nova. Todas as gaiolas com animais dentro de si mesmas deverão ser cuidadas, e a pessoa esquiva-se de tomar consciência deste fato como se já tivesse pleno conhecimento do que implica tal responsabilidade. Contudo, somente através de clareza na consciência é que podemos viver por consentimento, em lugar de por compensação.

A este respeito, gostaria de relatar o caso de um homem que veio me procurar para fazer análise. Como o caso que citei antes, as dificuldades de tal pessoa naquele momento diziam respeito a um problema com sua sombra pessoal. Outro analista o enviara a mim e considerei-o muito racional. Ele sabia como tudo deveria ser, e estava muito admirado de, apesar de todo o seu conhecimento, as coisas não darem tão certo quanto deveriam. Seu casamento era difícil; a esposa estava contra ele e não lhe permitia nem mais dormir em sua própria casa. Ele tentava constantemente fazer o que lhe parecia ser a coisa certa; portanto, lia sobre casamento e tentativas de solucionar seu problema através do intelecto. Era evidente que esse homem estava fora de sintonia com o Eros em sua vida, quer dizer, com os valores sensíveis, e era também muito claro que não atinava com o que fosse o estofo de um verdadeiro relacionamento. Poder-se-ia dizer que estava tentando ser correto sem o apoio da totalidade de sua natureza. Não servia de absolutamente nada dizer-lhe qualquer coisa mais que seu intelecto pudesse absorver. Houve porém um sonho que lhe ofereceu impulso suficiente para tocar, pelo menos de leve, a questão da *anima*. Seu sonho foi o seguinte: "Vejo meu finado tio que fala comigo. Sei que ele está morto e fico pasmo diante disso. Ele ri e diz que pode acontecer isso mesmo e, ao ir embora, me aconselha a respeito de como resolver determinado problema. Não me recordo de qual foi seu conselho, mas vejo-me arrastando um caixão dentro do qual eu sabia que havia uma mulher morta."

Sugeri que o tio poderia representar uma parte morta de sua masculinidade, pois, entre outras coisas, ele estava impotente. Ao discutirmos as possibilidades de quem seria a mulher morta, ele concebeu a idéia de que poderia tratar-se de uma parte feminina em sua pessoa, aliás, sua *anima* ou alma, e estando ela morta isso queria dizer que a relação com a esposa e com a vida era uma coisa muito difícil.

Ele decidiu refletir mais a respeito dessas questões. Uma vez que se tratava apenas de uma sonho, pareceu-lhe ridículo perder tempo em divagações oníricas; não obstante, o fato de eu o considerar muito importante causou nele certa impressão. Ele não passou por Imaginação Ativa, pois não estava num estágio avançado da análise.

No entanto, na sessão seguinte, disse que, ao contemplar seu sonho, tinha tido a vívida impressão de ter erguido a tampa do caixão e deslizado os dedos pelas mãos da mulher. Acrescentou ter certeza de que isso não tinha qualquer sentido e de que tanto o sonho como a impressão eram bobagens. Na outra sessão trouxe novidades. A mulher tinha se sentado e, para sua surpresa, o caixão reduzira-se a cinzas. Estava muito impressionado com o fato de algo que *meramente imaginara* poder conter um elemento de surpresa para ele e também parecer desenrolar-se por si mesmo. Estava vivenciando a autonomia do inconsciente, questão que sempre é profundamente mobilizadora quando a atitude do sujeito é, até então, marcadamente racional.

Seguiu-se então um período em que ele disse sentir medo do escuro, à noite; era como se uma presença assombrosa invadisse a casa inteira na qual morava sozinho. Ele tinha certeza de nunca ter sentido esse medo antes. Descobriu que essa figura do inconsciente era cheia de vida, e tal constatação parecia-lhe impossível. Na verdade, parecia coisa de assombração, mas, depois de termos conversado sobre tal fenômeno, ele disse: "Passei por uma experiência estranha. A mulher andava ao meu lado e segurava a minha mão. Disse que se sentia grata por eu lhe ter salvo a vida. Afirmei que não tinha sido eu, e que eu não tinha poderes para devolver a vida a ninguém. Mas ela insistiu que eu havia feito uma coisa de máxima importância ao ter erguido a tampa do caixão e tocado em suas mãos. O mais incrível é ela me chamar por meu nome de batismo, o que me deixou completamente eletrizado. Era muito forte a sensação, a excitação, embora minha mente consciente soubesse que se tratava de uma fantasia. Era algo com realidade própria, eu sabia que não estava vendo fantasmas."

Ele se dera conta de que a figura feminina tinha vida em seu inconsciente e que estava ligada a ele de uma forma muito vital. Daí em diante, seu trabalho tornou-se mais colorido por sentimento, deixando de ser fundado em decisões intelectuais. Ele começou a mostrar o que sentia, enquanto antes não demonstrava qualquer sentimento. O padrão antigo começou a desvanecer. Evidentemente surgiu em seguida o problema do *animus* de sua esposa, que foi encaminhada para uma clínica.

Ao citar este caso pretendo mostrar que pode ser pequeno o montante de trabalho capaz de ensejar no paciente a conscientização necessária para levar em frente a mensagem do sonho, o que surte efeito mágico. Sem dúvida, a totalidade do problema não foi superada dessa forma e não sei o que aconteceu, pois ele mudou de cidade. Esse paciente chegou a ponto de realizar uma Imaginação Ativa sem ter jamais sido instruído a respeito desse processo. Se isso acontece de forma natural, deve-se aceitá-lo. Aliás, pode acontecer às vezes de um paciente vir para a terapia em virtude de fantasias irracionais que não se coadunam com sua atitude racional e, por isso, acha que alguma coisa está errada. O analista aceita a fantasia e essa aceitação é o primeiro passo terapêutico. Algo no paciente é valorizado e ele sente menos medo, torna-se menos dominado pelo dinamismo assustador, e aos poucos vai emergindo do oceânico e terrível inconsciente. Quer dizer, firma a posição de seu ego cada vez mais e, dessa maneira, consegue forças para lidar com o inconsciente.

Às vezes há certa confusão ao se classificar a Imaginação Ativa. Todos sabem que é possível fantasiar de modo passivo e podem identificar aquelas fantasias que parecem acontecer de forma espontânea. Quando, porém, a pessoa interfere e participa de maneira deliberada da fantasia ou do tema do inconsciente, ao mesmo tempo

mantendo a capacidade egóica de percepção consciente, ela penetrou na dinâmica da Integração Ativa. Por conseguinte, o ego tem influência sobre o que acontece, tingindo com suas particularidades o material em curso. Por exemplo, certa mulher entrou em contato com uma figura feminina em sua Imaginação Ativa. Em dado momento, essa figura entrou num lago em que a paciente sabia jazer um homem adormecido no fundo de suas águas. Ela se agarrou ao cabelo da figura para impedi-la de afundar na água. Passaram-se vários dias antes que eu pudesse prosseguir com a Imaginação Ativa, pois sentia que não podia permitir à figura feminina esse mergulho. Ela explicou que sua situação era a seguinte: "Não posso deixar que ela vá porque eu teria de segui-la, e iria me afogar. (Ela sentia como se essa figura fosse parte inseparável de si mesma.) Seria o meu fim, já que não sei nadar nem mergulhar em profundidade. Mas, o que irá acontecer ao rapaz?" Ela estava certa em hesitar e acatar as restrições que seu ego lhe impunha. Estava reagindo a esse medo da mesma forma como se fosse na vida real. Mais tarde pôde permitir que a figura feminina prosseguisse com seu trabalho de resgate e salvamento, tendo descoberto meios e maneiras de ajudar a tarefa. Depois de dias e dias de sofrimento, pôde deixar que a mulher fosse em frente e armasse uma fogueira para aquecer o rapaz depois que fosse trazido do fundo das águas. A situação consciente exigia um justo reconhecimento de seus temores muito embora estivesse preocupada com sua incapacidade de deixar as coisas acontecerem. Para outra pessoa teria sido correto superar os receios de dar mergulho, mas para ela, naquele momento, isso era muito arriscado porque seus receios eram muitos reais e protetores. Quando o analista sabe que a pessoa está consolidando seu mundo, no ínterim, sabe como é importante acatar e respeitar tais medos; é precisamente

em tais circunstâncias que ele pode se alinhar com o curso da vida do paciente. Portanto, perguntei-lhe com bastante praticidade: "O que você faria com sua vida, nesse caso? Não existe algo que você possa fazer a respeito dessa situação?" Ela retrucou: "Claro, eu naturalmente pegaria um cobertor, acenderia uma fogueira, buscaria comida para o homem. Mas seria correto ter uma atitude tão prática aqui?"

Essa última indagação nos leva a outro ponto. As pessoas costumam pensar que, de certo modo, precisam ser fantásticas em sua Imaginação Ativa, ao passo que de acordo com a situação do paciente, costuma ser a solução prática aquela que mobiliza o prosseguimento do processo. Esse é o trabalho que o ego executa: impedir que o inconsciente fique fora de controle. Neste caso, o certo era que ela acendesse a fogueira. Era uma questão de retirá-la do âmbito do inconsciente para onde fugira sob a proteção de imagens arquetípicas, restituindo-se para o mundo prático onde seu gênio poderia agir de forma criativa, impedindo que seu débil ego afundasse. Também ela se deu conta disso. Jung disse: "Parece reinar sobre todo o procedimento um tênue pré-conhecimento não só do padrão, mas também do significado. Imagem e significado são idênticos e, conforme a primeira se configura, o segundo se torna claro."[7] Também é verdade que, de acordo com a situação consciente, é necessário superar fatores inibidores e ter coragem de mergulhar na situação para descobrir o que o inconsciente tem a dizer. *A posição que o ego adota sempre é importante.*

Também existe a Imaginação Ativa que, por assim dizer, se desenrola no âmbito que está além do ego, no qual então o processo todo é depois projetado. Não se deve, porém, confundir esse dinamismo com as fantasias que

[7] C. G. Jung, *Spirit and Nature*, p. 414.

provêm do inconsciente, sem qualquer intervenção. Ele não é o que se conhece como fantasias passivas, pois seu conteúdo decorre de uma concentração do ego. Proporciona-se uma condição de total liberdade e de atenção amorosa ao tema psíquico e isso permite que as fantasias assumam forma. Dessa maneira, a fantasia concatena um drama aquém do ego, além dele e que o transcende. O ego ainda continua sofrendo o impacto mas, nesse nível, encontra muito pouco a dizer.

Já presenciei também um conto de fada inteiro que se formalizou, brotando involuntariamente da psique. Estava em andamento uma Imaginação Ativa, mas parecia ser necessária uma pausa para que o ego pudesse fazer uma declaração concernente à sua estrutura. Nessa ocasião, era muito pouco claro o porquê de ser necessária essa interrupção, pois o conteúdo da expressão não parecia pertinente. Somente mais tarde se evidenciou o fato de que aquilo precisava ter sido exposto. Era um elemento importante no processo, enquanto pronunciamento do ego.

Estabelecer ou afirmar o que é real na Imaginação Ativa não é tarefa fácil pois não é apenas a Imaginação Ativa em si, mas também a Imaginação Ativa *em relação com o nível da pessoa que a está realizando.* Às vezes temos fantasias grotescas que não levam a parte alguma. Aqui o analista tem de saber o que está fazendo, pois, em determinados casos, fantasias inumanas grotescas podem, dadas certas circunstâncias, moldar-se em conteúdos de valor real. É essa a possibilidade pela qual o analista aguarda. Os sonhos terão influência sobre isso, pois são capazes de corrigir um processo errado. Nos casos em que a Imaginação Ativa é executada de acordo com a necessidade do inconsciente, vi os sonhos darem apoio e incentivo ao processo. Por outro lado, um homem que estava brincando com a Imaginação Ativa e produzia um texto

inteiramente intelectual, sonhou que havia decapitado um animal.

Tive um paciente cuja fantasia tinha um conteúdo de beleza artística. Os poderes malignos usavam palavras ameaçadoras porém majestosas. Eram termos grandiosos, escolhidos de forma estética, para surtir efeito. Fizeram com que acreditasse que ele era Shakespeare. Ficou tão enlevado por sua escolha de vocabulário que passaram-se meses antes que suas palavras começassem a dizer algo. Eram como um rastro de fumaça no ar. Depois, no momento em que o ego começou a sofrer o impacto, as palavras ganharam realidade. Embora o trabalho estivesse sendo escrito em primeira pessoa, não havia participação ou sofrimento ou sentimentos verdadeiros. O ego só havia sido arrebatado para vivenciar a euforia. É aqui que está o perigo e onde o analista precisa manter sua firmeza. Nesse caso, o paciente de repente ficou tão enojado daquilo tudo, tão completamente cheio, que começou a escrever a partir do que sentia, como participante. Esse foi o início de um trabalho real. Sua vida tinha um caráter ilusório e, no momento em que os sentimentos começaram a entrar, ele sofreu. A fantasia que só excita ou enleva não é Imaginação Ativa.

É verdade que na Imaginação Ativa a pessoa acompanha o que emerge; há, no entanto, uma seleção em parte consciente. É como se o inconsciente fornecesse o conteúdo, enquanto o consciente ajuda a moldar a forma. Uma instância não pode se pronunciar sem a outra. É assim que se podem reconhecer as coisas escritas a partir de uma escolha estritamente egóica, pois têm qualidades diferentes. O ego presta atenção, oferece cálida aceitação à imagem inconsciente, sofre-a, sente-a e coopera com sua formulação.

Existem muitos níveis da Imaginação Ativa e, quanto mais perto o trabalho se encontra do nível consciente,

mais importante ele é *apenas* para aquele ego em particular. Ao mesmo tempo, numa igual medida de sofrimento e participação, símbolos de validade universal utilizam um ego já pronto para a expressão de coisas que, em si mesmas, ultrapassam o ego. Ou seja, coisas que sempre "foram" e que contêm um substrato universal de motivos mitológicos e religiosos vêm à tona.

Enquanto a pessoa não se submeter à Imaginação Ativa, poderá pensar que escrever um texto na primeira pessoa é Imaginação Ativa porque o ego está envolvido. O elemento-chave da Imaginação Ativa está na extensão em que a pessoa *se sente envolvida* ou participa de algo que está escrevendo ou vivenciando, moldando em argila ou pintando. A pessoa não pinta diretamente na primeira pessoa; não obstante, uma obra de pintura pode revelar muito da Imaginação Ativa, vinculando consciente e inconsciente. Na mesma medida que a pessoa está de fato envolvida, seu ego também estará. O primeiro trabalho que escolhi como tema principal deste livro pertence à categoria da Imaginação Ativa que está além do ego. James Kirsch disse, a respeito dessa espécie de obra, em sua "Viagem à Lua", que "um *Auseinandersetzung* acontece no íntimo da intensa concentração sobre o processo interior. Essa concentração é caracterizada por uma aguda percepção de imagens, bem como pelos pensamentos que surgem nela (na paciente), acompanhados por uma efetuosa e interessada participação do ego consciente."[8] No *Journal of Analytical Psychology* de 1956, Michael Fordham assinalou o perigo de se empregar a expressão Imaginação Ativa de forma imprecisa. Essa é uma espécie de trabalho que deve ser conduzida com consciência. O ego está separado do fluxo de fantasia e possibilita assim

[8] J. Kirsch (1955), *Journey to the Moon, Studien zur Analytischer Psychologie C. G. Jung*, Vol. VI, Rascher, Zurique.

uma participação consciente. Observei que alguns pacientes desejam embarcar no que o dr. Fordham chama de "atividade imaginativa"[9], até o ponto em que destacam o ego e começam a participar da interação, momento em que começam a Imaginação Ativa. Parece, nesses casos, que é importante afirmar com mais clareza o ego para que o trabalho possa prosseguir, de forma muito parecida com o que se passa com a criança que se permite ter uma "atividade imaginativa" a fim de ampliar e valorizar seu ego.

Resumindo a posição que tenho diante da Imaginação Ativa, presumo o seguinte:

1. Prestar atenção aos estados de ânimo, a fragmentos autônomos de fantasia, ou ampliar o significado de sonhos com o uso de fantasias etc., são os primeiros passos do ego na direção de objetivar-se. Essa objetivação é, em si, o início mesmo de sua participação.
2. O envolvimento pode assumir formas diferentes:
   a. O ego pode iniciar uma fantasia para encontrar o sentido de sonhos etc.;
   b. A pessoa pode ver que está dominada por uma fantasia que se impõe à sua consciência de forma muito semelhante à dos sonhos. Nessa situação, o ego não está perdido num vôo da fantasia, mas observa as imagens de maneira objetiva. O ego é a testemunha *consciente*.

Tentarei esclarecer este que é um ponto assaz difícil. Todo analista encontra aquele paciente cuja fantasia é interminável. Tive um cujas fantasias eram de natureza paranóica e, no nível do ego, estava dominado por elas. Quer dizer, para ele elas eram uma realidade inteira-

[9] Refere-se a Fordham, artigo sobre a Imaginação Ativa, *Journal of Analytical Psychology*, maio de 1956.

mente externa. Como ego, estava incapacitado para dizer: "Quem sou eu, o que é essa fantasia?" Ele não conseguia colocar uma distância entre ele e sua fantasia. Essa é uma condição patológica, que difere essencialmente da fantasia à qual a pessoa se submete e *sabe* que está se submetendo, pois essa submissão consciente é a saúde de um ego desenvolvido, mesmo quando ele concede que as coisas aconteçam sem interferir. Ele tem a capacidade de permanecer entre dois mundos, e o material da fantasia nesse nível tem a possibilidade de evocar material simbólico que está muito além dos recursos do ego-testemunha.

c. A pessoa pode captar um fragmento de fantasia ou iniciar uma fantasia e ampliá-la, participando e interferindo. Isso convidaria à introdução de uma atitude subjetiva no material inconsciente. Envolver-se conscientemente no material significa passar a sofrer maiores restrições por parte do ego.

Muitas vezes, na Imaginação Ativa, ambos os processos *b* e *c* se alternam tal como acontece com o artista criativo, e isso contribui para a dificuldade da estereotipação da personalidade criativa, que oscila entre uma atitude objetiva e outra subjetiva. O trabalho de Jung sobre a Arte Poética,[10] embora faça referência a um artista criativo, tem uma incrível pertinência para a abordagem que a pessoa pode fazer do inconsciente, através da Imaginação Ativa.

3. a. A participação do ego está no trabalho a partir do momento em que haja um interesse objetivo.
   b. A participação do ego aumenta com o envolvimento no drama.

[10]Jung, *Contributions to Analytical Psychology,* pp. 240 ss.

   c. Nem tudo o que inclui um ego como parte da atividade registrada é Imaginação Ativa, principalmente quando o ego escolhe de forma por demais arbitrária ou ritualista.
4. Os casos em que o trabalho inteiro aparece como escrito alquímico[11], e esses são eventos que predominam no estágio avançado da maturidade psíquica, também são Imaginação Ativa. Nessa condição, a pessoa está num âmbito que influencia a participação do ego mas mantém-se além desta, e isso pode ser testemunhado tal e qual. Como mencionamos em 2.b., é comum que aqui a pessoa descubra os símbolos mais eternos e universais, os mitos da gênese, a imortalidade etc.
5. O critério mais importante do que seja Imaginação Ativa não é a extensão em que a atividade egóica está de fato registrada no trabalho, mas o fato de o ego passar por uma participação significativa, seja qual for o modo assumido por essa expressão.
6. A participação do ego difere de pessoa para pessoa. O introvertido pode ter uma atitude objetiva diante do inconsciente e o extrovertido, uma atitude subjetiva. Ambas são possíveis. Só a pessoa que tenha feito o trabalho pode ser o juiz final do que é significativo para si. Trabalho significativo não é uma escolha egoísta, mas sim algo que exige a capacidade de reconhecer ao mesmo tempo a certeza e a incerteza.

Na citação que transcrevemos a seguir, Jung expõe a arte que é necessária para o ingresso na verdadeira Imaginação Ativa:

[11]Os livros *Psychology of the Transference* e *Psychology and Alchemy* explicam as imagens projetadas na elaboração de requisitos e exigências de ordem psicológica.

"A arte de deixar as coisas acontecerem, a ação na não-ação, o abandonar de si mesmo, como Meister Eckhart ensinou, tornaram-se para mim a chave com que consegui abrir a porta para o 'Caminho'. A chave é esta: devemos ser capazes de deixar que as coisas aconteçam na psique. Para nós, isso se torna uma verdadeira arte a cujo respeito poucas pessoas sabem alguma coisa. A consciência está sempre interferindo, ajudando, corrigindo, negando, nunca deixando em paz qualquer simples crescimento do processo psíquico. Seria uma coisa muito simples de fazer, se apenas a simplicidade não fosse a coisa mais difícil de todas. Consistiria em apenas observar com objetividade o desenvolvimento de qualquer fragmento de fantasia. Nada pode ser mais simples que isso e, não obstante, é precisamente aí que começam as dificuldades. Parece sempre que não existe nenhum fragmento de fantasia à mão... quer dizer, há sim, mas é tolo demais! Milhares de boas desculpas são levantadas contra esse fragmento; não é possível à pessoa concentrar-se nele; é muito entediante; o que poderia acarretar, afinal? É o 'nada mais que...' etc. O consciente levanta objeções em profusão. Na realidade, parece que está muitas vezes disposto a sabotar a atividade espontânea da fantasia, apesar da intenção, ou melhor, da firme determinação da pessoa em permitir que os processos psíquicos avancem sem qualquer interferência. Em muitos casos, dá-se um verdadeiro espasmo da consciência.

Se a pessoa consegue superar a dificuldade inicial, é provável que depois surjam críticas que tentam interpretar a fantasia, classificá-la, torná-la estética, depreciá-la talvez. A tentação de fazer isso é quase irresistível. Após uma observação completa e fiel, pode-se dar livre curso à impaciência do consciente; aliás, este é um procedimento imperioso, pois caso contrário, desenvolvem-se resistências bloqueadoras. Mas a cada vez que o material da fantasia deve ser produzido, a atividade do consciente deve ser posta de lado.

Na maioria dos casos, os resultados de tais esforços não são, a princípio, muito encorajadores. É principalmente uma questão de material típico de fantasia que não admite qualquer clareza a respeito de suas origens ou

destino. Além disso, o modo de entrar em contato com tais fantasias é diferente conforme o indivíduo. Para muitos, é mais fácil escrever; outros as visualizam; há aqueles que as pintam com ou sem visualização. Nos casos de um elevado grau de inflexibilidade no consciente, muitas vezes apenas as mãos podem fantasiar e elas modelam ou desenham figuras desconhecidas pelo paciente.

Esses exercícios devem ser mantidos até que a contração do consciente seja desfeita ou que, em outras palavras, a pessoa possa deixar que as coisas aconteçam, o que é objetivo imediato do exercício. Dessa forma é criada uma nova atitude que aceita o irracional e o inacreditável, simplesmente porque é o que está acontecendo. Essa seria uma atitude fatal para quem já esteve ou está perdido nas garras de coisas que simplesmente acontecem, mas é do mais excelso valor para quem tenha postura exclusivamente consciente e crítica e que seleciona, de tudo o que lhe acontece, apenas aquilo que tem proximidade dos conteúdos de sua consciência, afastando-se assim, pouco a pouco, do fluxo da vida na direção de um charco com águas paradas.

Nessa altura, o caminho percorrido pelos dois tipos acima mencionados parece separar-se. Ambos aprenderam a aceitar o que lhes acontece. (Como ensina o mestre Lu-Tzu: 'Quando os afazeres vêm a nós, devemos aceitá-los; quando as coisas vêm a nós, devemos entendê-las desde suas origens.') Alguém (extrovertido) acolherá principalmente o que vem de fora, e o outro (introvertido)[12] o que lhe acorre de dentro e, como determina a lei da vida, será preciso que a pessoa escolha, vinda de fora, alguma coisa que jamais poderia aceitar por essa vida, e à outra cabe aceitar, provenientes de dentro, aquelas coisas que sempre antes estiveram excluídas.

Esta inversão da natureza pessoal significa alargamento, intensificação e enriquecimento de personalidade, quando os valores consagrados são respeitados tanto quanto as mudanças, desde que, evidentemente, não sejam meras ilusões. Se os valores não foram preservados, a pessoa passará para o outro lado e, do equilíbrio, penderá para o

[12] As inserções (extrovertido) e (introvertido) são minhas.

desequilíbrio; da adaptação às circunstâncias à incapacidade para tanto; do bom senso para a insensatez; da razão para até mesmo a doença mental. O caminho não está livre de perigos. Tudo o que é bom custa, e o desenvolvimento da personalidade é uma das coisas mais custosas de todas. É uma questão de dizer sim a si mesmo, de considerar o Si-mesmo como a mais séria de todas as incumbências, de manter a consciência de tudo o que é feito e de manter perante os próprios olhos aquilo que está sendo feito, em todos os seus aspectos dúbios. Sem dúvida, essa é uma tarefa que nos atinge em nosso próprio cerne."[13]

[13]C. G. Jung e Richard Wilhelm, *Secret of the Golden Flower*, pp. 90ss.

2
A NATUREZA INDIVIDUAL DA IMAGINAÇÃO ATIVA

Segundo minha própria experiência e a de terceiros, quando a pessoa entra numa Imaginação Ativa com participação autêntica, com o tempo irá encaminhar-se para uma situação que parece insolúvel. Ela é *efetivamente* testada e confronta-se com um problema que a afeta tanto quanto dificuldades provenientes da vida externa. Nessa condição, o cliente sofre de acordo com a sua natureza. Ele pode aguardar com paciência por algum desdobramento, por alguma diretriz vinda em sonhos, e até mesmo suar e pelejar. Esse próprio ritmo entre fluir e não-fluir pode evocar resistência ao trabalho, pois sempre existe uma reação sim-não ao desenvolvimento interior, independentemente de existir o conhecimento consciente de seu valor. Não obstante, a pessoa ingressou num drama tão importante quanto a realidade externa e o aborda com tudo aquilo que o constitui. Essa última afirmativa é importante. Aquilo que a pessoa é introduz a variabilidade do trabalho. Se se trata de alguém que tece conjecturas intelectuais, o trabalho irá revelar-se numa direção excessivamente consciente. Na Imaginação Ativa o ego certamente tem a prerrogativa da liderança, fato que a separa de um imaginar passivo mas, em última instância, é o ego que precisará saber como equilibrar a liberdade em ambos os pólos. Quer dizer, permitir liber-

dade de expressão ao inconsciente, junto com o interesse e a participação do lado consciente.

Outro ponto importante é a integridade do sujeito em relação ao inconsciente e ao processo em si. Essa é uma integridade que às vezes está presente no início de trabalhos assim, e que em outros casos desenvolve-se durante seu transcorrer. Quando não há integridade, o trabalho tem pouco ou nenhum valor.

A meu ver, pode-se ser muito arbitrário na definição do que é a verdadeira Imaginação Ativa, porque o significado para quem a realiza é a avaliação final. Conheci uma mulher em cuja Imaginação Ativa produziu-se uma forma mais estilizada ou convencional de imagem cristã. Ela descobriu que esse era o único caminho pelo qual poderia ir, embora antes não tivesse se inteirado desse fato.

Essa consideração leva-nos à questão do nível e do que se exige da pessoa. Num nível de trabalho, uma imagem pode ser escolhida por ser correta e justa para aquele nível mas, certamente, não em outro. Por exemplo, certa mulher chegou a um ponto da Imaginação Ativa em que um fogo deveria permanecer aceso para sempre. Ela havia prometido mantê-lo aceso. Surgiu o problema do combustível, e a floresta, que era sua floresta particular, teria de ser gradualmente destruída. Estava instalado o drama: preservar a floresta ou o fogo. Considerar uma situação como essa, em que a pessoa não está diretamente envolvida, pode não parecer algo sério, mas para o cliente trata-se de uma situação difícil e tensa. Existem valores emocionais e simbólicos relevantes em ambos os pólos e não parece existir solução. A pessoa vê-se frente a forças, verifica sua impotência, e não há nada a fazer, senão cozinhar junto com a situação. Se a escolha for cortar a árvore, terá sido destruído um importante símbolo de vida. Se o fogo for sendo negligenciado, outro símbolo fica comprometido. Do ponto de vista intelectual, pode-se

indagar: por que a preocupação se o fogo se revela como fogo eterno? Para quê, então, a necessidade de ajuda humana? O fato é que, na Imaginação Ativa, assumiu-se o atributo de a ajuda humana *ser* necessária e implicar profundos valores sentimentais. Não é possível voltarmos atrás, apagarmos o que se insinuou no trabalho, e dizer: "Bom, se eu tivesse ido por esse outro lado, teria dado certo". A escolha já está feita e é precisamente diante dela que a pessoa se coloca; até certo ponto, ela se dá conta da relevância do que está em jogo e essa percepção consciente torna impossível qualquer outra coisa que não um tratamento íntegro dispensado à situação. Nesse caso, um sonho que incluía um menininho negro introduziu a figura na Imaginação Ativa. O inconsciente movimentou-se por si e o envolveu no drama do fogo e da árvore. Foi esse nativo, como elemento próximo à natureza, que pôde dizer à mulher que o primeiro homem que havia trazido o fogo à terra o havia escondido entre as pedras para que estivesse sempre disponível. Diante da solução do problema, o trabalho pôde prosseguir. Claro que aquela mulher sabia que lascas podem produzir fogo. Contudo essa idéia jamais lhe havia ocorrido em conexão com seu drama interno. Em busca de alguma solução, ela havia concebido muitas coisas, como poços de petróleo, por exemplo. Mas essa saída não tinha sido julgada acertada e essa sensação impediu-a de acionar tal solução. Nessas circunstâncias, estava escutando seus sentimentos, pois não sabia em que direção o trabalho iria acontecer. Ele estava acontecendo no rumo de um retorno à natureza, e não adiante, em busca de soluções fabricadas pelo homem para enfrentar o viver, como poços de petróleo tão bem representam. Em outro nível de trabalho, um poço de petróleo poderia ter sido uma boa solução, mas para aquele era necessário aguardar e não agarrar a primeira solução que saltasse à sua frente. Esse salto, aliás, não

leva a lugar algum. Vê-se aí uma escolha consciente, colorida porém pela participação dos sentimentos. A escolha não é arbitrária do ponto de vista intelectual, mas sem dúvida é uma escolha. O fator seletivo é, então, uma avaliação eminentemente sensível, pois a situação em que a pessoa se vê envolvida é um comprometimento emocional intenso que cobra a totalidade do ser participante.

Um homem que fez Imaginação Ativa ficou frente-a-frente com um ser colossal. Por ser tão gigantesco, e abarcar e interditar o mundo inteiro, parecia impossível qualquer movimentação sem que fossem assim destruídas coisas menores que, pela natureza do trabalho, tinham grande importância. Esse homem viu-se tomado de um frenesi. Estava muito consciente de estar lidando com uma situação que tinha influência direta sobre sua vida. Não se tratava de algo que pudesse descartar por insignificante. Foi quando lhe ocorreu, para seu imenso alívio, que por não ter proporções humanas, aquele ser não deveria ser humano, mas sim divino. Diante dessa idéia, um novo aspecto do problema veio para primeiro plano. Retrospectivamente, perguntava-se como não havia enxergado antes do que se tratava. Mas essa é justamente a questão: a pessoa fica numa situação, "cozinhando", até que a iluminação a alcança e alça para outro nível. Somente então é que surge uma iluminação autêntica, com uma mensagem específica. As coisas se tornam conhecidas num plano inteiramente novo. É esse aspecto que torna a Imaginação Ativa um processo extraordinário, tão poderoso.

O dr. Fordham assinala em seu livro *The Objective Psyche* que a Imaginação Ativa ajuda na mobilização da transferência analítica, conduzindo esse processo até um ponto em que o paciente torna-se independente do analista. Nesse sentido, promove a verdadeira maturidade. Este é também um importante aspecto de tal trabalho, pois, à medida que um método é usado principalmente

nos estágios avançados da análise, proporciona uma independência e uma estratégia utilizável na vida particular. Sendo assim, encerra a análise em seu senso mais estrito ou limitado. É um processo que exige trabalho independente e uma redução natural das horas de análise, conduzindo portanto a uma dependência mais acentuada em relação ao Si-mesmo. Assim, aquilo que era tão significativo como transferência analítica tem oportunidade de se transformar num relacionamento real e numa discussão objetiva de interesse mútuo. Dessa forma, a sabedoria do Si-mesmo substitui aquilo que, no início da análise, pareceu ser a sabedoria do analista.

No treinamento da ioga, os pensamentos esparsos precisam ser desemaranhados da teia de *avidya* (ignorância) e depois conectados. Essa superação é o primeiro passo para o crescimento. O homem ocidental tende a pensar que as fantasias que pipocam na consciência parecem tolices, mas se decidirmos conscientemente deixar que essa fantasia flua e a considerarmos com atenção e valorizarmos, essa própria atitude em si tem acentuado efeito à medida que, como objeto de nossa atenção, não serão mais idéias ou imagens passageiras e sem sentido, mas o inconsciente que verte em abundância material que o consciente pode começar a compreender. Esse aspecto nos remete de pronto à questão de como lidar com o material produzido, pois, em análise, a produção em si é insuficiente para ampliar a consciência e intensificar o entendimento. A interpretação dada pela própria pessoa é muito importante, mas o material produzido pelo inconsciente é sempre o melhor compreendido por analogia.

Com isso estou querendo dizer que a mitologia, as lendas, os rituais religiosos, os contos de fada etc. oferecem material que pode ser empregado como amplificação. Assim cresce a significação pessoal do mesmo e, si-

multaneamente, reconhecem-se as raízes coletivas desse material. Baynes diz que "o método analítico é indispensável em toda investigação psicológica. Na realidade, nossos limites científicos não poderiam jamais ser ampliados sem tal recurso; apenas deve ser moderado por um senso vigilante de realidade, para evitar que o método inteiro adquira má fama por uma atitude desleixada em sua utilização, quando se tentar sustentar e comprovar alguma tese para a qual não estão se apresentando quaisquer evidências. Na filosofia, na história, na psicologia, o método analítico tem sido atualmente recuperado como o caminho por excelência de tais disciplinas, quando corretamente acionado, para a coleta de um novo conjunto de fatos que deverá ser integrado a um corpo já conhecido de fatos cuja validade tenha sido comprovada num campo análogo de estudos."[1]

Descobri que, quando alguém tem dúvidas sobre a validade universal daquilo que o inconsciente produziu, a amplificação por analogia supera esse sentimento e que, por meio de tal procedimento, o indivíduo se torna mais capaz de entender e aceitar o mito e os mistérios de sua própria alma. Ele pode descobrir material analógico que o força a aceitar sua própria vinculação com a totalidade da raça humana e seus fundamentos intrínsecos.

O problema dos tipos psicológicos também participa de toda discussão em torno da Imaginação Ativa. É natural que pessoas diferentes tenham abordagens diferentes do inconsciente, assim como para determinados indivíduos abordar a realidade psíquica de qualquer modo que seja é difícil, quando não inteiramente impossível. Isso depende em grande extensão dos tipos psicológicos, como Jung evidenciou no livro *Tipos Psicológicos.*

[1]H. G. Baynes, *Mythology of the Soul*, p. 110.

Algumas pessoas inclinam-se com mais naturalidade à Imaginação Ativa do que outras e são capazes de desenvolver o pensamento simbólico, quer dizer, a imagem em si é dotada de uma faculdade de expressar-se "verbalmente". Todavia, independentemente de qual seja a função superior — se o pensamento, o sentimento, a sensação ou a intuição —, é preciso a presença de uma atitude introvertida para que o inconsciente possa falar. Jung diz: "As fantasias ativas são convocadas pela intuição, ou seja, por uma atitude dirigida à percepção dos conteúdos inconscientes nos quais a libido investe de imediato todos os elementos que emergem do inconsciente e, por meio de associação com material paralelo, os conduz a uma forma definida e plástica."[2] Além disso, acrescenta: "a fantasia ativa deve sua existência não apenas a um processo inconsciente unilateral, intenso e antitético, mas, em igual medida, à propensão da atitude consciente em acolher as indicações ou os fragmentos das associações inconscientes relativamente tênues e de incentivar seu desenvolvimento até se tornarem plenamente articuladas numa forma plástica através de associações com elementos paralelos. No caso da fantasia ativa, portanto, não se trata necessariamente da questão de um estado de dissociação psíquica, mas antes da questão de uma participação positiva de consciência."[3] Por outro lado, uma fantasia passiva, ou um sonho, podem irromper na consciência sem qualquer participação consciente, colocando assim em foco elementos opostos à consciência ou alheios a ela. Estes são os elementos que podem comprometer a integridade da atenção consciente na medida em que subtrai libido do ego consciente. Também faz parte da condição depressiva que antecede a verdadeira criatividade.

[2]C. G. Jung, *Psychological Types*, pp. 574 ss.
[3]Ibid.

É preciso que o inconsciente seja levado a sério, pois o que está em jogo é mais do que conversinha despropositada da pessoa consigo mesma; não obstante, é verdade que às vezes um trabalho altamente significativo possa começar com espírito de diversão, pois nele a pessoa coopera de modo bem-intencionado e acrítico, e dá livre curso ao processo, sem a interferência de preconceitos. Nesse sentido, a cooperação consciente acrescenta significado às imagens e discerne a orientação dada pelo inconsciente. A experiência tem demonstrado que, de um ponto de vista, o inconsciente é um processo enérgico com "diretividade potencial". Contém a substância da qual a própria consciência é constituída e depende. Apesar disso algumas pessoas sentem a mais intensa dificuldade em atribuir ao inconsciente algum objetivo sério e, aliás, qualquer realidade. Certo homem disse uma vez, quando lhe solicitaram que levasse seu sonho a sério, que aquilo deveria ser problema do analista, pois ele, como profissional, jamais poderia levar a sério qualquer diretriz insinuada num sonho. Para ele, *não passava* de um sonho, de nada além disso. Afora o fato de que tudo aquilo que tentamos desdenhar como irrelevante adverte sua própria importância, é preciso que aprendemos a aceitar a responsabilidade pelo inconsciente. Enquanto a pessoa não tomar essa atitude diante de si mesma, seu caminho manter-se-á predominantemente obstaculizado, embora o livrar-se de responsabilidades seja uma postura bastante humana e lamentavelmente estéril. O animal que se fizera presente no sonho daquele paciente certamente pertencia, em determinado sentido, a um âmbito arquetípico apessoal, mas era também o animal *dele* e o elemento que cobrava ser compreendido era sua forma de tratar essa imagem simbólica. O inconsciente estava vomitando uma verdade desagradável que não poderia levar a parte alguma enquanto prevalecesse o menosprezo intelectual. Ele era um tipo sensação extrovertido, para quem conceder realidade ao psíquico era muito difícil e para quem seria uma questão de prolongada instrução que não se passasse numa plataforma intelectual. A vivência é o verdadeiro conhecimento. Jung disse que sua "justificativa para poder falar da existência de processos inconscientes estriba-se inteira e exclusivamente em vivências."[4]

Está claro agora que a Imaginação Ativa é um direcionar consciente da atenção para o inconsciente; portanto, é um campo em que não cabe a interpretação redutiva de tais imagens ao que é sintomático. Já uma interpretação teleológica considera-as como símbolos que buscam atingir "uma meta inequívoca, com o concurso do material existente", encaminhando-se para um rumo futuro de desenvolvimento. Jung diz que "a fantasia ativa, na qualidade de atributo principal da mentalidade artística, faz do artista não somente um *representador* mas também um *criador*, donde, em essência, um *educador*, pois seus trabalhos têm o valor de símbolos que delineiam os marcos do futuro do desenvolvimento. A possibilidade de o símbolo ter uma validade social fatual mais ampla ou mais restrita depende da qualidade ou da capacidade vital da individualidade criativa."[5] Quer dizer, quanto menos preparado estiver, menos validade universal terão os símbolos, embora isso não altere para a pessoa a validade que possam ter. Em outros termos, quando brota do inconsciente um trabalho altamente simbólico que obtém a ajuda consciente, o caminho de sua evolução já terá sido depurado de elementos mais ou menos pessoais, o que faz com que emerja um trabalho mais simbólico e mais sintomático. Portanto, a Imaginação Ativa

[4]Ibid., p. 613.
[5]Ibid., pp. 58●ss.

em sua capacidade máxima só acontece nos estágios mais avançados da análise, evidenciando — e promovendo — a maturidade.

Platão já disse que o mundo é uma imagem móvel da eternidade, de tal sorte que com imaginação e intuição lembramo-nos de algo que sempre nos foi conhecido, não de ordem pessoal, mas sim arquetípica. Somos atraídos para esses símbolos porque também os conhecemos. Em algum ponto os conhecemos, porque os arquétipos se manifestam a partir da experiência coletiva da alma. São porém conhecidos "por trás de um vidro escuro". Jung assinala que os símbolos empregados na arte, na verdadeira arte, não são "particulares ou subjetivos, mas sim uma linguagem comum", que nos permite "uma comunicação com o passado e com o futuro, tanto quanto com o contemporâneo."[6] Não é a imagem, mas a realidade psíquica por trás da imagem, que importa. O artista é até certo ponto diferente dos demais, pelo fato de articular todas as funções e de muitas vezes depender da mais débil de todas para sua manifestação. Na Imaginação Ativa a pessoa torna-se artista criativo, embora eu não queira dizer com isso que o trabalho tenha necessariamente valor profissional. Costuma ser freqüente, com pessoas em Imaginação Ativa, que elas encontrem um modo artístico de expressão que não haviam usado até então. Quando é o caso de a pessoa apresentar uma forma com pronunciados elementos artísticos, outra é convocada para que o ego tenha que esforçar-se com uma forma nova e não possa aproveitar de suas vivências armazenadas.

O trabalho que veio ao meu conhecimento e que estarei apresentando nos próximos capítulos foi executado por um tipo intuitivo introvertido que sempre exibira al-

[6]Ibid., pp. 574 ss. Esta seção sobre Fantasia contém importantes explicações a respeito de Imaginação Ativa.

guma forma de expressão artística. É um trabalho feito na segunda metade de sua vida. Quando as obrigações externas de vida da pessoa tiverem sido cumpridas, ela pode começar sua busca espiritual. Essa paciente era bastante versada em pressupostos metafísicos. No plano intelectual havia apreendido muitas verdades significativas mas, depois de muito trabalho de Imaginação Ativa, essa pequena fantasia aconteceu e, ao ser interpretada em contexto analógico, criou uma vivência de coisas que tinham sido experimentadas pela intuição. Quando a pessoa começa a conhecer as coisas desta maneira é como se elas emergissem do próprio corpo e o conhecimento que se dá é de outro nível. Estas são coisas que conhecemos, e é a experiência pessoal que as torna reais. Jung diz: "...deve-se mencionar que, assim como o corpo humano exibe uma anatomia comum a despeito de todas as diferenças raciais, também a psique possui um substrato comum. A este último denominei inconsciente coletivo. Na qualidade de herança humana comum, transcende todas as diferenças culturais e de consistência, e não consiste apenas em conteúdos capazes de tornarem-se conscientes, mas ainda de disposições latentes para reações idênticas. Dessa forma, o fato de um inconsciente coletivo representa tão-somente a expressão psíquica da identidade estrutural dos cérebros humanos, independentemente de suas diferenças raciais. Por meio desse inconsciente coletivo, pode ser explicada e entendida a analogia para que abranja vários temas e símbolos místicos, assim como a possibilidade de existir um entendimento humano em geral. As várias linhas de desenvolvimento psíquico desdobram-se a partir de um cerne cujas raízes atingem longe, no passado. Também aqui encontramos um paralelismo com os animais.

De uma perspectiva estritamente psicológica, significa que temos instintos de ideação (imaginação) e de ação

comuns. Toda a imaginação e toda ação conscientes derivaram desses protótipos inconscientes e mantêm-se intimamente vinculadas aos mesmos."[7]

Em análise emerge muito material que faz referência direta à vida pessoal. Quando as coisas não podem ser consideradas por um ângulo personalizado, quando uma interpretação personalizada nada acrescenta e pode inclusive ser prejudicial e insensata, estamos diante de elementos que transcedem o pessoal, estamos no reino da realidade psíquica não-pessoal. Jung disse que "quando aparece no sonho (ou na Imaginação Ativa) alguma coisa que tenha pouco ou nenhum elo de ligação com a vida comum, ou que não existe na vida da pessoa em questão, podemos estar certos de que o inconsciente está expondo sua tendência a transmitir algo extraordinário ou incomum, cuja natureza específica irá depender da natureza do próprio simbolismo."[8] É a esse âmbito do não-pessoal que pertence o trabalho seguinte, muito embora, em si mesmo, molde o "individual", como de resto acontece com todas as experiências arquetípicas.

Todavia, assim que algo que pertencia ao inconsciente coletivo é verbalizado, escrito etc., pertence à consciência coletiva, apesar do indivíduo. Nesse sentido é mister trabalhar na revelação do inconsciente, para que o indivíduo não seja esmagado ou simplesmente usado por tal dinamismo. Com isso quero dizer que o trabalho realizado com consciência irá poupá-lo de cair em pensamentos ou atos inconscientes ingênuos, nos quais o ego não é levado em conta. As pessoas podem levar uma vida arquetípica. Por exemplo, conheci um homem que vivia o ideal do dever. Nem ele nem sua família conseguiam respirar com naturalidade. Ele nunca enxergou a necessi-

[7]C. G. Jung e Richard Wilhelm, *Secret of the Golden Flower*, p. 83.
[8]Ibid.

dade de ser humanamente comum. Como indivíduo, seu ego tinha sido tragado por um ideal. Somente quando sua esposa e filha saíram de casa foi que ele entrou no mundo por tempo longo o bastante para reconhecer a qualidade do humano. Sendo assim, fazer a relação entre material dessa ordem e a própria pessoa, sua atitude consciente significa penetrar no cenário das características humanas. Por tal razão é que a Imaginação Ativa exige a participação do ego, de tal sorte que a pessoa saiba em lugar de simplesmente permanecer como instrumento da revelação. Aquele que redige uma fantasia deve sempre indagar qual é o seu lugar nela. A coisa final mais importante não é o valor coletivo, mas o que este lhe significa em particular. Caso contrário, o valor se perde em meio a uma inflação inconsciente. O material poderia revelar grandes valores coletivos mas, para a participação, seu valor está em que toca a experiência de outras pessoas e revela novamente algumas verdades ancestrais. Ninguém pode seguir tal revelação ou transformá-la em sistema. Uma tentativa de segui-la ou sistematizá-la, a meu ver, é o que compõe o fundamento de muitas seitas espúrias. A revelação arrasta e desfaz a razão que a anima, em vez de ser por si mesma aduzida a atitudes conscientes já válidas.

Por conseguinte, já deve estar bem claro neste momento que a Imaginação Ativa não pode ser copiada. Se uma pessoa tem uma experiência, ela está na experiência. Se você tentar seguir a experiência de outra pessoa, será algo completamente do lado de fora, e você estará tentando viver a vivência de outrem, sem qualquer verdade pessoal.

Na discussão da Imaginação Ativa, só podemos dizer que esta é uma idéia de como acontece; trata-se de um exemplo tentativo. Posso ensinar alguém a pintar, mas sua pintura será diferente da minha, pois suas pin-

celadas e a própria tensão de suas mãos produzem diferença. E essa diferença é o que importa. *Essa* é a experiência e seu modo individual, e eu, embora possa ser sua professora, não posso fazer a mesma coisa. Portanto, enquanto analistas, podemos apenas encorajar e observar, mas nunca fazer no lugar do outro. Não existem exemplos exatos.

Quando a pessoa examina seu trabalho e o aplica a si mesma, pode dizer: "Então isto veio de mim!" Se tiver uma tradição cristã, pode dizer: "Sou cristão, com toda uma história pré-cristã como pano de fundo. É como se o crescimento inteiro do homem existisse em mim. Pertenço à luz e à escuridão da natureza, aos elementos espirituais e materiais da vida humana. Não obstante, tudo isso estava além da minha antiga atitude consciente." Ele sabe que é assim porque aconteceu *a partir* dele. Depois torna-se mais coletivo e, ao mesmo tempo, mais largo, mais inteiro. Ele se conhece mais a fundo e sabe onde as coisas são maiores do que ele, reconhecendo que tocou a realidade transcendente. Sua pequena atitude consciente não é mais a única coisa que existe. Depois ele formula algum tipo de filosofia e essa será a sua filosofia. Não é um empréstimo de mais ninguém. A longo prazo tudo é subjetivo. Mesmo que seja um grão de areia no vasto Saara, ele *é* esse grão de areia, e sua diferença é que ele se deu conta de sua relação com os outros grãos e de sua importância para o conjunto como um todo, pois vasto Saara deve sua existência a muitos grãos como aquele. No entanto, no seio de tudo está o mistério secreto que não pode ser transmitido sem que se perca. Ninguém que ler um processo de Imaginação Ativa irá apreender por inteiro o que tal mistério representou para quem passou pelo trabalho. E é assim que deve ser. Quando um mistério é traído ou vulgarizado, uma parte dele já está perdida. Só se pode indicar como as coisas são, como elas se

expressam, a partir do inconsciente. Ninguém pode ou deve tentar qualquer coisa além disso. Como analistas, só podemos curvar nossas cabeças perante uma verdade e um mistério que, como seres humanos, também nos ultrapassam. Embora não possamos mostrar "como" esse trabalho acontece, podemos ajudar pessoas a entrar nele e a questionar o fluxo que vem do inconsciente; ajudamos com uma interferência consciente que convoca o drama interior a perseguir uma meta consciente.

3
O INÍCIO DO MITO: UM TRABALHO DE IMAGINAÇÃO ATIVA COM COMENTÁRIO (O VELHO)

Este mito teve início depois de um sonho com um homem, conhecido da autora do trabalho há 30 anos. Ter contemplado o sonho desencadeou nela o mito que, naquela altura, não esperava que prosseguisse. Mas era como se, dada a partida, o inconsciente a partir de então impusesse sua presença e sua passagem. O homem com quem sonhara parecia sempre triste. Ela não conseguia recordar-se de momento algum em que ele não tivesse transmitido a impressão de suportar o peso de um sofrimento inexprimível. A dúvida que havia em sua mente era por que essa figura, de um passado tão distante, com quem não havia tido contato desde então, iria aparecer agora. Havia nela um significado oculto que, voltando-se para a Imaginação Ativa, esperava desvendar. Primeiro moldou em argila uma forma simples, acompanhada de uma fantasia escrita que começava da seguinte maneira:

> Era uma vez um homem tão triste que chorava muitas e muitas lágrimas. Ninguém conseguia saber por que ele era tão triste, e ele não conseguia dizer a ninguém o motivo, pois não parecia poder exprimi-lo. Assim, como ninguém conseguia enfim entendê-lo, foram-se todos embora e deixaram-no com o seu pesar. Ele se sentou e chorou tanto, e por tão longo tempo, que suas lágrimas transformaram-se num grande lago que o rodeou.



Lá estava ele, no meio desse grande lago, chorando sem cessar. Cresceram árvores em volta do lago. Cabeças de gado aproximaram-se, mas não podiam beber da água salgada, embora apreciassem a grama travosa que crescia nas margens. Pássaros vieram e saltitavam entrando e saindo da água, e peixes começaram a nadar em suas profundezas.

Então uma pequena sereia que brotara da salinidade do lago observou o velho, sentado no meio, chorando. Aproximando-se dele, tocou-lhe os olhos e o velho os abriu.

— Por que você está tão triste? indagou.

O homem respondeu:

— Sempre tive de sofrer e chorar. Não há ninguém comigo. Estou inteiramente só.

— Mas, disse a pequena sereia, você não está sozinho. Todos nós vivemos em suas lágrimas. Se você não tivesse sofrido e chorado, nem eu e nem os peixes teríamos tido um lar.

— Bem, talvez então eu não deva ser triste, ele disse. Se vocês todos estão tão contentes, talvez eu tenha algo com que me alegrar. E começou a erguer-se, diante do que a sereia disse:

— Por favor, não se vá. Se você parar de chorar, não haverá mais lago e não teremos mais nossa casa. Morreríamos ao sol.

— Você quer dizer que não devo me alegrar?

— Se você se for será o responsável e, depois, quando nos vir todos mortos, irá sentir-se novamente infeliz.

— Você tem razão. Isso quer dizer que tenho que continuar sofrendo. Mas é melhor que eu sofra para que então vocês possam viver. Se eu fosse embora, começaria a chorar de novo e isso seria um sofrimento mais amargo, por causa de minha culpa. Não tema, sofrerei para que vocês possam viver, mas, ao viverem, por favor, entendam por que eu sofro.

Depois de ter tomado essa resolução, fechou os olhos e as lágrimas começaram a brotar. A sereia ficou triste. Nadou de volta para o fundo, e ao passar pelos peixes estava imersa em profundos pensamentos. Aquele homem tinha de sofrer e, porque ela havia estado frente a frente com ele, e se vira constrangida a suplicar-lhe que continuasse, ela mesma seria, a partir de então e para sempre, consciente do sofrimento. Agora ela sabia que dentro de seu coração também existiria o sofrimento.

Antes de fazer alguns comentários psicológicos sobre essa primeira passagem da fantasia, sinto a necessidade de prefaciá-los com algumas observações.

A Imaginação Ativa, como processo terapêutico ou como meio de desenvolver uma consciência mais ampla, pode parecer ao leitor não só incomum mas até mesmo bizarra. Portanto, irei esclarecer um ou dois aspectos para que se possa seguir com a leitura do material, livre de empecilhos tais como objeções críticas. Primeiro direi que existe uma parede, uma parede necessária entre o consciente e o inconsciente. Essa é uma divisão indispensável para que possamos dirigir nossas vidas com o máximo de nossas aptidões. O homem primitivo tinha uma distinção muito precária entre o consciente e o inconsciente. As personalidades criativas dão rédea solta ao inconsciente e então este surte seu efeito, sem que tal fato seja

identificado. A atitude consciente é sempre contrabalançada no inconsciente, de tal sorte que, quando o consciente estiver por demais unilateral, intensificam-se aqueles processos inconscientes que são um fluxo e refluxo naturais às consciências primitivas ou rebaixadas. Esses componentes intensificados avançam pelo consciente e causam um efeito perturbador da ordem. Em outros casos, essas irrupções são completamente absorvidas pelo consciente, desprovidas de uma acolhida crítica, e com isso não há a contraposição ou o constrangimento.

Quando uma pessoa adota um julgamento crítico a seu próprio respeito, está lidando apenas com suas atitudes conscientes, e deixa de levar em conta a função reguladora do inconsciente. Como se poderá ver a partir do sonho que deu início a esta Imaginação Ativa, havia uma certa expressão de ânimo, sugerida pelo homem triste. Portanto, a sonhadora, a fim de deixar que o tema todo se desenvolvesse, entrou sem restrições no clima do sonho e anotou a fantasia que esse estado de ânimo produziu. Não foi um trabalho de "associação livre". O material não foi mais além de sua órbita original. Portanto, estamos diante de uma expressão simbólica do estado de ânimo, procedimento esse que proporciona enriquecimento e esclarecimento.

Toda atenção crítica foi eliminada, e por isso os elementos de alguma forma reunidos naquele estado de ânimo, e que deram início ao procedimento, puderam revelar-se. Dado que esses motivos subjacentes receberam carta branca e uma atenção consciente acrítica, começaram a articular por si a manifestação de alguns conceitos fundamentais da humanidade. Havia um motivo evidente para tal empreendimento psíquico, e o inconsciente teve a vontade de assumir o comando. Tal condição nem sempre está presente e, de fato, em algumas pessoas parece que jamais o estará.

Só mais tarde é que o ego assumirá o verdadeiro comando, ao entrar num acordo com o material inconsciente. Isso é necessário, pois o inconsciente não deve ser entendido literalmente — seu significado, pelo contrário, deve ser desvendado até que a pessoa se sinta satisfeita. Não irei me concentrar aqui no que decorre dessa *Auseinandersetzung*, pois que sempre é pessoal e intransferível. O que faço é apenas apresentar um trabalho como evidência do processo em nível profundo. O que é válido para uma pessoa não o é necessariamente para outra. Portanto, espero que o leitor possa acompanhar o material com interesse objetivo, sem tomá-lo por um prisma pessoal nem se deixar assediar por preconceitos filosóficos e intelectuais. Apresento simplesmente o material e a analogia; em alguns trechos cedo à tentação de expressar algo de sua mensagem psicológica, e sustento que o conteúdo da fantasia não é nem verdadeiro nem falso, e se trata tão-somente de um exemplo de como se passam as coisas no inconsciente. Sua importância individual só existe para a autora da fantasia.

Esta é a primeira parte de uma fantasia simples em que uma sereia é criada e responde a seu criador. Abaixo dessa dimensão vemos a milenar história da criança, contada e recontada de múltiplas maneiras. É mais do que um mito da criação, pois, ao prosseguirmos, veremos que à sua própria maneira o mesmo expressa a origem e o crescimento do consciente, com os muitos sacrifícios que esse crescimento exige.

Na figura do velho vemos uma espécie de caos inconsciente: há emoção e anseio e, deste ensaio, nasce algo. No plano psicológico é a tristeza e a depressão que antecedem a criatividade, condição esta permanente quando a libido é atraída de volta para o inconsciente. Todo artista criativo sabe da tristeza, da emoção e do anseio que precedem sua criação. Trata-se de uma situação arquetípica inerente à ânsia criativa, quando o homem une-se com seu criador. O velho é o deus ansiando por sua criação, por aquela que irá permitir-lhe o preencher-se a si mesmo: o círculo de lágrimas em que está sentado é, por um lado, o estado inconsciente, e, por outro, a natureza todo-abrangente da deidade da qual poderia emergir alguma coisa. O homem é a totalidade inconsciente[1] e a água em que se senta é a sua natureza todo-abrangente. Sua tristeza é um anelo inespecífico. Não antes do aparecimento da sereia ou da mulher é que ele pode alcançar o estado consciente. O criador deve ter um percebedor para que exista para alguém. Antes do surgimento dessa figura feminina, havia uma totalidade inconsciente; a partir de seu advento, com as questões que coloca, ela passa a pôr as coisas em movimento para ambos. Ela é a pergunta no coração do Deus que precisa do homem para se tornar conhecido, como se Deus se tornasse consciente através da consciência do ego. A mulher como sereia é a consciência em seus primórdios, o cerne do ser, a forma ou o conceito em desenvolvimento daquilo que vem a ser a consciência divina.

Pitágoras chamava o mar de lágrimas de Saturno. Em suas escuras profundezas ocultam-se forças desconhecidas. Na fantasia as aves saltitam, entrando e saindo dessas águas. É a intuição espiritual penetrando no escuro do inconsciente, e os pássaros seriam um símbolo de Sofia, a que estava com Deus "desde o início".[2] Aves sempre têm uma conotação espiritual. A fantasia continua dizendo que os peixes começaram a nadar nas profundezas do lago, de modo que havia vida e movimento nessa grande força inconsciente. O peixe, em si, tem um vasto significado que o dr. Jung apresentou de forma rica e ampla em *Aion*.

[1] C. G. Jung, *Aion*, p. 212.
[2] Provérbios 8,22ss. Sofia é a Sabedoria de Deus.

Há uma conexão distinta entre o velho na fantasia e Oannes, o deus da cultura babilônica que era um peixe. Khidir, deus persa das coisas verdes e que crescem, nasceu da água onde desapareceu o peixe quando se empreendeu a busca pela fonte da vida eterna. Como Oannes, ele era um deus envolto em véus, e que proclamava sua sabedoria divina. A fotografia do modelo de velho, feita enquanto a fantasia estava sendo escrita, mostra que essa é uma figura com véu. O inconsciente torna a aportar aquelas idéias que já são conhecidas de antes e em muitos modos, pois o velho também é um deus velado. Ele é o "velho do mar" que, quando aprendido, pode levar à descoberta da alma (Helena).[3] Ele vem repetidas vezes, mudando suas formas, de vapor d'água a fogo. Precisa ser captado rapidamente para poder revelar sua sabedoria secreta. O paradeiro de "Helena" era segredo do velho do mar, Proteus, e, como poderemos ver após o encontro com a sereia (a ainda semiconsciência), ele, o velho de nossa fantasia, revelou o paradeiro da Sabedoria, a velha que deu ordem ao mundo.

O velho está no centro do lago. Ele é tanto o centro quanto o ponto de origem; cercado pelas águas que fluíram dele, é o símbolo arquetípico de Deus. Quando falamos de um símbolo ou de uma imagem de Deus, não estamos em absoluto fazendo uma declaração metafísica do que é Deus. Essa é uma imagem que transmite a idéia do centro e do começo. A ele pertence o oceano, o inconsciente em que já existe o sal de onde a sereia vem a existir. Temos uma imagem do anseio que existe dentro do deus e que começa a movimentar-se e assumir uma forma. Permanecer imerso no seio dessa totalidade não é criativo, ao passo que separar-se é o início do progresso. Somente após uma separação é que começa o processo de

[3] *Odisséia*, Homero.

vinculação. Na vida real, é verdade que uma mulher prisioneira do *animus*, que vive no âmbito dos deuses masculinos (o que, aliás, é muitas vezes o destino da mulher moderna, para quem a ênfase maior recai no Logos e no princípio masculino), não pode realmente relacionar-se pois os valores de Eros não recebem crédito. Ela precisa separar-se dos deuses do Logos e nascer de novo no seio de Eros.

A sereia é a vida que veio do mar. Esse mar continha em seu bojo o humano em estado latente. Neste sentido, é abordada a história da evolução antes da existência do homem. Em outras palavras, quando a vida pela primeira vez se agitou nas águas, lá estava o homem, como possibilidade. Evidentemente, aqui entramos no âmbito da intuição da vida potencial, vinculada no "verbo".

Entretanto, não está apenas dito que a mulher veio do lago, mas que, especificamente, ela veio da *salinidade* do lago. Isto sugere o elemento qualitativo, o fato de ela encarnar uma qualidade do velho, o que condiz perfeitamente bem com as idéias religiosas em geral. Em seu livro *Psicologia e Alquimia*, Jung faz uma citação extraída do Rosarium, um texto alquímico de meados do século XV, que é a seguinte: "Quem portanto conhece o sal e sua solução, conhece o segredo oculto dos antigos sábios. Volte então sua atenção para o sal, pois somente nele (que é a mente) oculta-se a ciência, e ele é o mais excelso e oculto segredo de todos os antigos filósofos." Jung amplia este comentário dizendo o seguinte: "O texto em latim tem 'in ipsa sola' referindo-se, portanto, à 'mens' (mente). Seria presumir um duplo erro da impressão se, afinal de contas, o segredo estivesse oculto no sal. Mas, na realidade, 'mente' e 'sal' são primos próximos — cum grano salis! Sendo assim, segundo Khunrath (alquimista da Idade Média), o sal é não apenas o centro físico da terra, mas, ao mesmo tempo, o grão de sabedoria daquilo que diz:

'Portanto volte seus sentimentos, sensações, razões e pensamentos para o sal apenas.' O autor anônimo do Rosarium diz, em outra parte, que o trabalho deve ser executado 'com imaginação verdadeira, não fantástica', e a pedra será encontrada quando a 'busca incidir principalmente no buscador' ".[4]

Na palestra da srta. Hannah sobre a Polaridade da Psique,[5] ela fala do fato de Jung, em seu *Mysterium Coniunctionis*, ter reunido inúmeras citações para demonstrar que o sal é representado na alquimia como elemento amargo, como solvente, como origem das cores e que era considerado feminino; de tudo isso ele conclui que o sal é o símbolo dos sentimentos diferenciados, da capacidade de vincular-se (Eros) com apoio da sabedoria. Ele diz: "Uma confirmação de nossa interpretação do sal como Eros, ou seja, como a capacidade de formar vínculos afetivos diferenciados, também é dada pelo fato de a amargura ser a origem das cores. Como se pode constatar a partir das pinturas e desenhos de pacientes, como adjuntos da sua análise pela Imaginação Ativa, as cores representam valores dos sentimentos. É comum observarmos que no início só é usada a caneta ou o lápis com o propósito de conservar esboços fugazes de sonhos, intuições ou fantasias. Mas, de certo momento em diante, o paciente começa a empregar a cor e, na realidade, é esse momento em que um interesse estritamente intelectual é substituído por uma participação afetiva. Vê-se ocasionalmente o mesmo fenômeno nos sonhos, que se tornam definitivamente coloridos em momentos como esses..."[6]

Como criatura feminina, como figura de Eros, então a sereia era a vinculação afetiva expressa pelo sal e, como

[4]C. G. Jung, *Pychology and Alchemy*, p. 244 (as inserções entre parênteses são minhas).
[5]Srta. Hannah, C. G. Institute, 1955.
[6]C. G. Jung, *Mysterium Coniunctionis*, p. 248.

Jung assinalou em *Mysterium Coniunctionis*, com apoio da Sabedoria. Isso é posteriormente produzido pela própria fantasia, mostrando como o inconsciente associa com muita naturalidade aquelas coisas que sempre estiveram ligadas.

Aqueles que conhecem salinas sabem como elas refulgem e refletem com nitidez e intensidade todas as nuances do alvorecer ao entardecer. Oriunda dessa salinidade, ela não só é essência e centro, mas ainda, como ser feminino, reflete a natureza colorida do deus. As mudanças na cor de uma salina são afetadas pelos raios do sol. O sol é a consciência ou Logos, que dá vida a Eros. Esses dois princípios da vida, o sol (Logos) e a lua (Eros) são interdependentes, e assim somos de imediato levados a outro motivo da fantasia. A sereia tocou os olhos do velho.

Na mitologia, os olhos são muitas vezes os representantes do sol e da lua. "Os olhos do Senhor que varrem a terra inteira de um lado a outro."[7] No Nisattva Manjveri budista, o sol e a lua são os olhos de Deus. No Egito, o sol era tido como criador do homem. Os olhos do sol foram arrancados de suas órbitas e caíram na terra para criar o homem. Em alguns mitos ancestrais, os olhos de Adão foram feitos do sol e da lua, quando Deus juntou os quatro cantos da terra para criá-lo. A abertura dos olhos nessa fantasia foi um ato importante. Como os mitos antigos, não é a criação do ser físico o que está em jogo, mas sim a origem da consciência. É aqui que observamos a infância da humanidade. A esse respeito diz Jung: "Logos e Eros são equivalentes intuitivos, formulados intelectualmente para as imagens arquetípicas do sol e da lua. A meu ver, esses dois astros são tão descritivos e tão superlativamente gráficos em suas implicações que os prefiro às palavras Eros e Logos, mais ordinárias, embora esses dois vocábulos sem dúvida apontem com mais minuciosidade deter-

[7]Zacarias 4,10.

minadas peculiaridades psicológicas que os termos 'sol' e 'lua', mais indefinidos. O uso dessas imagens exige, de qualquer modo, uma fantasia vívida e desperta, e este não é um atributo daqueles que, por temperamento, inclinam-se a conceitos puramente intelectuais. Esses oferecem-nos algo completo, terminado, ao passo que a imagem arquetípica nada tem a não ser sua nua plenitude, que parece inapreensível ao intelecto. Os conceitos são valores cunhados e negociáveis: as imagens são a vida."[8]

Foi a partir de ter tocado os olhos, que se abriram e permitiram a percepção de sua existência, que ela soube que havia algo mais além de si mesma. Por sua conscientização da existência desse outro, ela tornou-se separada de Deus. Esta é a primeira expulsão do paraíso. O sol e a lua, de cujas lágrimas ela havia sido concebida, também foram seu despertar.[9] De maneira muito parecida ao que acontece por ser o homem o pequeno e aparentemente pessoal portador do princípio de Logos, que é um princípio que o transcende em sua validade universal, ela também é iluminada pelo princípio de Eros, que é igualmente transcendente e pertence ao reino de Deus. No mito, a primeira reação da sereia foi um sentimento, e mais tarde, ainda no mito, um coração lhe foi concedido pela deusa Sabedoria. Os princípios Logos e Eros pertencem ao âmbito do grande mistério que o homem vive. Eles vêm até ele como se fosse de fora e, como o sugere a fantasia, lhes são outorgados pelos deuses. Esses atributos são a dádiva implícita na criação e, assim, parecem inerentes ao homem.

Ao emergir do lago e tornar-se ativa em seu próprio interesse, a sereia tornou-se uma entidade com sentimentos e capaz de reconhecer a tristeza. Imerso em seu pro-

[8]Jung, op. cit. p. 180.

[9]Sol e Lua são masculino e feminino, e representam também o consciente e o inconsciente. Na alquimia, o sol era o ouro e a lua, a prata.

cesso de expansão da consciência, o homem tem-se sofridamente arrancado dos braços da natureza e da inconsciência. Esse processo é vivenciado como tristeza e culpa. No decurso dessa emergência o homem é forçado a distinguir o "eu" do "outro". Ao ser forçado a sair daquele estado que Levy-Bruhl designou como "participação mística", ele sente a culpa e a tristeza da separação.[10] Tornar-se independente é também uma responsabilidade, estando em oposição à sua condição original. Ele precisa tornar-se um deus-homem, uma criatura-Logos, quando estiver separado e for responsável. Assim, a fantasia diz que a sereia estava feliz na inconsciência até ter encontrado o outro e ter-se ela mesma tornado consciente.

Quando o velho se deu conta de que os outros estavam felizes, ele sugeriu ser ele mesmo feliz, mas isso teria significado a morte da sereia. Se ele assumisse o papel de suas criaturas, não haveria mais separação, e a consciência iria novamente perder-se. É preciso que haja a separação entre deus e o homem. Ela havia alcançado uma certa conscientização, de modo que lhe pediu o direito de viver enquanto ele permanecesse sofrendo. De uma condição insuportável nós criamos algo melhor. O contentamento nunca força a pessoa a se empenhar. Agora ele tinha uma realidade com um novo significado, do qual desejava par-

[10]Todo ato de cultura é um afastamento da natureza e só se pode retornar em segurança à natureza num nível mais elevado do ser, reconhecendo dessa maneira a unidade, em lugar da relação inconsciente de ser contido por. Como Jung já salientava, se o inconsciente fosse a melhor condição, o mundo primitivo seria o estado ideal, e no entanto é repleto de medos e superstições estranhas. O que nos é possível devolver à Deidade é a união num nível mais elevado. Há também a verdade de que permanecer num estado inconsciente em razão de uma fixação parental também desencadeia culpa, por causa da negação da vida aí implicada. O homem ergueu-se perante a natureza (assim como o filho deve erguer-se perante seus pais) porque essa era uma demanda fervendo no seio da própria natureza, impelindo rumo a um estado que é a um só tempo de imitação e desafio da divindade. Essa é a própria situação que levou o homem a uma condição de ateísmo em que o intelecto e a razão recebem todos os créditos, e em que se negam o feminino irracional e a união com a natureza.

ticipar. Ele não poderia nem voltar nem ceder e, como é verdade da vida, não se pode fazer retorno. Ela perguntara algo a seu criador e ficara presa na indagação, tal como nós somos prisioneiros da consciência que adquirimos.

Jung disse que todo aquele que conhece Deus o influencia de alguma maneira e que a "existência só é real quando é consciente para alguém. É por isso que o criador precisa do homem consciente... pois a mais absoluta solidão e o mais pleno anelo seriam os companheiros de tortura da inexistência."[11] A sereia era o produto do lado feminino do deus, da sua salinidade intrínseca, e, pela disponibilidade nela presente para sofrer a culpa, ela os prendeu a ambos no drama da vida. O princípio feminino, ou mundo criado, sempre deu ensejo à responsabilidade pelo sofrimento. A sereia era a criação especial, destacada pelo deus, para o cumprimento de seu destino. Na vida, é tarefa na individuação da pessoa aprender que ela é uma criação especial, responsável pelo destino de Deus. Jung disse: "Se se considera em sentido literal a doutrina da predestinação, fica difícil ver como ela se coadunaria no referencial da mensagem cristã. Mas, numa dimensão psicológica, como meio de efetuar um efeito definido, pode ser rapidamente entendido que essas referências à predestinação conferem à pessoa um sentimento de distintividade. Se a pessoa sabe que foi selecionada por escolha e intenção divinas, desde o início do mundo, então ela se sente alçada para mais além da transitoriedade e da ausência de sentido da existência humana comum e transportada para um novo estado de dignidade e de importância, como alguém que tem um papel no drama mundial divino. Desse modo, o homem se aproxima de Deus e isso está de inteiro acordo com o significado de mensagem contida nos evangelhos."[12]

[11]C. G. Jung, *Answer to Job,* pp. 16ss.
[12]Ibid., p. 73.

4

O MITO COM COMENTÁRIO (Cont.)

A VELHA

A sereia nadou até o homem e disse:

— A vida não é mais o que costumava ser. Não posso mais contentar-me com o mero colher flores marinhas para o meu jardim. Sempre sofro com uma dor em meu coração e desejo saber o que existe além do mar. Fico me perguntando de onde você teria vindo e não sou mais contente.

O homem abriu seus olhos e olhou-a, compadecido.

— Também eu estou condenado — disse ele — e, no entanto, aceitei permanecer como sou para que você possa viver.

— Sim, eu sei. Isso também faz parte de meu sofrimento, mas não de todo o meu pesar. Nasci de suas lágrimas, como Eva nasceu das costelas de Adão, mas não fiquei feliz ao saber. Em meu estado original eu era feliz.

— Você veio com curiosidade e tocou meus olhos, e agora ambos estamos mais infelizes. A minha tristeza porém tem um propósito.

— Você disse que fui eu quem fez tudo... Bem, também há um sentido em minha tristeza. Eu anseio e houve um tempo em que eu não sabia o que era ansiar. Contudo, não sei pelo que anseio, pois tudo está muito distante. Estou confinada e não quero estar confinada.

O velho parecia pensativo. Então disse:

— Vá e nade três vezes ao redor do lago. Depois, diga-me o que viu.

A sereia obedeceu e quando estava quase terminando a terceira volta nada havia acontecido ainda. Ela se jogou sobre a pedra que estava perto da margem do lago e chorou

alto. — Sou e não sou... e a culpa é do homem! Chorava com tanta amargura que parecia o suspiro do vento através das árvores. Então uma voz se fez ouvir.

— Por que você está tão triste, sereia?

Por um momento, ela teve medo de erguer os olhos. Em outra ocasião, ela mesma havia dito exatamente aquilo para o homem. Assim, depois do confronto com seu medo, olhou para o alto em meio às lágrimas. Uma velha estava sentada no topo da rocha, tricotando. — Não sei — arriscou-se a responder a sereia. — Exceto que anseio; exceto que meu coração está despedaçando de tanto doer. E eu não posso mais ser o que já fui.

— Então, o que é que você gostaria de ser? — a velha indagou.

A sereia pensou um pouco. — Qualquer coisa. Aceitarei o que acontecer.

— Talvez o que aconteça é você ficar exatamente como é.

— Não, chorou ela, não, isso não posso aceitar. Veja — e olhou para a mulher comparativamente — não sou como você ou o homem. Não sou nem mulher nem peixe.

— Seu coração é o de uma mulher que sofre.

— Você pode me ajudar?

— Sim, se você aceitar o fogo que arde nele.

A sereia parecia desnorteada. — Quem é você? — perguntou.

— Sou aquela que tricotou o mundo, ponto por ponto. Como o homem, estou comprometida. Com estas duas agulhas faço o trabalho, mas se parar, as coisas todas chegarão ao fim.

— Então você deve saber muitas coisas.

— Sim, disse a mulher, sou a "Sabedoria". Um dia tricotei um coração e por que foi você quem fez uma pergunta, ele se tornou seu.

— E se tornou o sofrimento do homem também...

Sabedoria meneou a cabeça num assentimento mudo.

— O que — aproximando-se, perguntou a sereia — você acha que eu devo fazer?

— Nem mesmo eu posso aconselhá-la, disse Sabedoria. O problema é todo seu. Quando você começa a perguntar, parece que nunca mais vai acabar. Seu coração lhe dirá melhor tudo o que você quiser.

— Eu quero subir à terra, ir entre as árvores e não morrer sob o sol escaldante. Mas, acima de tudo, gostaria de ter asas para que pudesse pairar pelo céu e conhecer todas as coisas.

— Você pede muito — disse Sabedoria.

— Meu coração pede muito, pois dói muito.

— Então pegue esta corda — disse Sabedoria. Volte até o homem e durma perto das pedras aos pés dele, mas primeiro amarre a corda em volta de você.

A sereia pegou a corda e enrolou-a em seu corpo. — Você vai estar aqui quando eu voltar? — perguntou.

— Estarei aqui.

Na manhã seguinte, quando a sereia acordou, sentiu algo estranho. Olhou para o homem, um pouco acima, e ao se movimentar em sua direção percebeu que tinha as asas de um pássaro. Foi tão grande seu prazer que esqueceu-se do homem e estendeu a asa à brisa da manhã. Ergueu-se no ar e voou como um raio por entre a montanha e o riacho, os arranha-céus das cidades e os desfiladeiros. Prosseguia sem parar, cada vez mais alegre, subindo sempre mais, às vezes volteando um pouco mais embaixo.

Enfim, ficou cansada e quando viu pássaros sentados nas árvores decidiu reunir-se a eles. Dobrou as asas para pousar, mas teve de se segurar com as mãos nos galhos. Tentou acomodar seu corpo de peixe no ramo, mas não havia como. Suas asas estavam cansadas e agora seus braços também doíam. Esgotada, caiu no chão. Sentia-se encalorada e desconfortável.

— Ai, como voltar para casa — chorava ela, e uma cobra que passava parou para fitá-la...

— Se você se segurar em minhas costas, disse a serpente, posso arrastá-la comigo para uma parte do caminho.

— É por causa destas asas, explicou ela. Acho que fui longe demais.

— A maioria dos que têm asas fazem isso, retrucou a cobra. Por que você não pediu pernas?

— Eu queria algo melhor.

— Se era para ter algo melhor, você deveria ter pedido a sabedoria e a alma imortal que ela tem. Então poderia ser humana, se quisesse. Mas isso não é fácil. Os humanos são cheios de ardor e de paixões avassaladoras, sempre em busca de sua imortalidade em Deus, construindo arranha-

céus e igrejas. Sabe, se eu fosse você, voltaria ao fundo das águas. A vida humana é uma luta sem tréguas. Você pode ser feliz em seu jardim, dentro da concha.

— Não posso e, além do mais, há o homem.

— Mas ele mesmo fez assim.

— Não, não exatamente. Nunca tenho muita certeza disso.

— Esse é o tipo de dúvida que os humanos têm. É aqui que devo deixá-la.

— Mas como vou continuar?

— Você conseguirá.

— Ela experimentou com as asas, mas elas estavam muito desgastadas para se erguerem. O sol a escaldava. Então arrastou-se até uma sombrinha, perguntando-se a que distância estaria o lago. Foi quando um pássaro baixou a seu lado.

— Se você quiser pegar as minhas pernas, ele disse, posso dar-lhe uma carona por cima dos prados, até perto do seu lago.

Deliciada, ela se firmou à ave... — Sabe, disse ele — eu não daria tanto crédito às palavras da serpente. Não acho que você esteja fazendo as coisas do jeito certo, mas acredito que você tem os desejos certos em seu coração. Por que não conversa de novo com Sabedoria? — sugeriu o pássaro, baixando para deixá-la na pequena ilha, onde o homem sentado estava chorando.

— A única coisa que eu quero, disse ela, é dormir. O calor da terra e o cansaço de voar foram demais para mim.

Ela deslizou pelas pedras até a água fria, pensando em como era confortável sua cama de algas. Mas, por mais que tentasse, não conseguia afundar, pois as asas faziam que boiasse à superfície da água. Lutou e debateu-se, e depois, em desespero, adejou até a margem do lago e chorou mais uma vez.

— Por que você chora de novo?, quis saber Sabedoria. Não está com as asas que queria? Não aprendeu muitas e muitas coisas?

A sereia deixou a cabeça pender. — É verdade, aprendi. Adoro o céu e as árvores, mas não pertenço a parte alguma. Não sou ave, nem besta, nem peixe, não posso descansar com os pássaros, nem andar sobre a superfície da terra, e não posso mais permanecer no fundo do mar.

Não há mais descanso para mim. Se você não se importar, gostaria que retirasse as asas.

— Elas cairão por si agora que você percebeu que no seu caso elas não têm qualquer serventia.

— E no entanto, Sabedoria, não quero simplesmente afundar na água. Vi coisas demais.

— O que é a coisa que você mais quer?

— Toda a sua sabedoria e todo o seu poder para que eu possa fazer aquilo que me der vontade.

— Isso ninguém pode ter, disse Sabedoria.

— Você pode me dizer quem lhe deu todo esse poder e toda essa sabedoria?

— Eu apenas sou. Mas, sabe, nada é para uma pessoa só. Até mesmo eu reparto aquilo que tenho.

— Estou pedindo muito? A serpente sugeriu que eu devia pedir e que devia pedir não só isso, mas também a imortalidade.

Sabedoria sorriu: — Todos pedem demais às vezes. Mas é bom não querer tudo para si somente.

A sereia nadou um pouco, pensando. O que poderia ela desejar que não fosse apenas para si? Depois de ter tido uma idéia, nadou de volta até Sabedoria.

— Se você me der duas pernas, disse, posso viver na terra e então o homem estará livre. Ele não vai mais sentar o dia todo e chorar para que eu possa viver. Tenho certeza de que assim seria melhor.

— Pode ser, respondeu Sabedoria. Mas será que esse gesto é realmente pelo homem?

A sereia abaixou de novo a cabeça. — Bom, é principalmente para mim.

Sabedoria sorriu compadecida:

— Então vou dizer-lhe o que fazer. Vá até o peixe-espada e peça-lhe que abra seu peito. Então pegue o seu coração e ofereça-o para o homem.

— Ah, isso eu não posso! Eu morreria. Não posso e não vou sacrificar meu coração pelo homem.

— Você veio das lágrimas dele e ele continua a chorar por você. Você sabe o que é sofrer e esse sacrifício irá salvá-lo.

— Mas essa não é a solução que eu queria. Eu queria alguma coisa para mim também.

Ela se afastou, nadando, circundando o lago e, enquanto nadava, pensava: — Eu vou ficar fazendo isso para sem-

pre e o homem continuará chorando para sempre, pois ele prometeu fazê-lo. Assim, não vai acontecer nada de novo.

De modo que, com grande esforço, abordou o peixe-espada que, com sua grande e afiada lança, rasgou-lhe o peito. Ela então nadou até o homem e, com seu sangue tingindo a água, estendeu seu coração e o ofereceu a ele...

— Eis meu coração. Ofereço-lhe de volta a vida que você me deu. Você pode viver sem sofrimento. Parece uma tolice que nós dois devamos continuar mantendo esse círculo interminável. Devo encontrar um lugar para mim e um propósito da minha vida, e parece-me que esse seja o meu propósito. Por favor, não chore por mim, pois meu sacrifício teria então sido inútil.

O velho tomou o coração que lhe era oferecido e a sereia afundou na água aos pés dele.

Houve uma prolongada e poderosa tempestade no lago: os relâmpagos rasgavam o ar e o vento soprava. A chuva caiu até que o lago ficou tão cheio que se tornou um rio que escoou para o mar.

O velho então pôs-se em pé, tomou a sereia em seus braços. O coração dela havia crescido tanto que se transformara num castelo sobre as rochas, e dentro dele, o velho a depositou no chão.

Ela logo abriu seus olhos e viu o que havia à sua volta. Ao reparar no homem disse:

— Estou morta. Entreguei meu coração; eu não sabia se iria ainda acontecer mais alguma coisa. Diga-me, este é o céu dos imortais?

— Talvez, disse o velho, talvez.

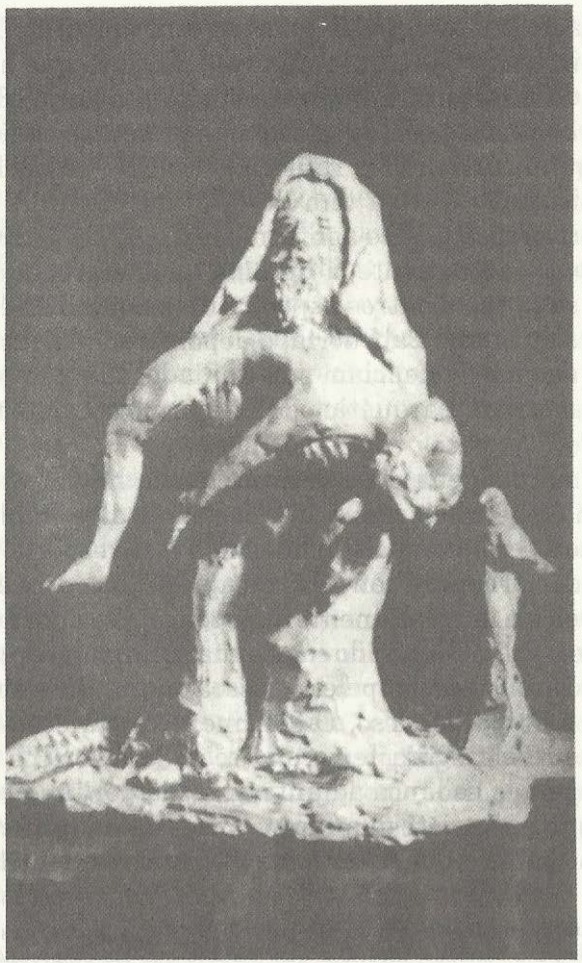
Ela então baixou os olhos para se ver e viu que era uma mulher. Levantou-se e andou um pouco. — Então isso é a morte — sussurrou.

— Então é isso a vida, disse ele.

— Mas como pode ser? O que aconteceu com o meu coração?

— Isso diz respeito a nós dois. Sabedoria deu-lhe um coração novo. Nada que você sacrifica será realmente perdido. Só se modifica. Mas se você tivesse sabido disso antes, não teria sido a mesma coisa e não teria havido o sacrifício.

— Sabedoria disse que me daria um pouco de seu saber... mas não tudo.



— Ah, sim, mas primeiro, um novo coração que você tenha condições de conter e suportar.

— Sim, preciso suportar o devir, ela disse.

Depois de a cliente ter concluído a redação deste trecho de sua fantasia, sonhou com um cavalo de prata que

saltava de seu coração. Despertou com um ritmo intenso de batimentos que durou alguns dias, fato que atesta o efeito de um contato tão íntimo com a psique. Embora esse trabalho seja em grande parte projetado como escritos alquímicos, e não se refira à psicologia pessoal em si, a participação efetiva tem de fato um efeito. A sereia-mulher sempre parece agir como um ego. De certo modo, é o ego do inconsciente, a heroína que empreende a viagem e se reúne a outros aspectos da psique. Ela é o vaso através do qual a Sabedoria, e depois a sombra da Sabedoria, agem e evidenciam sua unidade. Ela não coincide com o ego, mas é arquétipo do Si-mesmo coexistente com Deus.[1]

Uma pequena dose de consciência havia tornado a agonia de permanecer na inconsciência algo intolerável; por isso a sereia consulta o homem a esse respeito.[2] Quando ela declara que a condição em que se encontra é insustentável, ele imediatamente a responsabiliza por isso. Em análise isso é reconhecido como uma artimanha do *animus* que, por um lado, impele a pessoa numa direção e, por outro, a culpa por isso. O sofrimento fortaleceu-a a tal ponto que ela agora tem condições de fazer-lhe frente, pois a pessoa se lança adiante, movida por uma necessidade que não existe quando as coisas estão confortáveis. Ele não sabia o que fazer, pois ele mesmo dependia dela

[1]O fato de seu desejo de ser consciente e o fato de que brotou das lágrimas do homem, a Divindade, mostram que a busca que ela empreende é a da própria divindade. O crescimento da consciência e do conhecimento do homem não é, como em geral se assume, um ato inteiramente humano. Também é aquilo que está agindo através dele, do qual é um instrumento e um servidor. Independentemente do quanto se presuma divino e livre, o homem está a serviço de outrem.

[2]A heroína é o feminino abstrato. Ela é o Si-mesmo que molda o ego. Ela não é uma pessoa, mas um arquétipo, comum à humanidade. Essa disposição geral indica uma figura do Si-mesmo. Si-mesmo é aquilo que é inerente, e o ego é o instrumento do Si-mesmo. Ela se comporta como um ego. Ela é o substrato comum a todos os egos. O ego também tem aquilo que é comum a todos os egos.

para ser consciente num plano mais humano. A natureza que se compõe de opostos deve sempre depender do homem para colocar-se numa equação humana. Salomão assinala a necessidade da equação humana quando mostra que a irmã da Sabedoria (Pr 7,21) provoca o homem para que adentre o caminho de sabedoria secular, enquanto a Sabedoria mesma (Pr 8,22) exalta a sabedoria espiritual. Entre ambas, a prerrogativa humana parece ser a da escolha. Veremos, com o transcorrer da história, que a sereia irá gradualmente sendo forçada a emergir da inconsciência para exercitar a prerrogativa humana da escolha e sua responsabilidade conseqüente. Por conseguinte, o velho sugere que ela nade três vezes em volta do lago, pois a alma deve encontrar o caminho que não é nem óbvio nem passível de ser determinado pelo Logos. O três é um número dinâmico, e um motivo comum nos contos de fada é ter que tentar três vezes. É uma luta entre o feminino e o masculino e também um teste de resistência, pois sem dúvida é inútil obter algo que não se tenha como suportar. Não é de todo inesperado que, após cruzar o lago três vezes, ela tenha chegado ao quatro. Ela descobre a Sofia ou Sabedoria sentada nas pedras e, dessa forma, tem contato com o princípio criador feminino, aquele princípio que tem estado em funcionamento sem seu conhecimento.

Em Provérbios 8, Sabedoria diz de si mesma:

> "O Senhor possui-me no início de seu caminho, desde o princípio, antes que criasse coisa alguma. Desde a eternidade fui constituída e desde o princípio, antes que a terra fosse criada. Ainda não havia os abismos e eu já estava concebida; ainda as fontes das águas não tinham brotado (...). Quando ele preparava os céus eu estava presente, quando assentava os fundamentos da terra eu estava com ele, eu estava com ele regulando todas as coisas; e cada dia me deleitava, brincando continuamente diante dele, brincando sobre o globo da

terra, e achando as minhas delícias em estar com os filhos dos homens.[3]

No Eclesiástico, ela se descreve como Logos ou o verbo de Deus: "Eu saí da boca do Altíssimo".[4] A Sabedoria ou Sofia é o hálito ou pneuma da natureza feminina que existia desde antes do "alvorecer". Ela, como espírito, movia-se por sobre as águas do início. Sua alegria é viva nos filhos dos homens, e como "psicopompo" ela conduz o caminho até Deus. A seu respeito Jung diz: "Ela é de fato quem 'regula' todas as coisas; realiza os pensamentos de Deus revestindo-os de forma material, que é a prerrogativa de todos os seres femininos. Sua coexistência com Javé significa o hierosgamos perpétuo, do qual os mundos são concebidos e dados à luz".[5]

É importante e até mesmo essencial à psicologia feminina que Sabedoria seja ativa para a concretização e a materialização, tricotando neste caso numa única malha os pensamentos de Deus. A Sabedoria está tecendo o mundo a partir da natureza de Deus. Esta é uma situação arquetípica subjacente ao princípio feminino pois, na vida, parece ser a incumbência da mulher ocupar-se de dar alguma coisa à luz. Ela em geral vê mais que o homem pois se coloca no local em que ele é mais cego, a menos que ele esteja consciente do intricado tecido que compõe seu próprio lado feminino. Jung diz em sua *Resposta a Jó*: "Se considerarmos o comportamento de Javé até o reaparecimento de Sofia, um fato inquestionável nos chama a atenção: suas ações são acompanhadas por um grau inferior de consciência. Inúmeras vezes perdemos a reflexão e o respeito pelo conhecimento absoluto".[6]

[3]Provérbios 8,22-24.
[4]Eclesiástico 24.
[5]C. G. Jung, *Answer to Job*, p. 55.
[6]Ibid., p. 67.

(...) "Uma situação aparece, para a qual a reflexão é indispensável. Trata-se do motivo pelo qual Sofia aparece. Ela reforça a mui necessária auto-reflexão e, desta forma, torna possível a Javé decidir tornar-se homem."[7]

A mulher confronta o homem com o fato de não poder mais permanecer confinada, e é a Sabedoria que lhe deu o coração por meio do qual ela ingressa no seio do conflito masculino-feminino. As coisas agora precisam realmente ser vivenciadas, pois é a materialização natural em Deus que forçou essa questão e, sendo assim, ela começa a lembrar o Deus de sua responsabilidade em relação à sua existência. Ao pedir a mudança, a sereia diz à Sabedoria que seu coração pede muito porque dói muito. Esse coração que lhe deu a dor foi uma dádiva da própria Sabedoria. Quem era responsável: o criador ou a criatura? A velha, Sabedoria, é um arquétipo sem qualquer compaixão real pela debilidade do coração humano. Foi concedido; portanto, daí em diante, é responsabilidade de quem o recebeu. Ao mesmo tempo, Sabedoria diz-lhe que seu coração lhe dirá o que fazer. Ela ofereceu algo de valor. Na mesma medida em que algo de nós vai junto com o que fazemos, ela, Sabedoria, era a si mesma no presente que havia dado. Não era um poder externo ou distante, mas na realidade encontrava-se dentro do coração que havia criado. Por conseguinte, aquilo que a mulher faz como encarnação da essência (sal) do velho, ela também o faz pela Sabedoria. Nesse sentido, Sabedoria pode atribuir-lhe a responsabilidade por um desejo que, em última análise, lhe havia sido plenamente outor-

[7]Ibid., p. 69.

N. B.: *Gnose judaica:* Deus sofria de dor de cabeça em virtude de sua solidão. Houve tensão, relâmpagos e foi criado o primeiro sol.

Hinduísmo: Deus estava só, sofrendo e entediado e criou o mundo para brincar com ele.

Tantrismo: Deus sempre está acompanhado por Shakti e não poderia criar sem ela. Ela percebe e cria o mundo a partir dos sonhos de Shiva.

gado. Ela recebeu as asas, o espírito que a alçaria para mais além dos confins do lago. Ela havia sido presenteada com algo para o qual não estava preparada. A despeito das asas, ainda tinha rabo de peixe! O rabo de peixe é o aspecto inconsciente que se arrasta como um peso sobre a consciência. Seu aspecto inumano deve ser redimido para poder funcionar de modo proveitoso. Numa perspectiva psicológica, significa que intuição em excesso pode ser asas que nos ergue acima da realidade e, por isso, no lado da realidade (e na função sensação), podemos permanecer demasiado inconscientes, fato que desequilibra muito a vida. Mais uma vez, voar perto do sol (Logos) significa para o feminino ser incinerada pelos raios do princípio masculino e tornar-se incapaz de encontrar abrigo ao luar de Eros. Ter asas (consciência) e um rabo de peixe (inconsciência) é uma tensão muito grande.

Nesse momento, surge a serpente. Ela representa a vida telúrica, ctônica. Foi ela quem aprendeu a viver na terra. Já em seu encontro com Eva não tinha a intenção real de dissuadi-la de progredir ou expandir sua conscientização, mas, ao contrário, plantou nela as sementes de exigências maiores. A serpente alargou seus horizontes, inspirou-a, avivou o fogo do desejo pelas coisas que havia vislumbrado rapidamente. A serpente sabia, desde quando havia tentado Eva, que o princípio feminino criador só precisa de um vislumbre de algo "além" para pôr-se em movimento. Tendo portanto feito pronunciamentos de tal teor, o conselho da serpente para que se contentasse em ficar no silêncio de seu jardim na concha foi tão eficiente quanto aconselhar um gato a permanecer em contemplação num aviário, no máximo comendo uvas. Não havia mais como deter o fluxo dos processos já desencadeados, nenhuma possibilidade agora de interromper a vontade criativa em seu processo de vir a manifestar-se.

Podemos indagar: por que a serpente, ela mesma tão telúrica, é quem a inunda de aspirações? A serpente representa Mercúrio, um deus ctônico, que a alçou de sua insuportável condição porque o sol a estava escaldando. Como sabemos, o sol é, no plano psicológico, um símbolo para o Logos. O pensamento e a intuição foram tocados pelo fogo dos céus. Ela vira o mundo do alto, mergulhara nas profundezas, mas ainda não havia se envolvido de fato com sentimentos profundos. Na vida, o tipo intuitivo, se não se cuidar, podem apreender tantos elementos que ou bem as coisas são devolvidas à terra ou ele perde a experiência vital. Qualquer função superior precisa ser sacrificada se uma experiência de vida mais ampla e profunda for necessária. Segura sobre a superfície da terra, a pessoa está em melhor posição para buscar abrigo contra o sol. Muita intuição demais, muito conhecimento consciente demais, podem incinerar o sujeito, pois estes não são os fogos transformadores que vêm dos profundos estratos onde os gênios cuidam da fornalha e mobilizam a transformação da natureza animal em algo que possa ser vivido humanamente. A serpente, como portadora da luz e da terra, sugeriu coisas que a teriam posto em perigo e jogado no turbilhão da vida, e depois abandonando-a. Esse é um ato típico da serpente. Ela cruza o caminho e é expulsa do céu, pois simboliza também a "perda da graça". Mas, tal como fez com Eva, desempenha sua função a fim de que as coisas entrem em movimento, deixando para trás uma condição estática infértil — o paraíso da inconsciência. A serpente é a que instiga o processo voltado à conscientização, à vivência, mais do que à intuição.

O que vem depois? A ave pousou. Ela é o "Espírito Santo", o amor individual, a pomba de Sofia e Afrodite, que via as coisas por um ângulo diferente do da serpente. Sendo o pássaro de Afrodite, o espírito consoante com

deidades femininas, ele sabia qual o melhor percurso para buscar o conhecimento da Sabedoria, ela mesma o Eros de Deus, o princípio feminino. Somente ela, que era a figura vinculada à causa do sofrimento, estava em posição de oferecer ajuda. Psicologicamente a idéia é a seguinte: aquele a quem o pai ou a mãe arruinou, somente o pai ou a mãe pode salvar.

A sereia não podia livrar-se de suas asas; quando o indivíduo está tão afastado da inconsciência, torna-se difícil e, às vezes, impossível retornar. Quanto mais consciência tiver alcançado, mais estará distanciado dos instintos que dão as indicações da sabedoria secreta de Deus. Conhecer Deus também significa conhecer os instintos, encontrar as duas extremidades do espectro. Ela está presa em seu próprio crescimento e confrontada por uma alternativa: sacrificar-se ou permanecer numa condição intolerável. O sacrifício tem caráter expiatório. É uma exigência do lado escuro da natureza para que a expansão atinja tanto o alto como o baixo, para que então o Deus celestial possa encarnar. É a grande extremidade que precede todo passo adiante; a extremidade a partir da qual o homem pode distanciar-se, fugindo, ou ingressar numa nova dimensão psicológica e assumir conscientemente o encargo do ser "marcado por Deus".

O próximo pedido da sereia foi ter duas pernas. Ela pensava que, se pudesse obtê-las, estaria em condição de isentar o velho de suas responsabilidades e, ao mesmo tempo, de libertar a si mesma de suas próprias obrigações para com quem a criara. Essa é a grande inclinação da era moderna. Se ela tivesse prosseguido sozinha, dificilmente teria conseguido solucionar o problema de sua solidão. As expectativas dele estavam indissoluvelmente vinculadas a ela, cujo próprio desenvolvimento individual havia tornado possível a ela ter o desejo de deixá-lo. Algo que é muitas vezes esquecido ou não percebido em

sua inteireza é que a vida é ímpar para todas as pessoas, e no entanto jamais é independente, pois a pessoa é responsável pela vida em si. Quando Sabedoria pediu-lhe que sacrificasse sua vida, ela a colocou de imediato numa condição de reflexão. A reflexão é a qualidade humana por excelência. Esse processo é que ergue o homem acima dos animais e das reações estritamente animais. Por meio dessa exigência da Sabedoria, a sereia pôde contemplar a situação como um todo, avaliar e decidir. Como resultado dessa reflexão, foi produzida uma mudança. A reflexão levou-a mais além de sua dimensão semi-animal, inserindo-a num plano humano. A reflexão sedimentou o caminho de sua transformação, processo esse desencadeado pelo sacrifício do presente que recebera da Sabedoria. Aquele tinha sido um presente feito especialmente para ela e, o que é importante, lhe havia sido dado num momento de consciência do ego, ou seja, no instante em que formulara uma pergunta.

Sabedoria e o velho são figuras arquetípicas e podem, portanto, exigir sacrifícios, pois na hierarquia dos deuses não estão sujeitos a valores ou à comiseração humana de qualquer espécie. Eles incumbem o *humano* de redimir a natureza, devolvendo-lhe a humanidade. Ao sucumbir à sugestão dada por eles, a sereia evidencia um entendimento recém-formulado. Existem na natureza coisas a respeito das quais não se pode fazer nada, pois a pessoa aí está exposta a forças que a deixam aparentemente impotente. Ela enxerga a inutilidade de uma situação da qual nada brota. O nascimento da sereia tinha sido algo especial, precisava ser sacrificado. Não era um amor estático, mas o resultado de uma consideração que já é uma consciência expandida. De Sofia pode-se dizer que "o sacrifício e o sofrimento são pré-requisitos à transformação que lhe foi conferida, e essa lei do morrer e do devir é uma parte essencial da sabedoria da Grande Deusa

das coisas vivas, da Deusa de todo crescimento, tanto o físico como o psíquico".[8]

O sacrifício do coração é o primeiro dos sacrifícios citados na fantasia e parece, por assim dizer, um sacrifício total. Foi a entrega de seu mais precioso bem — sua vida — sem possibilidade de obter coisa alguma em troca. Foi uma propiciação dirigida, mas não ao velho nem à Sabedoria, e imaculada de qualquer desejo secreto de receber. Foi o sacrifício de sua posse total. Dar o próprio coração também é abrir mão do ego como proprietário. Dizemos "tenho uma inspiração". Ou seja, uma idéia nos ocorreu. Veio sem esforço, e é um exagero descabido proclamá-la um bem do ego, da mesma forma como a pessoa tem um sentimento que a inunda e pertence ao plano de Eros, ou que lhe ocorre uma intuição oriunda dos domínios de Logos. É justamente aqui, ainda mais do que com alguma intuição, que o ego alega propriedade do fato psíquico. Alegar sua pertinência como bem egóico é igualmente um exagero que, em última análise, precisa ser sacrificado ao princípio de Eros. Eros, a vinculação afetiva, foi concedida por Sabedoria a partir da essência de Deus. Ela veio do sal, designado como a vinculação afetiva. O ego só pode alegar posse de sentimentos até que essas idéias egóicas sejam sacrificadas aos deuses.

Também é uma verdade psicológica que o ego deve morrer antes que que o Si-mesmo possa tornar-se uma experiência real. Santo Tomás de Aquino disse que "nenhuma criatura atinge um grau superior de natureza sem cessar de existir". É um problema continuamente constatado em análise que os antigos valores devem ser abandonados para que a pessoa possa prosseguir mais ainda. Em geral, o sacrifício é heróico; inadvertidamente, está destinado a transportar a pessoa para outro nível, à distância dos velhos ciclos repetitivos. A serpente como demônio, na fantasia, é quem lhe diz que volte para seu jardim dentro da concha; nessa medida é o poder diabólico que dá grande importância à inconsciência e à inatividade. É a força das trevas em oposição às forças da luz. A inatividade é de hábito idealizada como papel feminino, como passividade que aguarda preenchimento e realização, ao passo que a atividade de Eros da mulher é que propicia transformação tanto para si como para o homem. Sofia Sabedoria talvez não se aninhe para dormir ou bem não haveria qualquer princípio criador e conscientizador. A sereia escolheu o escuro da morte, algo que dava a impressão de final e em cujo reino suas intuições não lhe serviam de luz-guia. Ela avaliou a situação, e a realidade (a sensação) a considerou inevitável. O limiar do crescimento é a aniquilação.

A tentativa é empreendida com humildade cega. Ela sofreu e sacrificou-se às cegas, mas com honestidade. Esse é o grande teste na análise, confiar si mesmo cegamente ao desconhecido, quando tudo parecer perdido. A preguiça e a sensação de uma impossibilidade podem paralisar a pessoa nesse ponto; estes são os demônios que levam à inconsciência. Mas, se a pessoa se empenha, é exatamente aqui que as coisas começam a se movimentar, pois a própria atitude em si mobiliza o fluxo de energia em sua esteira: a energia, que é uma nova vida, e a transformação.

Até aqui, Sabedoria é muito ativa e incumbe a mulher das suas tarefas, tal como Afrodite, que exigia grandes feitos de Psiquê.[9] Para a mulher é preciso que suas tarefas e sacrifícios sejam estipulados pela Grande Mãe ou bem ela estará correndo o risco de entregar-se no lugar errado. As tarefas de Eros são as que a tornam forte em seu próprio princípio. Somente então é que ela tem

[8]Erich Neumann, *The Great Mother*, p. 252.

[9]Ver Neumann, *Amor e Psyche*. Ver também Apuleio, *O asno de ouro*.

condições de unir-se adequadamente a Logos. Quando a mulher se sacrifica a Logos sem estar forte em seu próprio princípio, ela se perde naquilo que a psicologia moderna denomina de as garras do *animus*.

Parece necessário, antes de irmos em frente, assinalar a ligação entre a serpente, o peixe-espada e a pomba. Todos eles são representações de Mercúrio. A serpente é um Lúcifer que força a pessoa a atingir a iluminação através da punição, e o peixe-espada, com seu único corno, é também um Mercúrio.[10] A pomba sempre aparece nos modelos e, embora eu a tenha citado como a pomba da Sabedoria, é também um Mercúrio. Jung diz que "a pomba branca é outro símbolo de Mercúrio que, em sua forma volátil de espírito, é equivalente ao Espírito Santo".[11]

Portanto, a Sabedoria a envia naturalmente ao peixe-espada. A serpente, a pomba e o peixe-espada, unidos ao destino da sereia, pertencem todos à Sabedoria. São o princípio cuja atividade traz as coisas a seu ponto de maturidade e perfeição.

Quando a sereia pede para ter pernas, parece estar se tratando de uma constatação. Para que possa sair daquela condição deplorável, deve primeiro assumir o que antes desprezava. Esse pode ser o caminho da sensação, pois duas pernas a poriam em contato com a vida e, certamente, é sobre a terra e no lugar mais humilde que nasce o Si-mesmo.

É preciso chegar à quarta função para alcançarmos a totalidade. É decerto a mais exigente tarefa da análise educar esse lado menos usado da personalidade e nele confiar. Nessa posição, a sereia foi capaz de admitir que se tratava de algo que lhe cabia em sua maior parte. Atingir a totalidade é algo que, de fato, diz respeito a nós, não

[10]Ver Jung, *The Spirit Mercurius*, para aprofundar este tema.
[11]C. G. Jung, *Psychology and Alchemy*, p. 416.

importa como possa afetar a mais alguém no transcorrer do tempo, e apenas uma abordagem honesta convoca a cooperação do inconsciente.

É importante saber que fazemos algo não só por nós mesmos, mas também devemos admitir que influímos no Si-mesmo, quer dizer, que adentramos mais além dos estreitos limites do ego. Quando pensamos que é feito em nome de outrem ou do bem universal, os demônios da *anima* e do *animus* devoram o feito. Os efeitos podem ir muito mais longe do que o alcance direto da pessoa, mas a busca interior brota da necessidade da própria pessoa. Acontece muitas vezes de as pessoas serem tão absorvidas pelas coisas novas que aprendem durante a viagem, e que seu inconsciente registra que imediatamente querem dá-las ao mundo ou formular um sistema. É natural, mas não sábio, pois é mais fácil tentar salvar os outros do que a si mesmo, e, assim, colocar o problema da redenção no exterior. Há a história da mulher idosa que encontra uma velha sábia num prado. Esta oferece uma côdea de pão e diz à velha que a receita está impressa nas costas do pão. Sua excitação é tamanha que ela convida uma vizinha para provar do presente, e depois outra e mais outra. Todas consideram-no excelente e depois chega o momento de pedirem mais. A côdea tinha desaparecido e, presa de seu entusiasmo, a presenteada não havia estudado a receita. Ela não podia fazer outro pão e não conseguia mais encontrar a velha sábia. Todas tinham saboreado um pouquinho, mas nenhuma tinha qualquer outra coisa de duradouro. Se a mulher tivesse feito um pão para ela, como o sugeria a receita, teria sido capaz de doar a partir de seu esforço pessoal, e até mesmo de distribuir a receita, pois a velha sábia deve sempre desaparecer caso não tenha sido tornada parte daquela a quem visitou. A pessoa não está em sintonia com a velha sábia, mesmo que já a tenha encontrado no prado, se não tiver feito o trabalho que ela exige.

Na porção final deste capítulo da fantasia, existe uma tempestade no lago que então enche tanto que se torna um rio que vai até o mar. Essa imagem descreve o caminho da fé que obedece ao sacrifício, pois o rio é fluxo da vida que, em última análise, reúne-se ao mar, o útero primordial que, como tantas vezes na mitologia, é onde a vida começa.

Se presumirmos a evolução da história até esse ponto perceberemos que, a partir de uma pergunta feita pela sereia ao seu criador, ela se colocou em contato direto e significativo com Ele e com a Sabedoria. Com a ajuda de Mercúrio, os dois levam-na a uma dimensão de constatação e percepção humanas. Parece importante para esses dois arquétipos que ela alcance a esfera humana, como se a natureza necessitasse da humanidade para completar-se. Os motivos usados são aqueles que, na mitologia, sempre remeteram aos primórdios e, assim, vemos de imediato que essa fantasia é universal e não-pessoal.

Quando a sereia descobriu que era mulher, percebeu que era preciso suportar o "devir". Tornar-se humana poderia parecer muito comum, mas esse seria o destino de Deus. É o humano que contém o devir eterno em seu bojo, pois tornar-se um Si-mesmo é tocar a própria essência da vida. Ela precisava vir ao mundo como humana e dizer: "Então isso é a morte". Em certo sentido isso é verdade, quando a centelha divina é detida pela carne; no entanto, lhe é dito que aquilo é a vida. Poder-se-ia dizer que aqui está o local onde se dá o verdadeiro nascimento humano, o local da descida da alma para o mundo material e a realidade humana, com o fim de assumir a carga e o sofrimento intrínsecos ao desejo da alma de conhecer a si mesma. Em análise, é a rendição do lado superior da pessoa, do lado mais divino e livre, que então se torna prisioneiro do lado inferior.

Por fim, a idade do velho impressiona a autora da fantasia. Ele é tão velho que parecia como se fosse o tempo interminável. No mitraísmo, está dito que o "Tempo Interminável", um deus, continha em si mesmo os poderes de todos os deuses.[12] A primeira emanação foi Sabedoria. A idéia hegeliana era que o ponto inicial de tudo estava na idéia tal qual existia em Deus e a teoria era derivada da idéia de um tempo infinido, ou, como diziam, do Tempo Interminável personificado como fato último da natureza. Esses poucos exemplos são alguns dentre os inúmeros que existem a esse respeito, e sua ligação com a fantasia dispensa comentários. No entanto, são amplificações como estas que levam de imediato um trabalho moderno a entrar em contato com idéias que vêm ocupando o pensamento dos homens ao longo das eras. A fantasia revela que o inconsciente está ainda em contato com o passado e que o homem, o homem moderno, está sedimentado sobre alicerces milenares. Este método todo que aplica a analogia demonstra a existência de material correspondente, mas seu valor não reside na descoberta dessas idéias antigas como se fosse preciso acrescentar-lhe um fator comprobatório. A importância desse procedimento está no fato de reconhecer que existiram e ainda existem princípios básicos, e essa é a constatação que amplia a consciência e vincula uma vida individual a um horizonte muito mais largo. A pessoa vê no inconsciente não apenas suas próprias conexões com coisas que sempre existiram, mas enxerga o caminho de desenvolvimento da consciência e o percurso evolutivo da humanidade.

Vocês irão notar que essa fantasia vai aumentando de intensidade e a carga afetiva, conforme vai progredindo. É perceptível a participação, o envolvimento afetivo da autora. A sereia começa a sofrer qualidades huma-

[12]Franz Cumont, *Doctrine of Mithraic Mysteries*, pp. 105ss.

nas. É assediada, conforme adverte a serpente, por dúvidas "tais como as dos humanos". Essa é a condição humana, o sofrimento para o qual Sabedoria lhe concede coração, aquele que ela "tricotou" e ao qual ela mesma se deu. Existe anelo, aspiração, cobiça, contemplação, sacrifício. Quanto maior o anseio, maior o sacrifício. Esse é o primeiro grande sacrifício que leva ao renascimento e, nessa condição, é certo que se trata da expressão simbólica de um novo começo. Naturalmente, portanto, a fantasia agora dirige-se tanto para cima como para baixo, pois que o desenvolvimento da personalidade requer ambos os movimentos.

5

O MITO COM COMENTÁRIO (Cont.)
A VIAGEM

Certo dia, a mulher aproximou-se do homem e disse:

— Pai, devo deixá-lo e seguir meu próprio caminho.

O velho ergueu os olhos, surpreso.

— Você não está feliz aqui, no castelo? Não tem tudo o que deseja?

— Sim, sou feliz aqui e tenho tudo o que se poderia desejar em termos de diversão. Mas isso não é tudo o que eu quero, porque meu coração me diz que existem muito mais coisas ainda por fazer.

— Então você não me ama o suficiente para ficar?

— Claro que eu te amo. Mas meu coração arde e devo me separar de você. Não pense que isso para mim é fácil. Afastar-me do conforto envolvente de seus braços é uma tortura que devo suportar.

— Sendo assim, nem jóias nem presentes irão conseguir detê-la, minha filha. Para onde irá?

— Para onde a estrada me levar.

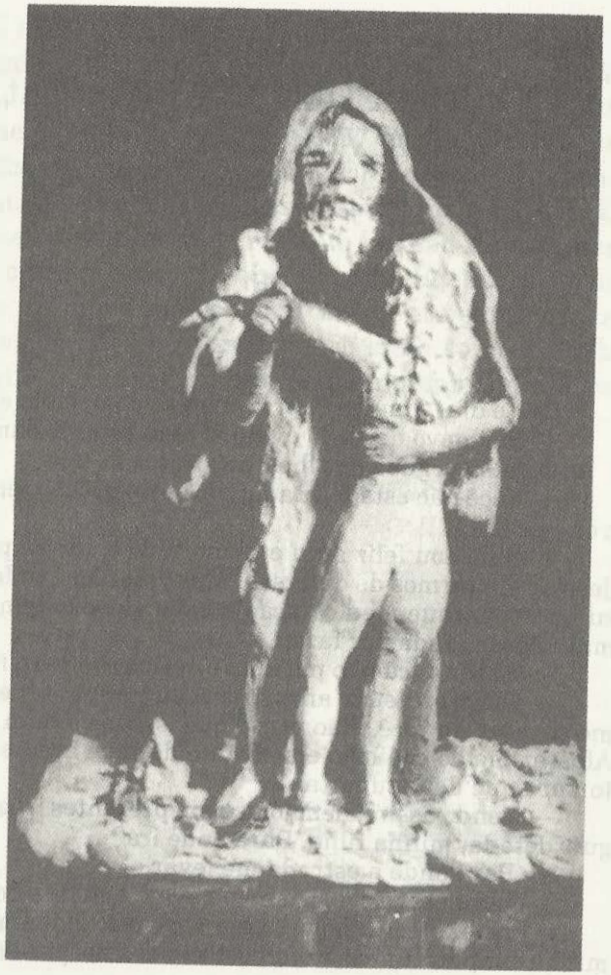
— Leve então consigo meu cavalo e minha bolsa.

— Não. Nem a bolsa, nem o cavalo. Nada além de minha simples túnica, e oferecer-me-ei à hospitalidade do mundo.

— O mundo é perigoso, advertiu o velho. Você não conhece seus perigos.

— E o menor dos bebês os conhece? No entanto, deseja viver. Mas existem perigos, também, perigos graves. Não se pode evitá-los. Portanto, devo ir em frente, só e sem auxílio.

— Mas de seu valoroso garanhão você sem dúvida precisará.



— Muitas vezes, ó, muitas vezes, pai, sem dúvida. Mas, se eu não estiver com ele, certamente conseguirei outro para mim.

O velho resmungou ainda.

— Mas isso você deve levar — disse. De uma cestinha, tirou um coração de ouro cravejado de pedras preciosas e o pendurou ao redor do pescoço dela. — Guarde-o sempre com você. Este coração é o castelo de seu sacrifício. Leve-o como símbolo e não permita que homem algum se apodere dele, mesmo que você esteja com fome e com sede.

A mulher pegou a jóia e preparou-se para deixar o castelo. Abraçou-se ao velho, depois encaminhou-se para a trilha que levava não sabia aonde. Enquanto caminhava pela estrada, deteve-se uma vez para olhar para trás. O velho acenou e ela hesitou antes de conseguir ir em frente. Um medo frio atravessou-a de alto a baixo, num anseio profundo de ficar. Com os dedos nos lábios enviou-lhe um beijo de adeus. Depois prosseguiu até que ele não a viu mais.

O velho entrou de volta no castelo e, ajoelhado perante um altar, orou:

— Guardador dos Destinos, embora ela cruze vales e montanhas, não a abandone. Colocai o vosso corcel alado sob seus pés e vossa espada em sua mão direita.

Então, com o coração partido, deitou a cabeça sobre as mãos. Sabedoria veio e o tocou suavemente no braço. Ele olhou para cima.

— Você agiu bem não a retendo aqui — disse ela. — Desafortunada é aquela que recusa a vida e se apega ao pai... e desafortunada e triunfal é aquela que tem a coragem de partir. Sem dúvida, ela entrará nos lugares escuros e, sem dúvida, precisará da espada do Todo-poderoso e de seu corcel alado quando seus pés perderem o rumo pelos descaminhos.

— Ah, se eu pudesse trazê-la de volta! Tenebrosa é a agonia de suspense!

— Não sabe disso a mãe de todo filho? Você acha que eu também, que lhe dei este coração, não estou preocupada?

Pela estrada comprida ia a mulher andando, às vezes bebendo de um riacho, detendo-se para observar crianças a brincar. Durante três dias ela seguiu, passando por verdes campos e à noite dormindo sob as cercas, atravessando vales que abrigavam uma pequena aldeia.

Pelas ruas ela passava olhando todas as faces à sua volta, e depois entrou num mercado onde havia gente sentada, comendo e bebendo. Por certo tempo ficou recostada num pilar de pedra, pois estava cansada e faminta; ao vê-los ali, ficou com mais fome ainda. Mas como comer, se

não tinha como pagar? Numa mesa próxima alguns homens bebiam vinho e riam uns com os outros. Ela se adiantou, pois sabia que se havia oferecido à hospitalidade do mundo.

— Quem é a donzela? — um gritou.

— Talvez uma prostituta, — respondeu alguém.

— Ela não parece uma prostituta — disse um jovem. — Não é bela, mas tem um certo quê em seus olhos.

— Por que você não a pinta? — riu o que falara primeiro. — Não está sempre procurando modelos?

Ela se aproximou do grupo e disse:

— Cavalheiros, estou com fome. Poderiam me dar um pouco de comida?

— Você não tem dinheiro a ponto de precisar pedir comida? — perguntou o primeiro.

— Não tenho nenhum dinheiro e venho de muito longe.

— Onde você pensa que nós arranjamos dinheiro? Nós o ganhamos e não o gastamos com pessoas esbanjadoras... Mas venha e sente-se aqui. Talvez nós possamos dar-lhe oportunidade. O que é isso que você tem em volta do pescoço?

— O coração que meu pai me deu.

— Quero olhar. Tem cinco pedras preciosas. Safira, esmeralda, rubi, topázio e um grande diamante branco no centro. Mulher, você diz que não tem dinheiro, mas tem mais riquezas do que a maioria de nós. Eu compro sua jóia e então você vai ter dinheiro suficiente — ele se deteve e riu. — Sim, você vai ter dinheiro suficiente para todos nós.

— Venda a jóia — disse um segundo. — Ele é negociante e lhe fará um bom preço.

Ela pôs a mão sobre o coração como se quisesse protegê-lo. — Jamais me separarei dele — exclamou. — É a única coisa que possuo no mundo.

— Bobagens sentimentais — deplorou o negociante. — Muitas pessoas vendem-me suas jóias, embora não queiram separar-se delas. Mas têm orgulho suficiente para não esmolar enquanto houver outro meio honesto.

A noite estava se aproximando e ela se levantou para deixá-los e, enquanto se virava, ouviu o negociante dizer:

— É uma jóia preciosa... Que descaramento dessa mulher vir esmolar. Ainda vou tornar a vê-la, porque

gostei da jóia e o tempo se encarregará de quebrar-lhe o ânimo.

Então, enquanto ela se distanciava, o jovem artista, que todo o tempo mantivera-se em silêncio, ergueu-se e pegou o chapéu. — Ele está indo atrás dela para lhe pintar o quadro — disse o negociante. — Sentimentos e mais sentimentos.

Quando a noite escureceu de todo, a mulher enveredou por um beco e, fria e faminta, enrolou-se sobre si mesma numa soleira de loja cujas portas estavam fechadas e na qual o burburinho do dia havia cessado.

Ao se lembrar daqueles homens apertou-se ainda mais em volta da jóia em seu pescoço e, tremendo um pouco, descansou a cabeça sobre uma parede de pedra. Das sombras veio uma voz de mulher:

— Por que você veio aqui? Esse lugar é meu!

— Não a incomodarei! Só o que preciso é descansar um pouco.

— De onde você vem?

— De trás das montanhas, a três dias de caminhada. Amanhã vou trabalhar para poder comer.

— Você está com fome?

— Demais.

A mulher desconhecida parou um momento. — Olha aqui, este lugar bem na esquina é meu...

— Este aqui não é o seu lugar?

— Ah, este. Sim, este também... À noite fico andando por aqui. Me dê o seu braço e eu a ajudo a ir até o meu quarto. Eu pelo menos posso lhe oferecer um pouco de comida e uma cama. Isso não vai me arruinar, mas não posso ficar muito tempo com você... Devo cuidar dos meus negócios. Não me olhe assim. Sou uma prostituta, mas as prostitutas também têm coração, sabe? Vejo por sua roupa fina que você é uma dama. Talvez você não queira que eu a ajude.

— Não, quero sim. Quero muito. É o amor que importa.

— Sabe de uma coisa? Você não é ruim. Chegamos. Vou preparar alguma coisa para você comer, ajeitar seu banho e você pode se enfiar naquela cama. Tenho outro quarto, de modo que não vou incomodá-la. Essa sopa vai aquecê-la e lhe trarei uma xícara de chá antes de sair. Eu sei o que é estar em dificuldades, sabe? Essa é a razão pela

qual acabei sendo o que sou. É incrível o que o estômago nos leva a fazer.

Ela parou por um momento e olhou com seriedade para sua hóspede. — Sabe de uma coisa? Você não é bonita, mas tem aí alguma coisa... Escute: você está inteiramente sem dinheiro, não é?

— Sim, exatamente. Não tenho nenhum centavo.

— E, no entanto, tem aí essa jóia linda no seu pescoço. Foi um homem que a deu para você?

— Sim, meu pai.

A prostituta jogou a cabeça para trás e riu. — Ah, eu estava pensando que tinha sido algum amigo ou namorado. Você tem um namorado?

— Não, nunca tive um namorado.

— Nunca?

— É, nunca.

— Então você não conhece a vida. Valha-me Deus, existem mais coisas nesse mundo do que se pode imaginar. Você não poderia vender esse penduricalho do velho e se agüentar por uns tempos?

— Não, eu jamais farei isso. É precioso demais. Quero dizer, tem um valor intrínseco.

— Entendo como você se sente. Olhe vou lhe mostrar uma coisa.

E, com isso, abriu uma caixinha e de lá tirou um anel fino de ouro. — Isto foi de minha mãe. Tiraram de seu dedo quando ela morreu e o deram para mim. Houve momentos em que eu poderia tê-lo vendido para comprar pão, mas de certo jeito eu teria morrido... e quase morri algumas vezes. Portanto, veja, eu sei como você se sente. Posso adivinhar sua história. O velho morreu e só sobrou isso. Você fique com ele, garota, e as coisas vão dar certo. Acontece que é assim. E você pode ficar aqui até conseguir se arranjar de algum jeito. Agora, preciso ir.

Demorou muito naquela noite até ela voltar e olhar a convidada, que dormia profundamente. Por trás dela vinha um homem. — Dê só uma olhada, — sussurrou. — Não sei o que podemos arranjar para ela fazer, a menos que ela cuide de meus lençóis. Não há muito serviço sobrando e dê uma espiada nessas mãos. Jamais trabalharam no que quer que seja.

— É ela! — respondeu o artista sem fôlego.

— O que você quer dizer com "ela"?

— Eu a vi hoje... Por favor, não deixe que ela suma. Voltarei aqui pela manhã. Preciso pintá-la... Céus, que quadro ela não daria...

Voltou como dissera, e ofereceu comida e abrigo à mulher para que ela lhe permitisse pintá-la. Assim, ele a pintou uma vez e mais outra ainda, pois os quadros vendiam, e conforme a pintava, seu amor por ela ia aumentando. Ele ficou acostumado a vê-la pela casa, em seu jardim, em seu lar, deitada a seu lado enquanto a lua banhava seu rosto. Seu pincel enchia ardorosamente as telas e seus lábios escaldavam de beijos suas faces. — Você é a minha inspiração — dizia ele. — Eu jamais poderia ter pintado isto sem você.

Então, um dia, ele se sentou no mercado, vangloriando-se, pois seu nome tinha ficado famoso e as pessoas vinham de longe para ver e comprar sua arte. — Preciso daquilo que é adequado para ela e para meu trabalho. — E seus olhos seguiam-na enquanto ela ria e conversava com as mulheres.

Na manhã seguinte, ao acordar, ela descobriu que sua jóia tinha sumido. Rapidamente acordou-o de seu estupor. — Minha jóia — gritava ela frenética. — Por favor, corra, me ajude, preciso encontrá-la.

O pintor parecia constrangido.

— Preciso confessar: vendi sua jóia. Tinha que ter uma casa grande para nós e o joalheiro ofereceu-me um preço absurdamente bom. Pense nisso, é melhor ela ser agora uma casa do que andar pendurada em seu pescoço. Não fique aborrecida. Você se acostumará a ficar sem ela. Além disso, você estava sempre cuidando dela. Especialmente nos últimos tempos, como se estivesse com medo de que alguma coisa fosse acontecer. É bobagem ter uma coisa que nos causa tanta preocupação.

— Você deve ir ao joalheiro e recuperá-la — gritou ela.

— Não seja tola. Ele jamais a devolverá. Há muito tempo que ele vem tentando obtê-la. Minha querida, você precisa olhar a coisa com bom senso.

Ela estava petrificada. — Você vai para a casa sozinho, pois não irei com você. Não posso partilhar minha jóia com a luxúria deste mundo. Devo recuperá-la.

— Por favor, perdoe-me, não me deixe... Não, não se apresse em vestir-se e deixar-me! Você não pode fazer isso, não deve fazê-lo!

— Adeus.

— Seus olhos queimam como um fogo interior que está me machucando — disse ele, com tristeza.

— Meus olhos o machucarão para sempre. A voz dela vinha baixa e trêmula. — Não fui eu a inspiração para você? Não fiquei aqui com você, dormindo a seu lado, confiando-me inteiramente a você?

— Claro, essas coisas não poderia negar.

— E foi você, a quem amei, quem me roubou a jóia. Mas eu não o culpo. Você não poderia saber o que ela representa. O que você fez está feito e sou eu a guardiã descuidada. Somente eu posso tomá-la de volta.

O primeiro contato da mulher com o mundo diferente foi com as crianças e a natureza, uma abordagem ingênua do mundo e muito feminina. Se nos referirmos ao velho por um momento como o *animus* ou espírito, é ele que agora ficou para trás, e, portanto, é inteiramente justificado que seu dinheiro e seu cavalo tinham sido rejeitados porque tinham sido a libido masculina. Embora nessa altura seja correto rejeitá-los, também é verdade que o espírito (Logos), como fator de discriminação, é necessário à totalidade da mulher.

Certa feita eu estava andando por uma pequena cidade de subúrbio onde havia poucas pessoas andando pelas ruas naquela hora. Uma mulher desconhecida apareceu numa rua e andou ao meu lado. Interpelou-me como se eu fosse uma das suas mais antigas amigas:

— Que espécie de cera você usaria naquele assoalho? Não quero pôr revestimento nessa etapa.

Entrei no espírito de sua oferta de vínculo e respondi que usaria determinado tipo. Ela concordou e continuou dizendo que não gostava da casa e que não ficaria ali, uma vez que Charlie estava trabalhando para uma certa empresa, havia pouco em suas mãos naquele momento para encurtar a permanência ao máximo. O fato de eu jamais tê-la visto antes não a incomodava, e o fato de eu não saber coisa alguma da casa de Charlie não lhe havia ocorrido. Era uma criatura de Eros, relacionando-se com todos e suas questões eram naturalmente minhas e de meu interesse! É o lado Logos da mulher que discrimina, divide e demarca limites para que Eros não transborde em cima de tudo. A mulher, no cerne de uma sociedade cada vez mais patriarcal, teve que desenvolver o *animus* para existir. É forçada pelo mundo externo a corresponder às exigências que lhe são feitas. Do ponto de vista externo, o homem tem pedido mais Eros da mulher; ele também gosta do companheirismo e da capacidade de seu *animus* intelectual para acompanhá-lo em seu mundo. Do ponto de vista interior, é o desenvolvimento natural do espírito da mulher. Mas onde Eros está desvalorizado, seja por ela ou pelo homem, o *animus* desenvolve-se no esforço de salvá-la de ser nada. A mulher que eu encontrei estava vivendo num mundo de Eros desenfreado, sem qualquer discriminação de Logos para orientá-la. O *animus* existia, claro. Porém, de modo difuso e indiferenciado.

Voltando à fantasia, encontramos mais uma vez o motivo dos três dias. Se este leva a um quarto lugar ou a uma quarta função, podemos esperar dificuldades, pois ela pode eventualmente ser levada a outro lugar de sofrimento, antes de conseguir atingir sua totalidade. No quarto dia, ela alcança a aldeia, em estado de fadiga e fome. Não tem nem dinheiro nem libido nesse mundo novo. Tem de esmolar, mas pedir vale pouco num local em que o mais árduo trabalho é o que se exige. Ela tem a jóia que, se for trocada por pão, facilitará ao máximo seu caminho pelo mundo, mas ela não consegue permutá-la nem por comida nem pelo direito de viver ali. "Venda a jóia e viva sem problema" é a filosofia do mundo em

que o conforto e o bem-estar são os maiores valores, e as riquezas interiores da jóia representam menos. É verdade que a pessoa precisa vender alguma coisa para viver neste mundo. Onde está o débito da pessoa para com o mundo ou para com o Si-mesmo? Muitas vezes o problema é esse. Somente quando a pessoa consegue resistir à justiça peculiar e racional do mundo é que consegue servir ao Si-mesmo. Nesta fantasia, a mulher é defrontada com a justiça racional: que direito tinha ela de viver com eles e conservar a jóia? Ela, porém, recém-tomara a estrada que passava pelas crianças e pela natureza, que não se harmonizam com o mundo racional. Afastou-se da sugestão dos homens, pois era irracional a sua viagem em que o sentimento (o coração que era agora um princípio mais do que a posse do ego) era seu guia de avaliação. O local em que as exigências coletivas foram muito fortes deixou-a com medo.

Sua recusa faz com que encontre a prostituta, que é o outro lado da Sabedoria. Ele é um aspecto do Si-mesmo, o qual, uma vez que ela já está mais familiarizada com a realidade e com a dimensão dos relacionamentos, pode divulgar-lhe um novo meio de viver. Na vida, é o outro lado desconhecido de nós mesmos, em geral inaceitável e desprezado, que contém as possibilidades de transformação. Ao aceitar o amor e a ajuda dessa figura, ela ficou sabendo que a prostituta tinha uma jóia que, mesmo ela vivendo no mundo, não havia sido mercadeada em troca de pão. Sua jóia era uma aliança de ouro, o símbolo da totalidade. Como a Sabedoria, ela é uma figura impessoal.[1]

[1]N.B.: As Deusas Mães não são seres elementais, dotados de reações femininas destituídas de reflexão — a Deusa Mãe age impelida pela natureza, com raiva, astúcia etc., mas ao mesmo tempo atende os que padecem. Sua reação é total: caridade, generosidade, inveja, vaidade. Ela é a grande prostituta que acolhe todos os homens.

A partir do fato de que a Sabedoria, a esposa de Deus, entra em cena, deve certamente constelar-se seu aspecto telúrico, relacionado ao homem. Ela é o oposto, aquela que está à vontade com a criação natural da Sabedoria a ela vinculada. Ela é a outra em relação à Sabedoria. Diz Jung: "A essência da mente consciente é a discriminação: para estar consciente das coisas, deve separar os opostos e agir, assim, contrariando a natureza. Na natureza, os opostos buscam um ao outro — os extremos se tocam — e assim é com o inconsciente e, em particular, com o arquétipo da unidade, o Si-mesmo. Aqui, como na deidade, os opostos se neutralizam, mas assim que o inconsciente começa a manifestar-se, os mesmos destacam-se um do outro, como se fora o instante mesmo da Criação, pois todo ato de despertar da conscientização é um ato criativo, e é dessa experiência psicológica que toda a nossa cosmogonia e seus símbolos têm procedência."[2] Na Imaginação Ativa os símbolos são escolhidos para transmitir alguns significados, às vezes apenas semi-percebidos ou compreendidos. É diverso do sonho. Não obstante, também é verdade que nos sonhos uma figura como a que encontramos pode ser uma figura arquetípica semelhante à Sabedoria. Considerar que essa figura representa a sombra pessoal seria reduzir seu significado e desenvolvimento possível. Ademais, isso exigiria que a própria Sabedoria fosse aceita num nível personalizado ao qual ela decerto não pertence. A Sabedoria e a Prostituta são ambas figuras arquetípicas extremamente dinâmicas. O processo de individuação não começa de cima, mas em lugares escuros e desconhecidos, no mundo de baixo. Poderia, neste momento, ser interessante uma citação da Bíblia. No livro dos Provérbios, lê-se sobre o aspecto negativo do feminino:

[2]C.G. Jung, *Psychology and Alchemy*, p. 25.

Dize à sabedoria: Tu és minha irmã; e chama à prudência a tua amiga para que te guarde da mulher estranha, e da alheia que tem palavras lúbricas.[3]

Essa estranha é a preocupada com a sabedoria do mundo, suas metas e prazeres, que nem sempre têm a marca de sua antagonista, a Sabedoria, o Si-mesmo cujos louvores são entoados no capítulo 8. No plano psicológico, esta "de coração sutil" é o aspecto oposto ao da Sabedoria, que de fato faz as escolhas necessárias e conscientes. Assim que o homem se torna consciente ele fica de frente para a escolha e os dois opostos exigem uma equação humana pois, na realidade, é a consciência do homem e sua escolha que criaram a cisão, e sua tarefa psicológica é a unificação num nível diferente.

Na análise, a aceitação da sombra é sempre um problema. Isso não se aplica à sombra pessoal, pois ainda mais difícil pode ser a aceitação da sombra do Si-mesmo, ou o aspecto escuro da divindade ou, aliás, o oposto da Sabedoria. O cristianismo despejou sobre o homem a totalidade das trevas de modo que, quando alguém como Jó fica em frente a antagonismos em lugares elevados, certos valores e ideais devem ser sacrificados a um entendimento ainda maior. Embora não se deva cavar muito fundo quando os problemas permanecem insolúveis, tanto no âmbito arquetípico como no pessoal, é a aceitação e o amor pela sombra que surtem o efeito transformador. A natureza se esforça tanto pelo homem, colocando-o diante de forças que ele precisa transformar. Foi a prostituta quem, compreendendo ambos os mundos, entendeu também a súplica da mulher tanto ao mundo quanto à jóia. Foi ela, como sombra do Si-mesmo, que a levou a dormir no mundo, e que, depois de a mulher ter sofrido, novamente a reconduziu até sua jóia. Como Sabedoria, ela a

[3]Provérbios 7, 3-4.

ajuda, mas, ao mesmo tempo, tem um segredo guardado que inflige sofrimento. Com respeito a ela, diz Layard: "A prostituta é o arquetípico da mulher livre, imune à lei do homem. Neste nível, os sonhos são o oposto complementar da vida na carne. Na vida externa, ela tem de pagar um preço muito maior do que o homem paga, mas nos sonhos ela representa a abundância da terra-mãe, isenta de contaminação pelo pensamento... que oferece boas coisas a todos os homens e que deve ser entendido como a suplicante. Ela é de fato a *anima* última, a sacerdotisa do templo que se casa com um deus e concede seus favores aos homens devotos, assim alçando-os a um status semidivino. No plano espiritual, ela também é Nossa Senhora, que outorga suas dádivas livremente a todos os homens e que é devassa (observe o termo) com seus favores divinos. Na realidade, ela é, na psique, a virgem imaculada grávida com a ilimitada gestação da natureza, traduzida nessa esfera espiritual".[4] Para a mulher, evidentemente, ela não é a *anima* última, mas o Si-mesmo final, pois Nossa Senhora é um símbolo da individuação para a mulher. Continua Layard: "Uma prostituta, do ponto de vista do homem, é uma mulher totalmente indiferenciada, apenas uma mulher que lhe dará o que ele quer, nesse nível indiferenciado. Uma vez que a diferenciação é uma coisa que pertence ao consciente... essa indiferenciação no inconsciente significa para a mulher liberdade em relação ao jugo da consciência do ego e, portanto, a descoberta de seu verdadeiro Si-mesmo."[5] Geralmente a prostituta carrega um estigma diante da realidade externa, mas na psique representa a realidade num nível diferente. É porque ela representa a liberdade que

[4]Ver John Layard, Eranos XIII. *Incest Tabu and the Virgin Archetype*, pp. 300 e segs.

[5]Ibid.

constitui a essência da individualidade, que é tantas vezes no mundo a figura emocionalmente contaminada da rejeição. Quando está fora e pode comportar a rejeição, a pessoa não sente problemas, mas assim que é localizada no íntimo do próprio ser descobre que tem uma jóia e um significado, como Layard assinalou, proporcionados por sua transformação. Nesse nível interno, ela é uma figura altamente dinâmica.

A mulher encontrou-a em seu momento de necessidade. Nos mitos e contos de fada, assim que o herói dá início a uma viagem ou a uma tarefa, aparecem auxiliares. São sempre aqueles que conhecem o outro lado das coisas e que, porque trazem os elementos até então escuros e desconhecidos, conferem ajuda. Surgindo no momento da necessidade, ela seria extremamente bem-vinda; se, no limite, a pessoa se mostra realmente humilde o suficiente para aceitar o que lhe é oferecido, as barreiras contra o outro — contra a sombra — não existirão. Ela, a auxiliadora, encarna certa sabedoria divina e tem acesso a dimensões nas quais a viajante ainda não penetrou. A prostituta é, por conseguinte, a auxiliadora que apareceu àquela que ouviu o chamado do mundo interior e a ele respondeu. A mulher estava indo, dissera ela, para onde a estrada a levasse. É quando a pessoa confia sua existência à vida que aparecem esses auxiliares. A prostituta, como auxiliadora e companheira, acrescenta as qualidades necessárias à totalidade. Ela ajuda a conduzir a iniciada, mas primeiro a introduz no mundo e a faz dormir.

Os mistérios eleusinos teriam um efeito supostamente transformador na iniciada, conduzindo-a a um relacionamento mais próximo com a divindade. Um dos ritos, propiciado no quarto dia, era o transporte das sementes de papoula, pois dizia-se que tais sementes tinham sido dadas a Deméter quando de sua chegada à Grécia para

induzir o sono. A iniciada precisava confrontar demônios e espectros, que representavam as dificuldades pelas quais a alma passava em sua aproximação dos deuses, já que o homem estava adormecido na materialidade e em si mesmo. Plotino diz que mergulhar na matéria é descer e depois adormecer, para que então o homem participe do tempo e da temporalidade. Ele dorme em meio ao mundo dos sentidos. É a partir daí que a alma então passa a empenhar-se para acordar de novo. Psiquê também tinha dormido ao receber a beleza corpórea e foi esta queda final diante do fascínio da matéria que mobilizou a ajuda do deus Eros, que, enquanto era assim introduzido no âmbito dos humanos, alçava-a até o domínio dos deuses. O perigo do sono no processo da individuação é um motivo muito conhecido. Em *Fragments of a Faith Forgotten*, lemos: "Um jovem foi até uma terra desconhecida para resgatar a pérola que estava em poder da serpente. Lá encontrou uma jovem loura e bela:

> E ele veio e ligou-se a mim,
> E eu tornei-o íntimo de mim,
> Um companheiro com quem compartilhei meus bens.
> Adverti-o contra os egípcios
> E contra cortejar as impuras;
> Enverguei um traje como o dele,
> Para que não me insultassem por ter eu vindo de longe.
> De um jeito ou de outro, porém,
> Perceberam que eu não era um deles:
> Por isso trataram-me traiçoeiramente.
> Esqueci-me de que era o filho dos Reis,
> E servi ao Rei deles:
> Esqueci-me da pérola que meus pais me haviam enviado.
> E por causa do trabalho... caí no sono".[6]

A mulher separara-se de seu criador e adormecera no mundo. Havia envergado o traje da comunidade onde

[6] G. R. S. Mead, *Fragments of a Faith Forgotten*, The Robe of Light.

os valores individuais não contam. O comerciante, com a ajuda do pintor, apodera-se da jóia. Em tal papel satânico, ele percebe o valor e, apropriando-se dela, desperta-a da inércia a que se havia entregado. Novamente, é uma figura mercurial, o deus escuro que busca consciência. "O Diabo forçou os homens à prudência e impediu que adormecessem na indolente preguiça."[7]

Na vida é verdade que, se a pessoa está inconsciente do que se passa no inconsciente, as coisas irão constelar-se no mundo externo, como se a natureza pretendesse que devemos ser mais cônscios e, dessa forma, proporciona a possibilidade na forma de impacto. Na fantasia, o pintor assinala que ela sabia do perigo, pois tinha sempre se preocupado com a jóia. Estamos sempre preocupados com aquilo que intuitivamente valorizamos e que, no entanto, não é uma parte segura de nós mesmos. O tesouro da mulher era sua jóia, que agora era seu coração, sua feminilidade, e o princípio de Eros. O velho a admoestara que, mesmo morrendo de fome e sede, não se afastasse dela. Aquele que a trouxera à vida propõe-lhe também um desafio. No plano psicológico, a feminilidade e o princípio de Eros estão sempre sendo desafiados pelo *animus* e pelo mundo de Logos.

[7]Plotinus II: iii:18.

6

O MITO COM COMENTÁRIO (Cont.)
A TRIBULAÇÃO

Primeiro ela foi até o joalheiro.

— O quê! — ria ele. — Você quer comprá-la de volta? E com que dinheiro?

— Vou trabalhar — respondeu. — Farei qualquer coisa. Você não entende? Não posso deixá-la ir. Minha própria vida iria junto.

— Nada que você me oferecesse poderia trazê-la de volta — respondeu o joalheiro. — O pintor esteve aqui antes de você e implorou-me em vão por ela e, como eu não confio no estado de ânimo em que ele está, escondi-a num lugar em que ninguém poderá encontrá-la, nem pensar que está ali, nem olhará para lá. Mulher, você está causando muito sofrimento ao homem que a salvou de morrer de fome... Você, uma pária desconhecida. Por que atormentá-lo? As mulheres são impiedosas, egoístas e caprichosas. Aquela jóia é para uma rainha, e não alguém como você.

Diante disso ela foi embora e voltou para a casa da prostituta.

— Vim até aqui porque minha jóia se foi e você teve a sabedoria de guardar a que sua mãe lhe deu.

Ela então contou à prostituta a história toda, e os olhos da interlocutora encheram-se de lágrimas.

— Esse é o problema do sucesso — disse ela, num suspiro. — Antigamente, ele nem teria pensado nisso. Posso dar-lhe um pouco de dinheiro, mas não chega nem para comprar a corrente em que ela estava pendurada. Escute, por que você não volta para casa, para seu país? Sem dúvida você tem conhecidos lá. Aqui não é lugar para você. Olhe, pegue este dinheiro e eu cuidarei das coisas

para você aqui. Se houver alguma esperança de retomar a jóia, eu a pego de volta.

A mulher pegou as quatro moedas da mão da amiga e saiu. Enquanto atravessava o mercado viu alguns cavalos à venda. Deteve-se. Se conseguisse comprar um cavalo a viagem se tornaria muito menos difícil.

O comerciante estava lá e, vendo que ela se detinha para considerar a compra, perguntou-lhe se ela queria comprar o cavalo.

— Sim, respondeu a moça.

— E uma vez que eu acho que seria melhor para todos se você fosse embora, eu lhe vendo o animal. Quanto dinheiro você tem?

— Quatro moedas.

— Você pode ficar com aquele macho castanho por quatro moedas.

Os homens ali agrupados riam...

— É verdade que ele não irá muito longe, mas até onde você vai ele chega.

— Mas eu vou viajar para muito longe.

Parece que então houve uma pequena discussão no grupo e o comerciante voltou até ela, dizendo-lhe:

— Talvez seja melhor eu lhe vender aquele cavalo arisco cor de prata, que está no estábulo.

— Fico com ele, então.

— Você jamais conseguirá montá-lo.

— Mas posso pelo menos tentar.

— Bom, posso permitir-me ser generoso. Dê-me suas quatro moedas e leve o cavalo. Talvez você não consiga montá-lo, mas esse é o seu risco e, sendo honesto, eu a avisei.

— Correrei o risco — respondeu ela, e o comerciante, um tanto aturdido, acompanhou-a até a estrebaria. Quando olhou para o animal teve medo e, quando montou, ele disparou tão depressa que ela não teve tempo de olhar para trás para o comerciante que, por uma razão que não soube explicar, tirou o chapéu e ficou olhando até que ela tivesse sumido de vista. A última imagem que teve foi a de um pontinho branco escalando rapidamente a encosta da montanha. — Ela está arriscando a vida — pensou ele — e eu não deveria ter feito isso.

No vale, a mulher apeou para descansar um pouco e deixar que o cavalo bebesse um pouco de água no riacho.

Enquanto ela descansava, para sua surpresa apareceu a prostituta.

— Que bom encontrá-la — disse ela. Tenho muitas coisas para lhe contar. Pensei que meu cavalo jamais a alcançaria. Sua jóia está a salvo.

— A salvo! Minha amiga, onde?

— É estranho, mas está dentro do cavalo que você está montando.

— Mas como?

— Vou contar-lhe. O cavalariço veio ver-me. Eles contam para mim, você sabe. Às vezes, quando estão em apuros, gostam de conversar sobre seus problemas; parece que ajuda. De qualquer modo, ele me contou que o comerciante tinha colocado um pequeno pacote dentro do depósito de feno e que deu-lhe ordens para não usar o feno dali e para manter o local trancado. Mas o menino se esqueceu e naquele feno estava uma maçã que ele desembrulhou e deu para o cavalo, que adora comer maçãs e cenouras. Quando percebeu o que tinha feito, pôs outra maçã no lugar daquela, mas continuou preocupado com a possibilidade de aquela fruta ter veneno. Eu porém percebi o que devia estar ali dentro.

— Mas talvez não tenha sido este o cavalo que a comeu.

— Foi sim. Essa é a questão. Então, quando você foi comprar o cavalo, eles iam vender-lhe o castanho. A única coisa que me ocorreu fazer foi conseguir que ele vendesse o prateado. Ele tem dado muito trabalho e o cavalariço foi a única pessoa a conseguir montá-lo. Assim, enquanto você estava ocupada com os outros, eu me aproximei sorrateiramente do comerciante e fingi que tinha ciúme de você. E lhe disse: "Venda-lhe o prateado; ele a jogará no chão e voltará, e assim você vai tê-lo de volta."

— Você fez tudo por mim. Como posso agradecer?

— Você não precisa agradecer-me. Se o cavalariço não me tivesse contado seus problemas, eu não poderia ter feito coisa alguma. Agora é com você recuperar a jóia. Você terá que matar o cavalo.

— Eu não poderia fazer isso.

— É você quem decide. Imagino que a jóia o matará de qualquer maneira. Esses cavalos de raça são delicados. De alguma forma, parece que faz parte de seu destino estar

nesse drama. Mas preciso ir agora e deixá-la. Espero que você chegue em segurança. E que um dia talvez possa voltar e vir me ver.

— Sem dúvida eu o farei.

Depois que a prostituta foi embora, a mulher lançou os braços em torno do pescoço do cavalo: — Nós vamos achar um meio, sussurrou ela, um meio mais fácil do que a morte. Deve existir outro meio.

Cavalgaram no dia seguinte e a mulher pensava na jóia o tempo todo. Buscou nas fezes, mas a jóia não tinha saído de dentro do cavalo e a ansiedade dela aumentou. — Tem de haver um jeito fácil — pensava ela — e quando eu chegar em casa meu pai irá ajudar-me.

Naquele dia estavam se aproximando do castelo e o coração da mulher saltou no peito de alegria, mas, quando apeou, o cavalo não bebeu. Parecia inquieto e irritado e, de repente, começou a galopar desenfreadamente, num círculo selvagem, para cima e para baixo, correndo sem direção para longe dela, balançando a crina e gemendo. Ela foi ficando cada vez mais aterrorizada, até que ele desapareceu por completo de vista. Então também ela começou a correr, como louca, sem saber para onde... Esgotada, deteve-se à beira do penhasco rochoso tentando vê-lo, e o cavalo passou pela trilha logo abaixo, gozando de sua liberdade e dos ventos que balançavam sua crina. Como aproximar-se dele? Em desespero, a mulher pegou uma pedra e atirou e, perante seus olhos, ele caiu no chão, atordoado pela pedra que o atingira na testa.

Com o coração aos pulos, ela desceu até ele. Ali estava o animal, morto no chão. Houve agonia, e então ela sofria pelo cavalo que aprendera a amar e lamentava-se por seus próprios padecimentos. A jóia estava dentro do cavalo. Ela torcia as mãos. Naquela noite, dormiu com a cabeça apoiada no ventre do animal. Várias vezes olhara a faca sem ousar utilizá-la. Era um sacrilégio, assim lhe parecia, cortar até mesmo a carne sem vida daquele animal prateado.

Mas, no dia seguinte, com as lágrimas escorrendo pelo rosto, ela abriu delicadamente o flanco do cavalo, e começou a cavar cada vez mais fundo. Introduzindo a mão na ferida aberta, sentia todo o ser convulsionar-se pelo que estava fazendo. Por fim, enjoada e quase desmaiando, retirou a jóia. Depois, ajoelhou-se várias vezes e beijou a

fronte do animal. Com galhos de árvore encobriu-o, e a passos lentos dirigiu-se para o castelo.

Ali, seu pai a viu aproximando-se e foi ao seu encontro.

— Minha filha — chorava ele. Ela caiu em seus braços. — Minha filha, você voltou.

— Sim, voltei. Ela mostrou-lhe a jóia. Devolvo-lhe isto. Meu pobre coração eu dei a outro, mas este que nos contém a ambos eu trouxe de volta.

— Você fez muito bem — disse o velho.

— Não, não, não foi bem feito. Fui uma guardiã desleixada, mas sincera. A alegria me deixou descuidada e o sofrimento alheou-me. Há sangue em minhas mãos, pois abati o cavalo que me trouxe até aqui, o cavalo que eu amava e que me ajudou a sair do apuro.

O homem pegou-a pelos ombros e virou-a: — Veja lá, quem vem vindo?

— É Sabedoria. Ela não muda.

— Sim, é Sabedoria, e está trazendo seu cavalo. Talvez ele não cavalgue mais tão ligeiro. Também ele precisou aprender a obedecer.

— Ele foi forçado a transportar o que deveria ter sido apenas minha carga. Mas ele está recuperado. Eu o conheço, ó sim, eu o conheço. É o trabalho da Sabedoria que fez o meu próprio coração.

Quando Sabedoria uniu-se ao grupo, disse:

— Esse era o meu cavalo que eu tinha deixado na aldeia. Uma vez que você pôde aceitá-lo, cavalgá-lo e domá-lo, eu agora o dou a você, a quem ele pertence.

Desde o momento que perdeu a jóia, a mulher percebeu que era a única responsável por seu resgate. Já estivera dividida pelo conflito entre o mundo e a jóia, e por conseguinte deparou outro plano de sacrifício e isolamento. Ninguém pode carregar nosso fardo para nós. É muito compreensível que tenha procurado ajuda com a prostituta, pois ela havia protegido o seu próprio anel de ouro. A mulher precisava de reforço de seu lado feminino, cujos valores ela havia negligenciado. Voltar novamente à sombra é uma união com o Si-mesmo, pois sem a sombra não se tem pé firme na realidade.

A mulher moderna é o produto de uma sociedade patriarcal cujas leis são as do Logos, e não as do coração; uma sociedade em que a mulher esteve condenada a não ser si mesma, e sim a idéia masculina do que seja a mulher, situação esta patrocinada e alimentada por seu próprio *animus*. Quando o Logos faz uma tentativa de remodelar Eros à sua própria imagem, os valores femininos caem no limbo dos processos perdidos e os valores femininos reais assemelham-se por demais à natureza, com todas as suas irracionalidades misteriosas e suas forças tenebrosas. Para encontrar a totalidade, é preciso que a mulher se volte de novo para o que foi rejeitado, para a sombra na qual este outro lado está oculto, pois qualquer pessoa precisa das forças instintivas que a vinculem à natureza, ou as coisas ficarão soltas demais no ar. Para a mulher isso significa uma possessão pelo *animus*, enquanto para o homem significa a perda de sua alma. É pela dimensão da natureza que a mulher se inteira dos verdadeiros valores femininos; nem o Logos nem o homem podem ensiná-la sobre isso. É muito comum que na vida o homem tente refazer a esposa segundo seu modelo ideal de feminilidade, ao invés de aceitá-la tal qual é, não percebendo com isso que está perdendo aquela preciosa realidade que ela é, em nome de uma ilusão.[1] Depois, um dia, a mulher vai acordar para o fato de que esteve vivendo segundo as idéias dele, ao invés de ter sido fiel a si mesma. Nesse momento, ela se dá conta de uma coisa muito importante: a jóia de sua singularidade foi-lhe usurpada, em troca de uma que ela confiou a um negociante. O bem pessoal foi negociado no mercado coletivo. Depois,

[1]Acontece o mesmo quando a mulher insiste que sua idéia de homem seja vivida pelo marido. Nesse caso, o homem sacrifica seus valores, fica perdido como criatura masculina real, ou precisa tentar uma masculinidade que não é adequada. Ao conhecer melhor sua própria *anima*, estará amenizando essa forma de dominação imposta de fora.

é claro, se ela se propõe a recuperar seu tesouro e tornar-se quem é, que é o destino a ela outorgado por seu criador, ela não é mais uma pessoa com quem é confortável conviver e o marido não entende o que está se passando, a menos que sua própria alma tenha pedido dele uma resposta. Caso isso aconteça, eles têm uma chance de voltarem a se relacionar. A responsabilidade repousa principalmente nos ombros da mulher, pois o seu papel de direito é o de um Eros que entabula relações. O problema do papel feminino atinge muitas e longínquas dimensões da vida. Se a origem arquetípica da feminilidade não é entendida, nem pelo menos intuída ou apreendida de um modo geral, os valores externos correm o risco de ser malversados. Inclusive a mulher mesma pode considerar a feminilidade de um ponto de vista masculino e tornar-se uma feminina compulsiva, sob o comando de seu próprio *animus*. Decorre dessa dinâmica uma sexualidade que é predominantemente masculina em sua atitude e freqüentemente confundida com a natureza passional da mulher, quando na realidade trata-se de uma frigidez e seu conseqüente desejo. Se o homem tem o dom de aceitar a natureza feminina com sua qualidade mutável, cíclica como a Lua, ele não só favorece a formação de vínculos, como acalenta sua própria alma, de tal sorte que ele não vende esses valores a nenhum negociante, ou seja, não os troca por idéias masculinas. Eros é, em si, um espírito, um dom do lado feminino de Deus. Sexo sem Eros é algo desprovido de seus reais valores arquetípicos; a vida sem Eros é intolerável. Quando o homem exige da mulher uma reação à vida que passa pelo *animus*, ou seja, que ela aceita valores masculinos, ele passa então a temer aquilo que ele mesmo ajudou a criar. O lado masculino da mulher começa a ser então seu princípio regente e torna-se o inimigo do homem, no plano do masculino. O homem é então forçado a uma feminilidade cada vez maior,

a reações provenientes de seu lado feminino desconhecido, a *anima*. Nesse nível ele entra em contato não com o verdadeiro Eros, mas com a feminilidade negativa, que pode consumir a totalidade de sua vida.

Na fantasia, o pintor queria ajudar, mas essa ajuda, por não ser do tipo certo, foi rejeitada. Ele criara um segundo paraíso do qual ela precisava ser expulsa para evitar que o mundo se tornasse por demais fascinante. Não obstante, é como se precisássemos "comer da árvore". Claro que o pintor, ao se apossar da jóia, contribui para que ela seja expulsa desse segundo paraíso. Mais uma vez, esse caminho acontece de passar pela sombra que sabe dos meios secretos e não tem medo de sutilmente lograr o negociante com um expediente ainda mais astuto e, assim, dar a ajuda à mulher. Na análise também é verdade que a mulher descobre que é preciso ser rápida e astuta para iludir seu próprio *animus* negativo. A mulher troca com o negociante quatro moedas por um cavalo de prata. A libido telúrica é trocada por algo mais vivo e pessoal, e o cavalo de prata poderia, neste caso, estar se referindo à intuição.[2]

O negociante era quem reconhecia os valores e, embora tivesse o aspecto sinistro de um "ladrão", também é um "guia". Ela foi roubada enquanto dormia no seio de seu paraíso terrestre, em que tudo parecia seguro. Na análise, é um acontecimento freqüente a pessoa inclinar-se a pensar que chegou, quando, na realidade, a intuição apreendeu coisas essenciais; ou, depois de ter sido feito um certo progresso, a pessoa adormece no embalo de um paraíso falso. Vemos no negociante ainda o motivo do Traquinas.[3] Este manifesta um traço de astúcia e malandragem, enquanto, de outro lado, permite-se ser superado por engenhos mais bem articulados. Ele é uma figura de salvador e um algoz: o que fere e cura. O pintor e todo seu encanto é outro aspecto do Traquinas; o diabo seduz, e aí reside seu poder. Tais personagens são o lado duvidoso de uma trindade composta pelo velho, o negociante e o pintor. Este negociante é uma figura mercurial. Na qualidade de serpente era menos diferenciado e correspondia à mulher menos diferenciada que apareceu como sereia. Esse negociante seria aquela personagem que Jung, em seus trabalhos, mostrou como Mercúrio.

Mercúrio, enquanto representante imagético do inconsciente, é o espírito que ultrapassa a personalidade. Ele é o impulso procedente da realidade interior ou do mundo inferior que emerge das profundezas do corpo rumo à esfera espiritual. Ele é a ânsia no inconsciente que coordena diversos valores e que amplia a consciência. É um princípio que agrega as partes dispersas num todo e, nessa medida, é o princípio da individuação. A seu respeito diz Jung: "Ele é o espírito que penetra nas profundezas do mundo material e o transforma".[4] É também idêntico ao *nous*. "Mercúrio é... a alma do mundo aprisionada na matéria e, como o Homem Original que se perdeu no amplexo amoroso de Physis, precisa de salvação através do empenho do artífice. Mercúrio é libertado ('solto') e redimido".[5] Na alquimia, a substância transformadora é comumente identificada como Mercúrio que, na química, significa mercúrio e, numa perspectiva filosófica, é o *spiritus vitae* (espírito da vida) ou alma do mundo.[6] Mais adiante, ao falar da origem do Mercúrio medieval, diz o seguinte: "Mercúrio, porém, tinha muitas

[2]Desejo evitar confusões sobre o tema aqui, mas o cavalo de prata também está em analogia próxima com Mercúrio — a prata rápida cujo significado filosófico é "spiritus vitae".

[3]Paul Radin: veja o Triquetraz (Traquinas) para referência sobre esse motivo.

[4]C. G. Jung, *Psicologia e Religião, Ocidente e Oriente*, p. 233.

[5]Ibid., p. 277.

[6]C. G. Jung, *Psicologia e Alquimia*, p. 126.

coisas em comum com o diabo... Pertence à essência da substância transformadora ser, por um lado, extremamente comum, até mesmo negligenciável (o que expressa na série de atributos que partilha com o demônio, tais como a serpente, o dragão, o corvo, o leão, o basilisco e a águia), e, por outro, ter um grande valor, para não dizer que é divina. Isto porque a transformação encaminha desde o mais baixo até o mais elevado, da dimensão bestialmente arcaica e infantil até o homo maximus místico".[7] A dra. Marie-Louise von Franz disse: "Mercúrio é a imagem em espelho, mas divina do Cristo, no cerne de esfera ctônica. Ele é a outra imagem do Si-mesmo, manifestando as qualidades escuras, incertas e ambíguas do Si-mesmo, tantas vezes visíveis nos sonhos das pessoas modernas. Por isso, existem tantos contos nos quais Mercúrio é apresentado como figura que diz que primeiro precisa ser redimido. Ele responde que é oportuna a necessidade moderna de um símbolo que abarque mais elementos do mundo inferior, inclusive mais impulsos primitivos e escuros, do que permite o símbolo do Cristo dentro da tradição eclesiástica."[8]

O deus, o velho, estava ciente desse seu lado escuro, como o atesta sua preocupação quando a mulher sai do castelo. Quando ele aparece tão inteiramente bom e solícito é preciso estar alerta: o oposto oculta-se à espreita. Portanto, é uma enantiodromia natural que ela encontre o negociante que rouba sua jóia. O velho bom oferece-lhe a jóia, e a sombra leva-a embora. A ligação entre ambos é óbvia, diante de seu interesse mútuo pelo tesouro. A sombra do velho, assim que cai em desgraça, instiga os meios para sua própria renovação espiritual. Quem, em última análise, ludibriou de uma vez o negociante foi a sombra

[7]Ibid., p. 128.
[8]*Archetypal Patterns in Fairy Tales*, p. 69.

da Sabedoria. Em ambos os casos, foi a sombra o instrumento da redenção. Para lidar com o negociante, empregou seus próprios expedientes. Isso é necessário quando se enfrenta o lado escuro. A mulher aceitou a sabedoria da sombra, que foi competente para lidar com aquele lado da situação. Se a pessoa não conhece a sombra na vida, ela é incompetente para enfrentar fatos nesse nível. No entanto, enquanto a figura do traquinas ou o lado escuro do velho, o negociante realmente queria ser logrado. Os riscos que ele correu forçaram a mulher a também correr riscos. A transformação dele começou quando tirou o chapéu e refletiu sobre seus atos. Sem reflexão não é possível consciência.

Por estranho acaso, a jóia estava no cavalo. A jóia costuma ser reconhecida e incorporada pela intuição, mas se ela permanecer para sempre no âmbito intuitivo, jamais será uma vivência. Portanto, essa função precisa ser abandonada. O abandono de uma função superior é como a morte, como o assassinato do ser mais vital da própria pessoa. Mas a mulher obtém o tempo todo a ajuda de alguém em contato com a realidade. Uma vez que é um arquétipo, ela pode indicar um caminho que, no plano humano, é doloroso. Ela é a Grande Mãe Natureza que exige submissão. Para individuar-se, a mulher sempre é confrontada com a submissão à Guarda Mãe, ao passo que, para o homem, a necessidade é superá-la. Nesse sentido, a mulher moderna depara imensa dificuldade, pois o espírito ou *animus* está altamente desenvolvido. Portanto, decorre que, quando o espírito ou *animus* é confrontado com a necessidade de submeter-se à Grande Mãe, isso sempre tem uma ligação com a transformação de seu *animus*. Ela é forçada a lutar contra as exigências negativas que ele lhe faz e, dessa forma, a cada conflito conquista um pouco mais da própria redenção, assim como da renovação dela mesma. Vezes seguidas

ela vai ao local de submissão ao feminino, mas trata-se de uma submissão especial, pois ela também deve desobedecer à mãe devoradora, quer dizer, o aspecto negativo do arquétipo materno. Quando as coisas negativas opõem-se à pessoa, elas, ao mesmo tempo, a libertam. São em si mesmas um incentivo, pois somente por uma colisão com a vida é que a pessoa se inteira de que vive. Pais excessivamente indulgentes poupam de uma dor apenas para infligir uma ainda maior, a do não-viver. A existência da humanidade significa sofrimento e, portanto, o lado escuro do velho é forçado a perseguir a mulher, a fim de que ela vá em busca de sua totalidade. Por intermédio desse gesto, ele se torna o deus completo, o duplo aspecto, a fim de se tornar mulher completa. A redenção do homem é a redenção de Deus.

Sabedoria havia deixado o cavalo na aldeia; este representa a libido telúrica e o poder das coisas materiais, mas também é a percepção extra-sensorial. As intuições que nos controlam não são nossas propriedades e a prostituta sabia disso até certo ponto, ao dizer que era o destino daquele animal participar de tal drama; por isso é a mulher que diz: "Ele foi forçado a suportar o que seria a minha carga". Deve ser a carga do ser como um todo individuar-se. Não podemos deixar a responsabilidade pelo cuidado da jóia entregue aos outros ou à Igreja. Também é verdade que, quando a pessoa está na inconsciência, o lado animal pode fugir com o tesouro. Na filosofia hindu, o cavalo tem sido considerado um símbolo do mundo interior, e nessa fantasia a mulher estava deixando para trás o mundo no qual havia "adormecido".

Chegamos aqui, mais uma vez, ao motivo do sacrifício. O segundo sacrifício: trata-se de um retorno a outros valores. Ela havia ganho tanto em termos de humanidade, que achava difícil sacrificar o cavalo, o que ela só conseguiu depois de devidamente instigada pela ação frenética do próprio animal. Neste segundo sacrifício, ela estava mais consciente do que no primeiro, pois sabia que buscava recuperar seu tesouro, mas não pôde realizar sua missão sem a ajuda do cavalo. Esse também é o sacrifício do impulso de vida, do impulso sexual, da instituição etc., e é a entrega à vida transpessoal.

Sabemos que a Sabedoria tinha deixado o cavalo pronto. Ela sempre está por trás das coisas, e a atitude certa convoca sua atividade. Sabedoria lhe diz que, por ela o haver dominado, este lhe pertence. A mulher havia sacrificado a libido animal vinculada ao mundo, mas agora sabia que a própria libido era em si o presente da Sabedoria e não podia morrer. Somente reconhecendo que os nossos dons vêm dos deuses é que nos salvamos de ficarmos inflacionados; tendo, porém, recebido esses dons, devemos aprender e controlá-los ou eles nos possuirão cegamente.

Antes a mulher havia recusado o cavalo de seu pai — o caminho da libido masculina — para enfrentar o mundo. Através de sofrimentos e esforços ela recebe então seu próprio cavalo de Sabedoria, que é o princípio feminino. Quando a mulher aceita o caminho masculino, afasta-se da vida real. Voltar a novamente estabelecer os valores femininos é algo que implica esforços, sofrimento e sacrifícios.

Mesmo correndo risco de inserir citações demais, não posso deixar que este trecho do trabalho passe sem incluir o que Jung disse em sua discussão sobre o problema dos tipos na poesia: "O Prometeu de Spitteler, assim como seu Deus, afasta-se do mundo, a periferia, e fita introspectivamente o ponto médio, a 'estreita passagem' do renascimento. Essa concentração, ou introversão, direciona gradualmente a libido para dentro do inconsciente, e assim a atividade dos conteúdos inconscientes é intensificada — a alma começa a 'trabalhar' e cria um produto

que pode emergir do inconsciente na tela da consciência. O consciente, no entanto, tem duas atitudes: a prometeica, que retira a libido do mundo, introvertendo-a sem distribuí-la no exterior, e a epimeteica, que responde constantemente de uma forma sem alma, endossada pelas alegações dos objetos externos. Quando Pandora fez seu presente ao mundo, isso quer dizer, no plano psicológico, que um produto inconsciente de grande valor está a ponto de alcançar o plano de consciência extrovertida, isto é, está buscando uma relação com o mundo real. Embora o lado prometeico, quer dizer, o artista, apreenda intuitivamente o grande valor desse trabalho, suas relações pessoais com o mundo estão de tal sorte subordinadas à tirania da tradição que o trabalho é meramente avaliado como trabalho de arte e não em sua verdadeira significação, a saber, como símbolo que promete uma renovação da vida. Para convertê-lo de interesse puramente estético em realidade viva, o trabalho também precisa alcançar a vida, ser aceito e vivido na esfera da realidade. Quando a atitude é por demais introvertida, ela é dada à abstração, a função extrovertida é inferior e, portanto, subjugada aos encantos das restrições coletivas. Essa capacidade restritiva impede que o símbolo criado pela alma possa viver. Dessa forma, a jóia fica perdida. Mas não é possível à pessoa viver se 'Deus', isto é, a mais elevada expressão simbólica do valor vivo, não puder também tornar-se um fato vivo. Por conseqüência, a perda da jóia também significa o início da queda epimeteica.

E agora inicia-se a enantiodromia. Em vez de assumir como líquido e certo, como todo racionalista e todo otimista são inclinados a fazer, que um bom estado será seguido por outro melhor, pois tudo tende a um 'desenvolvimento ascendente', o homem de consciência imaculada e princípios morais universalmente aceitos faz um acordo com o Beemote e seu séquito maldito, e até mesmo as crianças divinas confiadas aos seus cuidados são barganhadas com o diabo.

Do ponto de vista psicológico, isso quer dizer que a atitude coletiva, indiferenciada, diante do mundo refreia os mais elevados valores humanos e, neste sentido, torna-se uma força destrutiva cuja influência multiplica-se até atingir um ponto em que o lado prometeico, ou seja, a atitude ideal e abstrata, coloca-se a serviço da alma e, como verdadeiro Prometeu, acende para o mundo um novo fogo.[9]

A jóia de nossa fantasia é o valor feminino, que precisa ser colocado a "serviço da alma". Ela toca no profundo problema da mulher moderna, o qual deve ser exposto e debatido, pois a própria mulher permitiu que os valores femininos fossem "barganhados com o diabo". Surge um novo valor, uma nova espécie de prontidão acompanha-o, de acordo com tais documentos do inconsciente. Na vida, as mulheres culpam principalmente os homens pelo roubo da jóia. Mas, por si mesmas, engolem o pensamento tradicional e não percebem o odor anti-Eros nele contido. De forma muito semelhante à de Adão, que não se ateve a seu princípio de Logos e rejeitou a tentação da mulher, esta negligenciou a incumbência de dar-se conta de seu princípio e protegê-lo. Tal proteção não significa um ataque ao Logos, ou ao homem, mas uma atitude profundamente sincera de valorizar o princípio de Eros para que possa ter uma adequada relação com Logos. Estes são os dois pilares da criação, a sizígia divina que alicerça Ethos.

A idéia de tal equilíbrio pode ser encontrada num pronunciamento atribuído a Jesus: "Ao ser indagado quando seu Reino viria, ele respondeu: 'Quando dois forem um, quando o de dentro estiver com o de fora, e o

[9] Jung, *Tipos Psicológicos*, pp. 227-229.

macho com a fêmea, nem macho, nem fêmea." Locke diz que essa passagem "parece muito enigmática para estar de acordo com o Mestre."[10] Um pensamento parecido é expresso nos escritos de Tomé, que foram descobertos em forma de papiros em 1945, perto de Nag Hamadi.[11] Pode-se aceitar que tal pronunciamento pareça intrincado, como disse Locke. No entanto, os dados da psicologia analítica permitem tornar mais claros os significados implícitos nessas palavras atribuídas a Jesus.

Outra passagem interessante do texto *Martyrdom of Peter*[12] é a seguinte: " Exceto se tornares a mão direita como esquerda e a esquerda como direita, e o que vai para cima naquilo que vai para baixo, e aquilo que está adiante naquilo que está atrás, não conhecereis o Reino de Deus."

[10]Roderic Dunkerley, *The Unwritten Gospel*, p. 121.
[11]Evangelho segundo Tomé, p. 57.
[12]Dodd, p. 89.

7
O MITO COM COMENTÁRIO (Cont.)
O FEITO

A mulher estava muito sozinha e pensou assim: "Vivemos as duas em meu coração agora; mas devemos estar unidas também no coração dela."

E como não via uma forma sequer de se aproximar dele, de realmente entender e ser entendida, perguntou ao menino que cuidava do velho se podia ocupar seu lugar. Ele concordou com uma condição: ela deveria cortar o cabelo e dar para ele. Com relutância, cortou as tranças e as entregou ao rapaz, em troca de suas roupas, e depois foi na direção do velho, na esperança de assim vir a conhecê-lo mais de perto.

O velho a reconheceu e seus olhos encheram-se de tristeza. Ele tentou fazê-la desistir, mas ela pôs os dedos sobre os lábios e disse: — É certo para mim servi-lo. Certamente sou a filha de seu luto, não de sua carne. Quem poderia importar-se mais? E se eu não consigo suportar separar-me de você, como é que você consegue suportar separar-se de mim?

— E você sacrificou seu lindo cabelo para ficar perto de mim — disse o velho.

—Não sacrifiquei meu coração para que você pudesse viver e não ficar triste? E você, o que sacrificou desde aquelas primeiras lágrimas?

— Você exige que eu também faça um sacrifício?

— Exatamente. Sacrifique seu coração para saber que você também vive. Você pode realizar um sacrifício em seu próprio altar, mas assim você terá se sacrificado.

— Parece que você é como Eva.

— Mas você ainda não é Adão.

— Ele saiu de seu Paraíso.

— E você está fora, mas não sabe. Se a pessoa vive, não existe Paraíso; o portão, no entanto, é o mesmo tanto para ir como para vir.

— O espírito das trevas não a teria chamado?

— Estou além de distinguir.

— Irei — disse ele em voz baixa.

— Porém, quando eu fui, você me perguntou se eu o amava ou não o bastante para ficar. Hoje, quando já sei, você está preparado para me deixar.

— Alguma coisa em mim quer que eu deva permanecer para você o que eu sou. Não é fácil, mas é assim. Ele a beija na testa e diz:

— É uma pena que você não tenha permanecido criança.

— Mas, ela gritou, nasci mulher.

O velho arruma seus poucos trajes e começa a afastar-se do castelo. Ele não pára para olhar para trás, e caminha direto rumo às montanhas.

A mulher estava triste, mas não ousou detê-lo. Depois, conforme os dias foram passando, ela sentiu medo e, montando em seu cavalo, foi ao encontro de sua amiga prostituta, que lhe abriu as portas e a recebeu calorosamente.

— Mas como você está triste — disse ela — triste mesmo! Conte-me, o que está perturbando você?

A mulher contou sua história toda e o que havia feito, e a prostituta disse: — Você o ama, e por que não?

— Ele parecia tão próximo e tão distante e eu preciso trazê-lo de volta de lá longe. Tentei fazê-lo aproximar-se, mas meu caminho não é o dele. A quem mais eu poderia amar?

A prostituta ficou pensativa, contemplando-a. — Sabe — disse ela — você fez um sacrifício depois do outro, mas estaria disposta a sacrificar seu orgulho?

— Decerto que já o sacrifiquei.

— Não, na realidade não. Uma coisa é forçar o homem a dar-se conta de que você é uma mulher, e outra simplesmente abandonar o seu orgulho e entrar no caminho dele, sem impor-lhe essa responsabilidade. É isso o que todas queremos fazer: ir bem longe e deixar que o homem carregue o fardo.

— Mas esse não é o meu caminho.

— E por quê?

— Não sei.

— Eu sei. É orgulho. É simplesmente aquela fina margem sutil no modo como fazemos as coisas.

— Oh, eu não poderia. Ele talvez me odiasse. Eu não conseguiria suportar a ira dele.

— Você fala como se ele fosse mais do que humano, pois o que é a insignificância da raiva humana senão um estimulante?

— Ora, ele é mais do que humano. Ele é deus. No entanto, se sigo o seu conselho é porque devo. Ele está tão próximo e tão distante. Esse é o conflito. Ele é pai, e mais do que pai. Ele não pode realmente viver para mim ao menos que eu o traga para perto. Ele pode muito bem ser aquela imagem em pedra, a menos que também se sinta próximo. Não se pode viver assim. Você tem razão. É preciso correr o risco do fogo, dos erros, até da morte, senão como é que se vai distinguir entre a vida e a morte?

— Onde irá encontrá-lo? perguntou delicadamente a prostituta.

— Ele deve ter ido para a montanha Donna Buang, em cujo topo há uma cabana que dá para um vale. Lá eu o encontrarei.

— Então você deve levar minha capa vermelha. É mais quente do que a sua e, olhe, tenho aqui a aliança de casamento de minha mãe, para colocá-la em suas mãos. Antes nunca senti vontade de colocá-la em ninguém e, decerto, nunca em mim mesma. Mas existe algo de sagrado no que você está fazendo, mais sagrado do que qualquer casamento. Não compreendo, mas existe.

Tão logo alcançou a estrada, a mulher dirigiu seu cavalo para Donna Buang e, enquanto ele galgava a encosta serpentina da montanha, sentiu-se fraca, enferma e amedrontada. Era como se o fogo que queimara tão ardente em seu íntimo houvesse esfriado por completo. Ela queria voltar. Por duas vezes deteve-se antes de poder prosseguir. Depois, viu a aliança dourada em sua mão e pensou na confiança que a prostituta depositara nela e timidamente reencetou o percurso.

Diante da porta da cabana parou, e como não ouvia qualquer som, deixou-se entrar. Estava fria e desabitada. Não havia sinal algum de que ele estivesse estado lá.

Desapontada e aliviada, ela foi até o cavalo e o conduziu até um estábulo para que se aquecesse. Depois, voltou e abriu as cortinas da janela para olhar a paisagem. Nuvens brancas e alongadas espraiavam-se sobre a superfície do lago, lá em baixo no vale, acariciando a água com seus amorosos dedos, formando filamentos que uniam céu e terra. Suspirando, virou-se de costas e, extenuada, atirou-se sobre o leito para repousar.

O velho havia retornado ao castelo. Durante dias a fio lutara consigo mesmo e, agora, por impulso, havia encontrado seu caminho de volta. Somente seu servo estava lá e ele lhe perguntou aonde tinha ido a mulher. Ele respondeu que só lhe diria mediante certo preço, e este era que o velho lhe desse sua barba. O velho ficou enfurecido, pegou o rapaz, ameaçou-o, deu-lhe chutes impiedosos. O jovem permaneceu inabalável. Depois, movido por seu desespero, o velho entregou-lhe de má vontade a tesoura e o rapaz cortou-lhe a barba e barbeou-lhe o rosto até deixá-lo liso. Recolheu depois os longos fios de barba e deixou o velho em pé, diante do espelho, olhando-se como se nunca se tivesse visto. — Como vou saber — lastimou ele — que sou sábio? Decerto esta barba era o sinal de minha sabedoria.

— Somente eu sou sábia, disse Sabedoria, postando-se ao seu lado. Aquela barba separava-o do mundo. Sim, o rapaz agiu bem.

Depois, de repente, o homem se lembrou e disse: — Ele não me disse onde ela está.

O jovem voltou e instruiu-o como chegar à prostituta. Depois, tomando um cinto que estava na sua cintura, deu-o ao velho, dizendo-lhe: — Fiz com os fios do cabelo dela. Pode ser bom que você o use.

O velho pegou o adorno e viu que era uma fina trama tecida com os fios de seu cabelo dourado e, com reverência, atou-o à própria cintura. — Lamento ter ficado com tanta raiva de você. Desculpe-me.

Os olhos do moço sorriram. — Não é preciso, senhor. Eu gostei muito. Foi a primeira vez que o vi realmente humano.

— Quem é você, rapaz?

— Eu? Oh, sou Humilde. A maioria das pessoas tem a oportunidade de me conhecer em algum momento de sua vida. A mim cabe ser sempre humilde. As pessoas são

principalmente como o senhor, me dão chutes quando faço exigências.

Os olhos do homem faiscaram, e então alisou-lhe o queixo com carinho. — Um de seus filhos, Sabedoria — disse o velho.

— São todos meus, respondeu ela. O sábio e o tolo, o mau e o bom, o arrogante e o humilde. Eles descobrem sozinhos o que são.

O homem seguiu então seu caminho e, quando chegou à casa da prostituta, ela lhe abriu a porta. Ele perguntou sem preâmbulos:

— Minha filha está?

—Sua filha? ...Oh, por favor, entre. A prostituta convidou-o a sentar-se. Sim, sou amiga dela. Mas, com certeza, você não é o pai dela.

— Sim, sou... Diga-me, onde ela está?

— Sabe, senhor, preciso ter certeza, antes de permitir que alguém a veja. Ela não está feliz e não posso permitir que fique ainda mais transtornada. O senhor vai me perdoar, mas ela fala a seu respeito como se fosse o homem mais velho e distante do mundo.

— Acredito que seja mesmo.

A prostituta balançou a cabeça. — Então vou lhe dar um pouco de comida, porque você tem uma longa distância pela frente. Aqui, beba isto e escute. Ela está vestindo uma capa vermelha e partiu a galope em seu cavalo de prata para chegar a uma cabana na montanha Donna Buang que fica depois da Estrada Bulla.

— Por que teria ido até lá?

A prostituta afastou-se, mas observava com atenção. — Acredito que ela não conseguiu pensar em nada mais distante. Quando o coração dela dói, você gosta de ir para bem longe. Quando você pensou e pensou e não consegue mais pensar, você busca um retiro. Pode ser por isso que ela tenha ido para lá.

— Obrigado. Vou segui-la — disse ele — e também encaminhou-se pela trilha serpenteante de Donna Buang.

A noite já havia caído há muito tempo quando ele chegou e, ao entrar na cabana, não havia outro som além do da respiração compassada da mulher.

O homem atravessou o aposento e olhou para ela deitada, à luz da lua. O cabelo curto espalhava-se pelo

travesseiro. Ele o tocou com seus dedos e depois pôs sua mão no cinto de fios que estava em sua cintura. Então pôs as mãos embaixo dos ombros dela e a trouxe para seu peito, enquanto murmurava: — Graças aos céus você está a salvo, e eu a encontrei.

Ainda embriagada pelo sono, ela pôs as mãos nos ombros dele, e trouxe os lábios dele para perto dos seus. — Eu sabia — sussurrou ela — que se eu realmente pudesse conhecê-lo, você seria assim.

Tinham encontrado um ao outro e não importava que uma tempestade estivesse desabando no cume da montanha. Suas palavras eram de um para o outro e não deviam ser partilhadas sequer pelo silêncio da noite.

— Você me devolveu à vida, ele disse.

— Nós somos o destino um do outro, respondeu ela. Como poderia amá-lo completamente, enquanto você estava tão distante? Eu tive de arriscar-me a perdê-lo totalmente para poder encontrá-lo. Mas não pense que eu não senti ou não sinta medo de sua proximidade. Agora eu sei que há um propósito em mim, que não sou apenas uma existência. Você foi o meu deus postado à beira do infinito, e agora é o meu deus ao alcance da minha mão.

— Você pediu que eu também sacrificasse meu coração. Mas como, se o meu coração é você... Você é a minha alma. Isso eu não poderia sacrificar.

— Agora eu sei. Antes, eu não entendia.

— Meu coração lutou dentro de mim para que ela pudesse ser realizada.

— E realizasse, acrescentou ela. Uma vez você me perguntou se eu não o amava o suficiente para ficar. É preciso ir para poder voltar.

— Também sei disso agora. O orgulho queria que eu ficasse sendo o grande sábio para você.

Ela levantou os olhos. "Não são a proximidade e a compreensão a grandeza? Quem pode avaliar algo que está distante?"

A canção do amor do devir

Mulher: Para mim, você é o sol do meu ser, e para você eu sou a terra, a terra escura e misteriosa. A você imploro o êxtase da alegria do seu amor. Busque-me e frutifique a

terra do meu ser para que, através da sua luz, eu possa gerar um fruto. Cálido é o seu sopro, como a brisa tropical. Incandescente como o vento que abrasa o deserto e suave como o zéfiro que leva ao repouso da noite. Forte é o seu braço que se estende até os céus. Quem poderia deter seu poder ou esquivar-se de suas demandas? Dize-me para que eu possa gerar e cantar o hino em louvor por ter recebido você.

Homem: Você é, por certo, a terra escura e misteriosa. Seus seios são as montanhas que alimentam o mar, as florestas e o fruto dessas para o qual o seu corpo é o riacho vivo. Mulher, você concebe nas trevas do mistério em cujo seio é sacra e, ao mesmo tempo, profana. Você é a terra, minh'alma.

Mulher: E quando você se compromete a vir à luz, é escuro e ignoto. É o espírito do universo... ansiando, sempre ansiando por ver a luz, é que lhe será dado reconhecer sua semente que a terra guarda para você.

Pela manhã a mulher viu que as nuvens levantavam-se do lago, como espirais tênues que buscavam o céu. Assim como elas se haviam aninhado no regaço do lago, seu amor também havia permanecido perto do seu coração e, como aquelas que haviam subido e se distanciado para jamais retornarem àquele local — pois a natureza das coisas era o eterno retorno, mas nunca na verdade o mesmo, pois este também é um devir — decerto aquele também era o seu sacrifício. Ela sabia que não poderia retê-lo para sempre. — Que direito tenho ao meu pai? — lastimou-se. — Todo e nenhum. No entanto, ninguém pode jamais abrir mão daquilo que encontrou. Eu não posso sacrificar — chorava — e, no entanto, não consigo olhar em seu rosto.

Erguendo então os olhos, viu Sabedoria e estendeu-lhe os braços.

— Sabedoria, ajude-me a compreender. Na hora de minha maior alegria acontece minha maior dor. Será que deverão sempre andar de mãos dadas?

— Você está certa em não conseguir olhar no rosto dele. Você buscou a maior alegria e o mais elevado conhecimento, e o preço deve ser o sacrifício.

— É verdade que estou sonhando que o sol brilha sobre a terra e que a abençoa? É sonho que estou grávida do espírito daquele que me deu vida? É verdade que habito para todo o sempre no colo do meu pai? Sinto-me fraca demais para ficar sozinha.

— Você não ficará sozinha. Gerará repetidas vezes e a natureza será sua companheira. Assim como as árvores perdem as folhas e os frutos para se renovar, seu caminho será como o das árvores. Se não fosse assim, o rio da vida secaria. Nada é seu. Nem seus bens nem o sopro da vida. Em tudo o que der à luz, você terá a imagem e o espírito dele.

— E mesmo isso não será meu.

— Não, nem isso. Quem pode possuir outrem quando tudo está possuído em sua pessoa? As águas escorrem das montanhas para o mar, erguem-se de novo para o céu e são despejadas; nem o céu, nem as montanhas, nem o mar possuem as águas para sempre. As coisas sempre estão lá e, ao mesmo tempo, sempre em movimento e mudança. Aquilo que as gerou não muda, para que possam retornar. O padrão é o mesmo, embora a aparência mude.

O retorno da mulher ao castelo significou para ela uma mudança de atitude com relação ao velho, e ela queria desencadear nele uma mudança. Verifica-se na análise que, quando mudam a atitude e o entendimento da pessoa quanto aos arquétipos, isso desencadeia uma mudança nos próprios arquétipos. O inconsciente começa a nos exibir a face que mostramos a ele. Custa muita paciência e persistência, e amor também, aguardar essa mudança.

Para efetuar algum progresso, a mulher busca ajuda junto ao rapaz, que lhe exige o cabelo. Ela recorre a um expediente feminino para avaliar os meios segundo os fins. Parte dos métodos baixos e sombrios usados com ela haviam-na redimido e também tinham-na trazido um pouco mais para baixo. Gradualmente fora removida do plano dos deuses para tornar-se mais humana. Ela descobriu que existem meios mais sutis do que a abordagem

direta, e começou a usar a consciência lunar ao invés da luz solar do dia. Lembremo-nos de que como sereia ela era inconsciente, ou tinha feminilidade apenas em parte do consciente. A mulher que funciona principalmente em seu Logos, ou dimensão masculina, por mais resplandescente que possa ser, é tão inconsciente na dimensão feminina, em Eros, quanto um homem o é, ainda mais naturalmente. Por isso, o rebaixamento dos padrões de Logos, que permite maior desenvolvimento de Eros. Embora peça um sacrifício do homem também, ela não o rouba. Ela busca um caminho sem violar a independência dele. Confrontar o princípio masculino e opor-se a ele, dominá-lo, provocaria um desastre. Eros busca outro caminho ainda, que a irmã mais telúrica e o rapaz têm condições de lhe revelar.

Contudo, antes que qualquer coisa possa ser realizada, ela deve desistir de seu cabelo. Cabelo que nasce da cabeça geralmente simboliza pensamentos. Seus pensamentos (Logos) tinham estado por demais ativados e precisavam ser sacrificados ao rapaz, que é uma figura de Eros. Podemos ver por sua atuação na vinculação do homem e da mulher que ele é Eros; sendo assim, possivelmente era o *animus* ou os pensamentos de Logos que ele exigia em sacrifício, o que é um pedido bastante razoável para o domínio de Eros.

Mais tarde seu cabelo foi dado ao velho. No folclore é um princípio relativamente geral que quem recebe um pouco de cabelo, tem poder sobre a pessoa, ou pelo menos alguma ligação com ela. Em uma história, Aquiles não cortava seu cabelo porque seu pai, Peleu, o havia dedicado ao rio Espérquio. Era costume oferecer o cabelo ao rio local, e Aquiles saiu de casa ainda menino para que seu cabelo não pudesse ser cortado enquanto ele estivesse sob o juramento. Como essa fantasia agora entra pelos domínios do tabu do incesto, pode não ser descabido sugerir

que o corte de cabelo só se tornou possível depois de ela tornar-se internamente pronta para romper com esse tabu que a havia expulsado do castelo. O tabu do incesto em si tem a ver com infância e com segurança. É tão antigo quanto a consciência e praticado pelas tribos mais primitivas. Foi esse tabu que forçou as pessoas a sair pelo mundo. Existe sempre o anseio natural de retornar; é a busca pela paz divina. O cristianismo colocou no além o objetivo da unidade última com o Criador. O anseio de retornar às origens poderia ser facilmente mal-entendido como desejo sexual. No nível espiritual apenas é que se torna legítimo quebrar o tabu, ou seja, realizar a união espiritual com Deus. Na vida, assim como no domínio da carne, é um acontecimento contra o qual a sociedade justificadamente se opõe. A idéia da união, a *unio mystica*, não é o sexo sublimado na existência espiritual; é uma exigência espiritual inata. No nível ctônico o desejo pode ser equivocadamente entendido e expresso como desejo sexual, no plano do incesto físico. Por trás desse equívoco existe um padrão arquetípico que, ao ser compreendido, insere o desejo em seu contexto próprio. Os seres humanos são forçados a romper a unidade original e adentrar as dimensões da consciência, e em algum ponto resta sempre um anseio natural de regressar àquele estado interior ao da consciência ou do conflito, no seio mesmo do criador. Essa busca pela deidade é um arquétipo universalmente existente na humanidade. É mobilizado pelo grande poder da conjunção final, poder que se pode constatar permeando toda a vasta extensão do mundo criado.

Existe grande perigo no estar contido em estado inconsciente, e também é perigoso e doloroso sair dele, mas é somente dessa maneira que pode acontecer a verdadeira união. O rapaz, que é uma figura de Eros, é o que tem condições de vincular novamente os dois. Ele foi o deus que entrou no plano humano para elevar o status da

Psiquê e, neste caso, ele usa o cabelo como elo de ligação. O cabelo, nos tempos da antiguidade, era um veículo de conexão, de união. Era costume dedicar um cacho de cabelo a Deus, colocando-se em comunhão com ele. O rapaz Eros transferiu o cabelo da mulher para o homem. Primeiro ele cortou o cabelo, e é um fato interessante que, em 470 a.C., usar cabelo curto denotava que a pessoa não era livre, e ele então, como Eros, teve de se livrar do cabelo flutuante, signo de liberdade. Ela estava agora cada vez mais sob o princípio de Eros. Cortam-se os elos de ligação com a natureza quando se toma consciência, como é sugerido pelo cabelo longo, e a mulher nunca poderá conhecer o espírito se permanecer una com a natureza e a inconsciência. É um paradoxo. Ela precisa libertar-se da natureza para conquistar a consciência e, ao mesmo tempo, sua missão é introduzir a consciência na união com a natureza. Sendo, assim, privada da liberdade que havia conquistado, ela novamente cai sob o poder de Eros, embora em novo nível.

Eros foi o deus masculino que se uniu à mulher-terra feminina, e em virtude dessa união ele se tornou a princípio feminino. Mas ainda não era bem o caminho da mulher, pois ela tentou tomar emprestadas as vestes de Eros. Como acontece na vida em si, não se é aquilo a cujo respeito só se está vivendo um papel. Ela precisava ainda aprender outro modo. Eros não deve ser logrado — aliás, ele não pode sê-lo. Algo tem de ser sacrificado, especialmente se esse sacrifício consiste em ser dominada por Logos. É muito genuíno que a mulher deva rejeitar essa dominação. Assim sendo, na fantasia a mulher não pode mais habitar em condição de desigualdade na casa desse deus tão excelso. Trata-se, no entanto, de mais do que tão-somente brincar de ser Eros, pois isso não convidaria à cooperação do deus. A mulher deve colocar-se frente a frente com o velho sábio, do ponto de vista de seu

Eros real, ou então ele a manterá como cativa, pois ele realmente não quer deixá-la ir. A entrega de seu cabelo de mulher, da dominação exercida pelo Logos e pelo *animus*, foi o terceiro grande sacrifício.

Mas, o que se passa com o velho que aparece na fantasia? Assim que a mulher se coloca à sua frente, ele vê nela a Eva que o irá retirar de seu paraíso. Ela era um ser com mais consciência do que ele, pois já havia sido expulsa, e ali, aquele seu palácio, poderia ser ainda outro local que talvez a tentasse a dormir. Constatamos, na vida, que as pessoas que entram no mundo espiritual das idéias, e até dos ideais, tornam-se prisioneiras delas e, no que diz respeito ao mundo, estão adormecidas. A mulher precisava ser ainda mais vigilante nessa situação, e quando ele a chama de "sua Eva", ela responde que ele ainda não é Adão. Literalmente, Adão quer dizer humanidade. Portanto, esse deus ainda não é humano, mas continua vivendo na dimensão inumana dos deuses, alheios ao mundo, num local em que ele estava claramente propenso a mantê-la aprisionada. Ela porém havia vivido sua própria mutação interior, conhecia esse processo. Em geral, não teremos consciência das mudanças muito grandes enquanto não retornarmos à antiga situação e descobrirmos que a estamos percebendo com nova postura, ou com mais consciência. Voltar à vida, depois da análise, é o momento em que se passa pelo processo da assimilação.

Ela havia chegado ao local da paciência e da espera e, como é tão comum em análise, as coisas parecem não se movimentar. Aqui, porém, quando o homem se movimenta, ele vai mais longe. Ele não havia se deslocado de dentro do castelo, e por isso não havia se submetido à mudança, e enquanto ele continuasse com essa inércia nada realmente poderia se movimentar, de modo que ele precisava levar um choque para pôr-se em movimento. E

exatamente o mesmo com o *animus*, que precisa levar um choque e sair do castelo no qual até então viveu. Na vida a pessoa também se vê diante de um problema quando se trata de ter sido uma existência muito protegida, e o *animus* da mulher pode viver sob a tutela dessa biblioteca de fatos, todos encadernados em couro. Quando ele é convidado a ir aonde ela habita e ali viver com ela, tornando-se parte integrada na qualidade de seus verdadeiros pensamentos e não mais com um conjunto de opiniões arbitrárias, ele não sabe como agir. Ela é quem deve conduzi-lo, mostrar-lhe o mundo que é dela, como as coisas são, pois é como se ele nunca tivesse tomado ciência de sua realidade feminina. Se a direção é deixada a cargo dele, ele novamente a reconduzirá à biblioteca ou ao castelo. Para viver como mulher, ela precisa fazer com que ele venha para a vida com ela, e esse ato sempre significa um sacrifício. A despeito do fato de que o *animus* pode destruir a vida feminina, a mulher executa o sacrifício terrível de abdicar do poder que o *animus* pode comandar. Na realidade, ela não pode efetivamente abrir mão dele, e o conhecimento que tem dele ajuda-a a usar o poder dele de modo correto, de tal modo que seu lado feminino também tenha chance.

O velho havia-lhe pedido que ela não tentasse encontrá-lo — não em novo nível. O homem, ou o princípio masculino, quer que a mulher permaneça inconsciente. Quer dizer, se ela permanecer inconsciente irá submeter-se a ele e aceitá-lo, sem questionamento. Não obstante, é quando a mulher enfim conhece a alteridade masculina em si mesma que sua verdadeira feminilidade tem oportunidade de se expressar. Quando Eros se torna princípio consciente, a mulher é capaz de amar. Ela então pode enxergar o homem externo tal como ele é, na sua própria natureza, e não como seu *animus* pensa que ele deveria ser. Relacionamentos inconscientes po-

dem ser da mais devoradora natureza. Na fantasia, a relação entre a mulher e o pintor ocorreu no nível inconsciente, o que fez dele um dragão devorador, do qual ela precisava escapar e, dessa forma, foi arremessada num plano de ainda maior consciência.

A mulher havia exigido um sacrifício do velho. Parece ser uma atração secreta por Deus que ele sofra conosco. Um deus muito distante não terá feito o sacrifício de se tornar humano e vivenciar as limitações humanas. Como alguém que é limitado pelo amor terreno pode amar outro muito longe desse plano, e o que nunca foi limitado? Não existem bases comuns de entendimento, a menos que este desça à terra, e ele é o único que pode descer, pois é o deus. Portanto, para que Deus seja conhecido, ele tem de ser humanizado; só então é que a raça humana pode encaminhar-se rumo ao Reino de Deus. Daí decorre a importância da condição humana do Filho de Deus. A busca sempre diz respeito a unir o espírito e o mundo material, realizar mais uma vez os primeiros genitores. O *animus* é o grande arquétipo, modelador de destinos e elo com Deus. É em si mesmo verdadeiramente um poderoso deus do destino da mulher, assim como a *anima* é a deusa poderosa da psicologia masculina.

A partir da experiência à qual Sabedoria havia encaminhado a mulher, a partir do sacrifício de seu coração, de seu cavalo, de seu cabelo, ela teve vislumbres da existência de um mundo que está além do sofrimento e, então, reuniu a força necessária para ir em frente. Na análise, cada etapa pode trazer em seu bojo sacrifício e sofrimento, mas também um conhecimento mais firme de que o inconsciente de fato coopera e também contém uma sabedoria na qual podemos confiar. Quando não sabemos, quando parece que não há caminho, a sabedoria do inconsciente pode nos dirigir. Lá habitam o velho sábio e a velha sábia, que até mesmo as tribos mais primitivas aprenderam a conhecer, e que o homem civilizado, com sua predileção pela compreensão intelectual, perdeu.

Antes que a mulher possa produzir qualquer espécie de mudança na situação, ela deve entrar outra vez em contato com a prostituta e obter dela uma orientação feminina diante do problema. Na análise, voltamos seguidas vezes ao mesmo ponto, encarando, por assim dizer, o mesmo problema; esse retorno, contudo, dá-se em espiral, e a cada volta sabemos um pouco mais, apesar de o problema ficar mais complicado. O orgulho é sempre algo difícil de render-se, e é a esse respeito que o quarto sacrifício é exigido. Ela está agora num local onde os valores éticos são reais, num local em que só se pode ingressar e atravessar com autêntico conhecimento, devoção e reverência religiosa. Orgulho e valores mundanos são efetivamente postos de lado. Ela dá seus passos rumo ao caminho final, onde o orgulho não pode mais acompanhá-la. Isso não vem no início, mas no fim, porque, depois de ter experimentado tantas coisas, a pessoa torna-se *aquela que executa o sacrifício* e corre o risco de entregar-se à *hybris*. Nesse sentido, é o orgulho que finalmente deve curvar-se perante exigências transpessoais. Esse é o sacrifício total, o abrir mão de tudo, até mesmo do papel de quem se sacrifica. Esse é um ato consciente maduro de sacrifício que abdica de todas as reivindicações, dispondo-se à mais exemplar aniquilação. Assim, se mediante o sacrifício a pessoa tem disponibilidade para entregar-se enquanto ser, então certamente ela enfim apropriou-se de quem ela é.[1]

A prostituta colocou em seu dedo uma aliança de ouro, símbolo da totalidade; esse ato destinava-se a dar-lhe forças, pois é muito natural que as pessoas sintam

[1]C. G. Jung, *Psychology and Religion: West and East*, p. 257.

medo quando se aproximam dos deuses. Enquanto o velho estiver distante, estará a salvo, mas assim que efetivamente passar a existir na vida de alguém, sua presença imporá uma responsabilidade diante da qual manifesta-se uma inclinação pelo recuo. A prostituta sabe disso em parte, quando também dá à mulher seu manto vermelho, traje dos deuses pagãos com a cor do Rei Sol. Parece existir uma fusão entre o aspecto pagão e a idéia cristã da "noiva". O anel que ela usa, por ser um bem da mãe da prostituta, aponta para a totalidade no seio da natureza. Layard fala do anel, ou círculo, como "útero, ou a mãe, e também como alma intacta".[2] Ao fazer tal presente, ela está intuindo um motivo sagrado e não-pessoal na viagem que a mulher empreende.

Novamente no castelo, algo está acontecendo com o velho. Ele está com raiva de ter de separar-se de sua barba, mas, apesar de si mesmo, uma mudança começou em seu íntimo. Movido por seu próprio interesse e por suas emoções, ele mesmo se encurralou. Sua barba é uma demanda do rapaz Eros, que pode direcioná-lo e tem em mente uma união na qual o homem terá de alcançar o domínio humano (ou o entendimento humano) e então dar-se conta de que não é um deus acima, mas um deus que também está no nível de sua criação. O *animus* é um deus com um aspecto inumano, e isso representa também a humanização do *animus.* Da mesma forma que o cabelo que cresce na cabeça representa os pensamentos, a barba pode representar a palavra falada. Palavras são o grande feito do *animus*, e é um aspecto humorístico ele perguntar, quando perde a barba, como irá então saber que é sábio. As mulheres, cujo *animus* inconsciente tem barba, adoram palavras de sabedoria, e as palavras são freqüentemente aquele aspecto do Logos que mantém a

[2]John Layard, *Eranos XII, Incest Taboo and the Virgin Archetype.*

mulher enfeitiçada e conquista sua devoção. Agora a mulher ignora a barba e enxerga mais além dela, pois tem um contato real com a própria Sabedoria e sabe que os valores da Grande Mãe não residem nas palavras, mas nas vivências que a vida proporciona.

O velho, desprovido de sua barba, é solicitado a aproximar-se daquele que é parte da natureza. Ele, no espírito, para unir-se com a terra, deve buscar orientação junto à terra-mulher. Sua distância também deve ser sacrificada para que ele não perca contato com sua criação, no seio do plano ctônico. Isso remete-nos ao dilema da atualidade, em que há cisão entre Logos e Eros, entre espírito e natureza, entre a realidade interna e externa.

Que a mulher tenha ido primeiro, ou tenha assumido o papel de liderança, está de pleno acordo com os mais antigos mistérios. A mulher é quem deve realizar o primeiro movimento, pois ela é quem lidera no domínio dos vínculos regidos por Eros. Na vida, é verdade que a mulher que se move confiante, segundo o seu próprio princípio, libera o homem. Isso não é alcançado sem determinados sacrifícios e sem a veneração por seu princípio de Eros. Nos mistérios, as mulheres faziam o sacrifício da virgindade nos templos em que o *hierosgamos*, ou casamento sagrado, era consumado por um sacerdote. O ato era de ordem impessoal, nada tendo que ver com as formas do casamento secular. Mais tarde essa forma de sacrifício foi abolida, e as mulheres iam ao templo para sacrificar seu cabelo, pois todas as mulheres iam uma vez fazer um sacrifício a Eros, antes de ingressar na vida cotidiana.

Na fantasia a mulher dirige-se à montanha, o Si-mesmo, assim como nos mistérios o templo era o Si-mesmo em cujo recinto eram praticados os ritos sagrados. O homem também vai ao local sagrado. O cabelo tinha sido sacrificado pela mulher, e a barba pelo homem, pois aque-

le era um domínio em que as palavras e o conhecimento secular não têm lugar diante dos mistérios da alma, dos segredos da natureza e da união mística.

Era nas montanhas, tanto dos tempos pagãos como da época do cristianismo, que as pessoas se recolhiam para comungar com Deus. Nas montanhas e nos vales, a névoa unia céu e terra; o Si-mesmo é um símbolo revestido do mistério. A jornada rumo à montanha é, para a mulher, o trabalho de repossuir, empreendido para que ela possa constatar quem ela é. Ela é uma só com a natureza e com a Grande Mãe, cujo lado negativo o amor redime. É essa jornada de amor que proporciona a profunda realização. Esse trabalho de amor é uma parte essencial da psicologia feminina.

A jornada até a montanha é, em si, um motivo arquetípico. O monte Meru, da filosofia hindu, é composto pelas coisas dispersas na superfície do mundo. Quando são reunidas, tornam-se o homem interior onde ele pode se contemplar. Ricardo de São Vitor disse: "É o sumo conhecimento saber que nos conhecemos completamente. O conhecimento completo de uma mente razoável é uma alta e imponente montanha. É mais elevada que os picos de todo o conhecimento mundano; olha de cima para baixo sobre toda a sabedoria do mundo e sobre todo conhecimento do mundo." Na Vulgata encontra-se a mesma idéia: "Aprende a meditar, ó homem, aprende a meditar sobre ti mesmo, e acenderás ao mais íntimo de teu ser. Quanto mais os homens se aperfeiçoam dia a dia em seu auto-conhecimento, mais alto subirão dentro de si mesmos. Aquele que alcança o conhecimento perfeito, já alcançou o topo da montanha."[3] O significado histórico da montanha também está expresso na idéia dos deuses gregos no Olimpo, de Moisés, no monte Sinai, e do retiro

[3]Vulgata, salmo 63.

de Jesus nas montanhas. A montanha mais significativa para a pessoa é aquela construída com os quatro lados do seu ser, e ao longo da vida muitas montanhas têm de ser desfeitas até o chão para que essa montanha transcendente possa erguer-se solitária.

Assim, a montanha é o lugar natural para onde leva a viagem. É um símbolo da Grande Mãe, e os mistérios femininos sempre estiveram ligados à terra e à matéria. Por mais transformados que possam ser, têm essencialmente que ver com a terra e a Grande Mãe, ou o princípio feminino.

Na fantasia, vimos que, quando a mulher precisou de orientação, ela foi enviada pelo velho para que encontrasse Sabedoria. Os sacrifícios e transformações pelos quais passam devem estar de acordo com o princípio feminino, tal como a Grande Mãe o prescreve. Para a mulher, significa que nem o homem nem o *animus* podem dirigir seu comportamento, pois só de acordo com seu próprio princípio é que ela pode realmente desenvolver-se como ser feminino. Quando a mulher encontra o homem segundo o princípio de Logos, isso tem ligação com o espírito e seu domínio, ao qual ela submete num nível diferente. Mas, quando o velho foi confrontado com a possibilidade de deslocar-se para um papel de relacionamento, também ele procurou Sabedoria e a prostituta para uma consulta, o que de fato corresponde bem aos fatos psicológicos. Ou seja, quanto aos seus relacionamentos, o homem precisa do princípio de Eros. Aqui ele se volta para os mandatos de seu coração, num lugar em que Logos não tem como orientá-lo. Para o homem, isso significa reconhecer o princípio feminino, e para a mulher significa sacrifício e aceitação.

8

O MITO PROSSEGUE ATRAVÉS DO MEIO DA MODELAGEM EM ARGILA (A JÓIA)

Neste estágio da Imaginação Ativa foi produzido um modelo que aparece na fotografia da página oposta. Ele retrata a união mística. Essa conjunção é a união dos opostos, da mulher com seu Si-mesmo espiritual, e do homem com sua alma. É a união de sol e lua, de consciente e inconsciente, de espírito e matéria.

O coração que a mulher carregara e ao qual era tão afeiçoada era como os amuletos usados pelas crianças romanas, livres ao nascer, ao longo dos séculos iniciais. Isso as distinguia dos escravos. No modelo, o coração agora está aberto, revelando uma nova idéia, a criança, que é o símbolo do futuro.

Essa criança está imersa no novo centro que ela recebeu de Sabedoria. É a sabedoria do coração. A criança é a nova possibilidade, e o fato de que é um embrião dentro do coração indica que se trata da criança divina e, como tal, de uma criação especial. O motivo da criança será discutido mais plenamente adiante. É a coisa pequena e preciosa que tem de ser cuidada com ternura, para que a vivência do divino possa nascer em segurança no plano do mundo externo.

Observamos, no modelo, que o velho não só despojou-se de sua barba, mas também de suas roupas. Próximo, despido, ele é cognoscível e livre de vergonha. Adão



Plotino I.6:

"Para atingir o Bem devemos nos elevar até o mais excelso estado, e então, fixando nosso olhar nesse nível e dele em diante, despojarmo-nos das vestes que acumulamos quando viemos descendo aqui para baixo. Assim como nos Mistérios, os que têm permissão para penetrar nos mais íntimos recessos do santuário, depois de se haverem purificado, despojam-se de todas as suas vestes e avançam inteiramente nus".

e Eva se cobriram para ocultar a consciência do bem e do mal, e aqui as roupas naturalmente são desnecessárias, conforme os opostos são superados. Na análise, o analisando tem de deixar cair o invólucro da persona para se encarar, pois enquanto sentir vergonha não pode se encarar. Não existe, na jornada até o Si-mesmo, espaço para as armadilhas do ego que as roupas podem representar.

"Seus discípulos lhe disseram: 'Quando é que irás manifestar-te para nós e quando te veremos? Ele disse:

'Quando ficarem despidos e não se sentirem envergonhados' ".[1]

> Renovado, ele se livrou dos velhos mantos com um safanão
> E os atirou ao fogo — Então, fulgor glorioso, excelso em sua alegria,
> Aos céus elevou-se majestoso em sua nudez
> Em radiante juventude.[2]

A mudança surtiu no velho um efeito rejuvenescedor. Todo contato direto com o Divino Velho rejuvenesce sua vida no mundo. Uma pomba apareceu nos três últimos modelos. É a pomba de Afrodite, de Sofia, e é um atributo da Grande Mãe que conduz ao amor. Nos dois modelos subseqüentes, não aparece a pomba, pois seu trabalho está concluído. Está transformada e, em seu lugar, aparece a Árvore da vida e depois Maria.

Em *Aion*, Jung faz uma citação extraída de Plotino, místico do séc. III, que consiste no seguinte: "O autoconhecimento revela o fato de que o movimento natural da alma não é uma linha reta, a menos que efetivamente haja sofrido algum tipo de desvio. Pelo contrário, gira em torno de alguma coisa interior, em volta de um círculo. Ora, o centro é aquilo de onde procede o círculo, quer dizer, em torno do princípio do qual procede. E, inclinando-se nessa direção, irá vincular-se a ele, como de resto todas as almas deveriam fazer. Até mesmo as almas das divindades se dirigem rumo a esse círculo, e é esse o segredo de sua divindade, pois divindade consiste em estar vinculado com o centro... Todo aquele que se esquiva disso é uma pessoa que permaneceu não unificada, ou é um indivíduo bruto." Jung prossegue, dizendo: "Aqui, o ponto é o centro de um círculo que é criado, por assim

[1]Dunkerley: acredito que isto proceda de escritos apócrifos (Oxyrhynchus)
[2]William Blake.

dizer, pela circum-ambulação da alma. Esse ponto, porém, é o centro de todas as coisas, uma imagem-de-Deus. Essa é a idéia que ainda está na base dos símbolos da mandala, nos sonhos modernos."[3]

Nesta fantasia, a criação veio do centro, do velho que, sentado no centro do lago que havia se formado ao seu redor, fluindo dele, também era uma imagem-de-Deus. Toda a atividade é retornar para esse centro. A origem é o objetivo.

No caso da mulher, a ênfase recai sobre a atividade da alma e assinala uma exigência muito especial de sua natureza de Eros. Ela tem de ir em busca do deus e trazê-lo até seu mundo. Na vida, se a mulher deixa o *animus* permanecer como o remoto regente de seu destino, numa espécie não unificada de autonomia, ele de fato é o bruto ao qual Plotino se refere, exatamente da mesma maneira como o homem cuja alma nunca o atraiu até o centro está nessa categoria.

As idéias inerentes ao modelo e à canção de amor só poderiam ser expressas simbolicamente. Revelam o arquétipo da união mística, que é uma vivência indizível, mas é a poderosa força interna de todas as relações entre homem e mulher. Ela tangencia o mito cósmico, a união de céu e terra que está na base de todos os processos criativos.

Sofia ou Sabedoria era a terra reunida ao deus, no casamento sagrado. Maria também era a terra da qual nasceu Cristo. "Porque a terra, como aspecto criativo do feminino, rege a vida vegetativa, ela detém o segredo de forma mais profunda e original da 'concepção e geração' sobre o qual fundamenta-se toda a vida animal. Por essa razão, os mais elevados e essenciais Mistérios do Feminino são simbolizados pela terra e sua conformação."[4]

[3]P. 218.
[4]Erich Neumann, *The Great Mother*, p. 51.

Na fantasia o homem a deixa, pois é isso que acontece em todas as experiências interiores. Não é a imagem que permanece, pois a imagem outorgou a experiência e apenas esta tem durabilidade. Isso é o que dura e é igualmente eficaz. Ora, este é evidentemente o próprio local em que tem de ser executado o último e derradeiro sacrifício. Ela foi levada à profunda experiência que desiste de si própria e nada pede em troca. Esse é um sacrifício no altar de Istar, onde a pessoa ingressa num mistério que nunca pode ser visto. Esse é o quinto sacrifício. É a quintessência, que atrai para si todos os outros sacrifícios. Aqui trata-se de uma questão de encarar aquilo que é transcendente, onde já não resta afinal qualquer ego, onde tudo foi depositado no altar de Deus. Essa é a vivência que configura a vida externa. Quando o amor é dado pelo dar em si, e quando o ego não faz exigências, a vida adquire significação mais profunda. Muitas vezes, depois de vivenciar essa constatação em seu íntimo, o amor virá de fora para a vida da mulher.

O homem tinha de se retirar para tornar-se a realidade dela, pois, se permanece, ainda continua sendo "o outro". Seu recuo significou realmente que ele estava unido a ela. Aquilo de onde ela havia nascido era o centro de seu ser. A ascensão de Cristo significa que seu espírito vivia com os discípulos e não devia ser deixado somente nele. Mas diz Neumann sobre a Sabedoria: "Sofia não se desfaz numa abstração nirvânica de um espírito masculino: como o odor das flores, seu espírito sempre permanece vinculado aos fundamentos telúricos da realidade."[5] A mulher tinha novamente de voltar ao mundo sozinha. Jung diz: "A consciência ou o conhecimento mais elevado, que vão além daquilo que num dado momento está consciente, é equivalente a se estar inteiramente só no

[5]Ibid., p. 325.

mundo. A solidão expressa o conflito entre o portador ou símbolo da consciência superior e seu meio circundante."[6] É como se o mito retratasse a solidão que se segue à percepção íntima de que se ultrapassou o plano do ambiente imediato, e esse fato nunca pode realmente ser transmitido a mais ninguém. No entanto, o fato de que Sofia permanece acrescenta algo de importância espiritual à realidade banal. Está no mito como se Sabedoria insistisse para que a mulher regressasse para esta realidade, realizasse seu sacrifício e se conhecesse parte da natureza. Com efeito, parece que o Si-mesmo, conhecendo as alturas para onde a pessoa pode ser alçada mediante o contato com o espírito vivo, insiste em que ela permaneça humilde e não caia na inflação e no anelo pelo espírito. Desde o começo Sofia fez parte do quadro, pronta para atribuir incumbências, aparecendo de vez em quando como o poder para o bem e, às vezes, como o poder para o mal, para que as coisas pudessem encaminhar-se rumo a um retorno ao centro, num nível superior. Essa mesma Sabedoria permanece para confortá-la, em sua hora de sacrifício, não como uma espécie de consolo humano, mas como uma exigência do Si-mesmo para o cumprimento das tarefas recebidas.

A união divina, a *unio mystica*, rompe com o tabu do incesto no nível da união espiritual com Deus e transcende a proibição humana. É a união com o próprio Si-mesmo, com o próprio cerne do ser, e a superação da própria divisão interior. Na psicologia da mulher o processo da individuação sempre passa pelo problema do amor. Inclui não só o amor do outro, mas também o amor de si mesma, o que significa aceitar-se de maneira significativa, permitir-se o direito de atingir sua totalidade. Essa nunca é uma união que possa ser tentada por pouco cus-

[6]C. G. Jung e C. Kerényi, *Introduction to a Science of Mythology*, p. 122.

to, ou então o preço terá proporções letais. Na fantasia a idéia conduz com toda naturalidade ao local da união. Não poderia haver qualquer outro caminho. Expressa um processo psíquico na humanidade que está profundamente protegido no seio do inconsciente. Exige o mais elevado desenvolvimento do instinto sexual, ou como diz Layard: "Instintos sexuais transformados em termos da união da alma com Deus... O estado de união com a mãe enquanto ainda se está dentro de seu útero, exemplificado por Adão e Eva no Paraíso, é o epítome da união incestuosa em que toda vida tem início, e à qual ela também deve voltar, embora em plano superior."[7] Entre o primeiro e o segundo estados está a possibilidade da individuação — esse caminho solitário que leva ao "compromisso da Alma em desposar Deus". A busca culmina na união com o Si-mesmo, ou a descoberta do *lapis*, da jóia, do tesouro do coração. Não é algo que se possa compreender racionalmente, e é só através da vivência que se começa a saber.

Acredito que essa é uma experiência que se dá principalmente na segunda metade da vida. A união no plano físico expressa a união final e necessita ser vivida; só mais tarde é que a pessoa começa sua busca pela união com o Si-mesmo. É o processo da individuação que libera a energia dedicada a metas estritamente biológicas e as transforma, colocando-a a serviço da psique. Essa transformação afeta todo o caráter do indivíduo e altera o rumo de sua vida. O "eu" tem um novo centro e um novo sentido. A mudança de significado também mobiliza as coisas antigas que ocupam seus velhos lugares, pois os desejos do "eu" perdem seu caráter frívolo quando confrontados pelo não-pessoal. Aqui é onde encontramos o instinto da verdadeira cultura, da genuína reflexão e do autêntico significado. Há pouco tempo, um amigo meu que é médico

[7] John Layard, Eranos XII, *Incest Tabu and the Virgin Archetype*, p. 259

me disse que vivenciava o avançar dos anos como sendo uma desaceleração moderada do ritmo, como o ficar um pouco mais cansado depois de algum esforço físico, mas que continha uma grande compensação, altamente satisfatória, como a cada vez mais viva atividade da mente e do espírito em suas reflexões e o aparecimento de novas energias que ampliavam seus horizontes. As pessoas descobrem isso e se deslumbram, conforme vão sentindo uma satisfação progressivamente maior no novo campo. Em geral, são pessoas que viveram a vida, e a individuação é um processo de viver e tornar-se mais consciente sob o impacto das experiências. A vida é mais do que comer, dormir e sentir prazer. A pessoa que realmente vive aceita sua tarefa, grande ou pequena, *sabe* que está vivendo e sabe que sofre, e pode permitir que a vida se desenrole. Então suas energias ampliam seus horizontes. Talvez a natureza tenha uma grande sabedoria ao desacelerar o ritmo aos poucos. Longe está de ser alguma inércia. Pode ser a desaceleração que precede a criação num nível que está em perene evolução, pois certamente o homem não atingiu ainda seu ponto culminante. Os anos de declínio, em que o mundo não é mais o grande desafio, quando o trabalho já está todo concluído, oferecem a oportunidade para o desafio interior apresentado ao ser humano: "nunca venda a jóia". O nascimento da criança divina é o símbolo desse crescimento interior, e a importância do motivo da criança é sua qualidade de futuro. Qual é o futuro dos anos finais da vida? Certamente a isso só se pode responder no plano espiritual.

A união com Deus expressa na linguagem do amor é comum nos místicos e, no Cântico dos cânticos, expressa uma vivência mística. Manter a postura racional consciente sempre, depois de uma vivência desse porte, significa manter as duas juntas. Não ficar à mercê da vivência

e nem deixá-la refluir novamente para o fundo do inconsciente significa postar-se a meio caminho e reconciliá-las. Só quando o sexo é reprimido e correspondentemente sobrevalorizado é que podemos falar de compensação numa experiência religiosa. O simbolismo sexual vem sendo usado desde tempos imemorais para expressar a união com Deus e o amor por ele, porque é a expressão simbólica mais próxima e compreensível do entregar-se a outrem. Na realidade, a sexualidade em si é uma espécie de mito em que o drama universal penetra no microcosmo. Filipe de Alexandria considerava o Casamento Sagrado como o maior de todos os mistérios, e dizia: "Para a assembléia dos homens para a procriação de filhos as virgens são feitas mulheres. Mas quando Deus começa a associar-se com a alma, ele a conduz a uma passagem na qual aquela que até então fora mulher torna-se novamente virgem... o oráculo foi cuidadoso ao dizer que Deus é o marido não da virgem — pois a virgem está sujeita a mudanças e à morte —, mas da virgindade."[8] Esther Harding diz: "Quando ela passou por uma vivência análoga à ancestral prostituição sagrada nos templos, os elementos da desejabilidade e da possessividade estão então relegados, e são transmutados pela constatação de que sua sexualidade, seu instinto, são expressões da força divina de vida cuja vivência tem um valor inestimável, muito superior ao que se obtém na escala humana e bem distinto dele. É impossível explicar a transformação que ocorre quando o amor instintivo é aceito dessa maneira e assim assimilado, pois é um daqueles mistérios, uma daquelas inexplicáveis mudanças que pertencem ao campo psicológico, no campo em que espiritual e físico se encontram. A transformação de físico em espiritual é de fato um mistério interminável que está além de nosso

[8]G. R. S. Mead, *Thrice Greatest Hermes.*

entendimento humano. É, contudo, uma questão de observação concreta que, através de uma vivência desse tipo, emerja um tipo de amor que enxerga a situação do outro e pode, generosamente, simpatizar com ela e compreendê-la."[9]

[9]*Women's Mysteries*, p. 153.

9

MOVIMENTOS FINAIS DA FANTASIA COM COMENTÁRIO (A REALIZAÇÃO)

Daqui em diante, a fantasia foi até o fim sendo representada em argila. Na página oposta, está uma ilustração de uma mulher em pé, em meio a um círculo de água que flui de uma nascente. A imagem inteira oferece

---

Extraído de *Signs*, de Rudolf Koch

Com respeito à cruz dentro de um círculo, que vemos no modelo, esse autor faz os seguintes comentários:

— Representa o sal como antigo sinal químico.
| Representa o salitre, ou nitro, um fertilizante.
— = Elemento feminino passivo.
| = Elemento masculino ativo.
⊕ = Elemento masculino penetrando no feminino, e com isso ocorre a criação.
Usado como sinal para os elementos é a terra.
Também é um sinal para Maria e Wotan.

Ao inventar as ruínas, disse Odin:
"Sei que pendo
De um galho açoitado pelo vento
Nove noites completas,
Com a lança ferido,
E a Odin ofereço
Eu a mim mesmo;
Nessa árvore
Que ninguém conhece
De que raízes brota."
Canção das ruínas de Odin (Thorpe) em *Myth of Norsemen* (Guerber).

⊕ Também é o símbolo matemático do Nome dos Nomes, I H V H, o nome indizível. Teth.



a sensação de aceitação. Ela está novamente dentro das águas de onde se originou. Quando a vida seguiu propriamente seu curso, a pessoa regressa ao mar ou lago, assim como o rio corria para o mar, o grande mar, no início da fantasia. A nascente implica em constância; é o eterno

fluir da vida. Existe uma tendência natural a voltar, não para a infância, mas para a condição infantil. A aceitação é o amor pelo destino, que deve culminar na morte humana e na entrega do indivíduo ao princípio da vida. A árvore é a vida em si e, ao se colocar em pé dessa forma, ela se estende como árvore, embora continue dentro do círculo, pois a própria consciência que tem agora é como um círculo à sua volta. Nicolau de Cusa dizia que o oceano circular, que se reabastecia de uma nascente, era uma alegoria para designar Deus.[1] Em textos antigos, a própria Sabedoria é comparada a uma árvore. Ela é o cedro e a palmeira etc. Uma árvore sempre foi colocada nos altares da Grande Mãe.[2]

A seguir transcrevo o Solilóquio que acompanhou a contemplação do modelo:

> Com que grandeza a mensagem murmurou em meu coração
> A Fonte da Vida, a fonte de todas as artes
> Circunda-me como as águas da nascente correm.
> E como a árvore, levam à terra e ao céu.
> Sozinha estava e ainda sozinha porque
> Percurso solitário é esse até o reino de Deus.
> Tão silencioso! Assim que em silêncio revelado
> Meu pai em mim habita e eu nele
> Precisamos um do outro, como a terra do sol.
> Em um momento atemporal também eu vejo
> O "agora" da imortalidade.
> Eras e eras além do futuro sabiam
> Estendidas no tempo sempre novas.
> O coração sente coisas que ainda não consegue expressar
> E palavras imperfeitas transmitem-nas ainda menos.
> As mãos, no entanto, podem moldar uma forma que parece dizer
> "Vida, eis-me aqui, não há outra maneira."

[1] C. G. Jung, *Aion*, p. 216.
[2] Ver Cântico de Salomão 4,8.

Poderia parecer que com essa atitude o *animus* seria levado a um papel de verdadeira criatividade e partilha. O que vem do coração pertence a Eros, e aí a pessoa sacrifica suas ilusões e devota-se à realidade. O anseio pela vida espiritual pode levar a pessoa a sair da realidade, e a união entre o espírito e a natureza leva-a de volta para a terra, para a vida real. É preciso que ela passe pelos rituais de um culto de mistério e, para a mulher, como em Elêusis, isso significa que alguma coisa cresce da terra.

O lugar em que a pessoa descobre "Eu e o Pai somos um só" é justamente o lugar onde é preciso que ela afunde. Aí jaz o grande perigo, pois trata-se de uma idéia numinosa e envolvente. Mesmo que ela há muito tempo tenha conhecimento de coisas tais como fatos metafísicos, eles devem irromper como novos, outra vez, na esteira de uma vivência dinâmica desse porte. Realiza-se um Si-mesmo que não é o ego como tal. Entre o ego e o inconsciente nasce uma personalidade mais ampla, e ela remete o coletivo, pois a singularidade de cada um consiste naquela configuração peculiar que o coletivo assumiu em si.

Uma qualidade do Si-mesmo é sua atemporalidade, a condição do ter sido sempre assim. E sempre foi. O Si-mesmo inclui os opostos e, entre eles, o passado e o futuro. Ele troca o arquétipo da eternidade. "Eu e meu Pai somos um só" transcende a verdade literal, e não obstante é a grande verdade. Para um sentido egóico, seria blasfêmia diminuir Deus, mas em sentido psicológico é o contato com a divina imanência. Como no Solilóquio, fala da eterna imagem que molda os fenômenos. Com o entendimento profundo que essa vivência proporciona, a pessoa volta outra vez para o mundo dos fenômenos que compõem a realidade cotidiana e acrescenta-lhe uma dimensão e um entendimento mais largos.



No Livro Tibetano da Grande Libertação, Evans-Wentz fala da Grande Libertação como o *conhecimento* de que Sangsara e Nirvana são eterna e indistinguivelmente um só, e Plotino diz que é necessário a muitos "amalgamarem-se com o Princípio que possuem inatamente". Segundo o budismo tibetano, o outro e o Si-mesmo são idênticos e quando o homem entra em guerra com esse outro ele deflagra um conflito com seu próprio corpo, com sua própria unidade no Si-mesmo.

Estando no "agora" a pessoa não se prende ao passado nem se estende até o futuro, mas está na vida de maneira mais completa, mais agudamente consciente. O "agora da imortalidade" traz as coisas para o presente, para o Tao. É como se o longo trajeto do passado pessoal e não-pessoal, e as esperanças e a intuição do futuro, estivessem subitamente perto um do outro, recolhidos no "agora". Essa reunião também significa uma preparação para a morte. O conhecimento que a pessoa atingiu não é de nível egóico (em geral considerado como autoconhecimento), mas é o conhecimento do Si-mesmo.

Para a mulher o Si-mesmo é feminino e, embora não possa ser considerado o mesmo que a imagem de Deus, existe uma conexão secreta. Talvez tenha ficado claro agora porque enfatizei que a mulher é uma figura do Si-mesmo e não do ego. Ela é completada pelos outros seres femininos e por sua união com o deus. Individuação é a vida em Deus. Esse mito do inconsciente mostra, de modo simbólico, o processo que conduz a essa união. O Si-mesmo simboliza a totalidade. O ego não é o Si-mesmo, mas o progresso do ego para tornar-se Si-mesmo fica claro.

É de grande importância para a mulher descobrir o Si-mesmo feminino, pois, na trindade masculina, não tem existido lugar para ela. Maria é um arquétipo que novamente conduz a mulher à divina hierarquia, como fica demonstrado no mistério da Assunção que a Igreja Católica lhe conferiu. Portanto, não é de todo inesperado, embora não tenha sido feito conscientemente, que o modelo seguinte em argila tenha manifestado a figura da Madona. A Grande Mãe aproxima-se e abençoa. Ela faz parte da quaternidade, somando-se à trindade. O arquétipo do feminino, na psicologia da mulher, forma uma

outra trindade, completada pelo quarto elemento masculino, quer dizer, o espírito ou Logos. Nesse caso, a trindade feminina colocava-se em oposição à trindade masculina. Sofia é o espírito feminino, o hálito de Deus, aquela que disse: "Eu venho da boca do Altíssimo". Ela é quem se descreve como Logos[3] e, na trindade feminina, é portanto o Espírito Santo. Ela é a vitalidade ativa e real do mundo criado, intimamente una com Deus, em perpétuo hierosgamos.[4]

No modelo final, aparece Maria, a mulher e a criança. Maria protegeu Jesus e cuidou dele e é um símbolo da individuação, tal como Jesus o é para o homem. De modo muito natural, a Madona substitui a árvore. Ela é a árvore da vida que floresceu e frutificou. Ela é a nascente e a fonte. O modelo anterior era da passividade, um voltar-se para o centro, e uma realização. Por isso, segue-se uma criação; um novo nascimento; um novo começo.

Como Nossa Senhora da Sabedoria, Maria é representada no simbolismo da Igreja lendo o sétimo capítulo da Sabedoria de Salomão, iniciado com as palavras... "pois ela é o hálito do poder de Deus e uma influência pura emanando da Glória do Todo-Poderoso."[5] Da amada de Salomão diz-se: "Um jardim fechado é minha irmã, minha esposa; uma fonte lacrada, uma nascente selada... Uma fonte de jardins, um poço de água da vida e de arroios do Líbano."[6] Bayley nos informa que "o Evangelho apócrifo, segundo hebreus, relata que, depois do batismo de Cristo, a 'fonte inteira do Espírito Santo desceu e pousou nele'; e essa fonte simbólica é evidentemente um sinônimo para a Pomba do Espírito Santo, dos Evangelhos canônicos."[7] Agora isso explica a ausência da Pomba, que apareceu em modelos anteriores ligados à fantasia, e desapareceu quando a "fonte" e "Maria" tornaram-se evidentes em novas formas.

A fantasia exibiu muitas referências à água, ao mar, a riachos, névoas e à fonte. Nos mitos e contos de fada, a água, sob qualquer forma, tem a conotação de limpeza e frescor. Sofia demorou-se nas águas do "começo"; ela, como Maria mais tarde, é a fonte de vida, a gota de orvalho em que o mundo todo está contido. "Portanto, Deus deu-te o orvalho dos céus".[8]

Foi a virgem quem, pela aceitação do espírito e abertura para o mesmo, provocou a encarnação de Deus, que ligou o céu e a terra. Ela é um arquétipo aparentado com o da Sabedoria — Sofia e as deusas-mães. Ela é chamada de Mirra do Mar. Como Sofia, é o útero no qual os mundos são concebidos e do qual nascem, e pela criação são separados um do outro, o mundo e o espírito. Na qualidade de Maria, ela é o infinito em forma finita, que desencadeia a união entre o céu e a terra e que, como a Noiva do Céu, é coredentora com Deus. Ela novamente torna-se o princípio.[9]

[3]Provérbios 8.

[4]Em *Psychology and Alchemy* (pp. 144-145), Jung fala de Sofia como a *anima*, "o escuro e temido útero materno". Ele diz: "O elemento feminino na deidade é mantido muito escuro. A interpretação de Sofia como o Espírito Santo é considerada herética... Ele foi mediador do nascimento pela carne, que permitiu à deidade resplandecer nas trevas do mundo. Sem dúvida foi essa associação que fez com que o Espírito Santo fosse suspeito de feminilidade, pois Maria era a terra escura do campo." Na fantasia, o trabalho de Sabedoria leva a mulher até a realidade mundana. O trabalho de Sabedoria foi o processo da encarnação. A idéia é que Sabedoria, a terceira pessoa da trindade feminina, torna-se a quinta, a quintessência de uma quaternidade igual (ver nota de rodapé 8, p. 159). Sofia também é o perpétuo movimento, a serpente que se move pelos doze signos do zodíaco segundo a ilustração persa do Tempo Interminável e Aion. Isso remete a Sabedoria eterna ao conceito do tempo, em que ela se torna mais disponível aos homens.

[5]Sra. H. Jenner, *Our Lady In Art*, p. 15.

[6]Cântico de Salomão 4,12-15.

[7]Harold Bayley, *Lost Language of Symbolism*, p. 240.

[8]Gênesis, 27s28 Bayley diz em *Lost Language of Symbolism*, vol.1, p. 167: "Sabedoria significava mais que verdade. Mais tarde foi personificada como a Influência Celestial que, em período posterior, foi descrita como o 'Espírito Santo'." A Virgem Maria é Nossa Senhora da Sabedoria.

[9]Ela deu à luz o Deus-homem que pendeu da cruz, e que só pode ser redimido da cruz pelo renascimento dentro de cada pessoa.

Para a autora do mito simbolizou um começo, o começo da vida entendida como dotada de propósito e capaz de levar para além de si mesma. Assim, o mito em si termina, no que este trabalho lhe diz respeito, acaba uma fantasia que começa com o gestar da humanidade e conduz ao futuro e à vida depois da morte. Quando as pessoas vivem do modo tradicional, elas nunca rompem com que é aceito, mas identificam-se com isso e são menos abertas para receberem essas mensagens do inconsciente. Mas se se afastarem dos velhos caminhos e das formas aceitas, alguma coisa precisa ser encontrada para substituí-las. A pessoa tem uma oportunidade para saber quem é. Parece necessário que a mulher saiba que ela é mulher e que se diferencie enquanto criatura do *animus* espiritual para que possa conscientemente unir-se com ele, com o que, nesse nível, ele se torna o incentivo de sua mente.[10]

Assim, embora tenhamos tratado de uma seção em si mesma completa, a fantasia continua adiante.

O modelo final revela a criança que, num modelo anterior, tinha sido vista no coração. A criança tem uma significação especial que, ao meu ver, poderia ser mais bem apresentada em alguns excertos de Jung, em *Science of Mythology*, onde ele diz: "Um dos aspectos essenciais do motivo da criança é sua qualidade de futuro. A criança é o futuro potencial. Daí a ocorrência do motivo da

[10]Embora tenha sido indicado que Eros é a vinculação entre as pessoas e também o reino do feminino e que Logos é a discriminação e o reino do masculino, isso não significa que a mulher vive ou deva ser Eros, e o homem, Logos. Os dois são uma sizígia no interior tanto do homem como da mulher. Logos e Eros, quer dizer, a discriminação consciente e a percepção difusa, são uma dimensão da consciência propriamente dita, inerente à humanidade. Quando o homem usa Logos ele só leva em conta a coisa em si, e quando Eros entra em cena ele se dá conta dos efeitos e das ramificações da coisa. Quando a mulher usa Eros, ela pensa numa tonalidade afetiva, é dada uma compreensão simpática, mas quando acrescenta Logos em seu plano de consciência, ela discrimina quanto ao que é certo, errado, justificado etc... em tal simpatia. É o conhecimento dessas dimensões distintas da consciência que as posiciona em sizígia e diminui as possibilidades de uma possessão, seja pelo *animus*, seja pela *anima*.

criança na psicologia do indivíduo significar, via de regra, uma antecipação de desenvolvimentos futuros, mesmo que à primeira vista possa parecer uma configuração retrospectiva. A vida é como um fluxo, um fluir até o futuro, e não uma barragem ou um retrocesso. Portanto, não é de surpreender que tantos salvadores na mitologia sejam deuses-crianças. Isso corresponde exatamente à nossa experiência com a psicologia do indivíduo, que mostra que a 'criança' pavimenta o caminho para uma futura mudança de personalidade. No processo de individuação, ela antecipa a figura que decorre da síntese de elementos conscientes e inconscientes da personalidade. É por isso um *símbolo de união*, que conjuga os opostos; um mediador, portador de cura, quer dizer, *aquele que torna inteiro*. Por ter esse significado, o motivo da criança é capaz das numerosas transformações acima mencionadas. Pode ser expresso por circularidade, esfera, ou ainda pela quaternidade como outra forma da totalidade. Chamei essa totalidade que transcende a consciência de 'Si-mesmo' ".[11] "A 'criança', nasce do útero do inconsciente, concebida pelas profundezas da natureza humana, ou melhor, da própria Natureza viva. É uma personificação de forças vitais que ultrapassa em muito o limitado âmbito de nossa mente consciente; de maneiras e meios possíveis dos quais nossa mente consciente unilateral nada sabe; da totalidade que engloba as próprias raízes da natureza. Representa a mais forte e inelutável ânsia em cada ser, ou seja, a ânsia de realizar a si próprio. É, por assim dizer, uma encarnação da *impossibilidade de fazer de outro jeito, equipada com todos os poderes da natureza e do instinto*, ao passo que a mente consciente está sempre se enredando na sua suposta capacidade para fazer de outro jeito. A ânsia e a compulsão

[11]C. G. Jung e C. Kerényi, *Introduction to a Science of Mythology*, p. 115.

da auto-realização são uma *lei da natureza* e, por isso, de invencível poder, mesmo que seu efeito, a princípio, seja insignificante e improvável."[12] "Os símbolos do Si-mesmo emergem nas profundezas do corpo e expressam sua materialidade em todas as facetas, tanto quanto a estrutura da consciência perceptiva a expressa. O símbolo, nessa medida, é um corpo vivo, *corpus et anima...*"[13]

Na análise, a criança significa trazer o que foi aprendido para o aqui e agora, e leva à mais importante de todas as coisas, à atitude que se tem perante a vida. Sabermos quem somos cria uma atitude na qual não estamos perdidos, mas começamos a viver com mais consciência, permitindo que a criança divina cresça. A nova atitude está relacionada com o Si-mesmo. A Imaginação Ativa traz símbolos que novamente apontam para a vida. Quando os véus do inconsciente são retirados, vemos o mito e o processo alquímico. Revela-se então o caminho do renascimento que envolve sofrimento, como se a pessoa atravessasse as experiências da antiguidade clássica. É uma revelação dos segredos dos antigos cultos de mistério e do cristianismo. Mostra mais uma vez a atitude religiosa que ainda está viva no inconsciente, hoje, e que fala daquilo que é sempre um mistério divino. O espírito livre está unido à natureza estática. Vivenciar por si fatos divinos, inefáveis, inexprimíveis, que não podem ser intelectualizados, enraíza a pessoa em chão mais firme, dá um significado para sua vida. É um renascimento no qual a Criança Divina tem uma oportunidade para crescer e tornar-se uma responsabilidade interna que intensifica e aprofunda a experiência humana. O "velho" desaparece e é renovado na "Criança".

[12]Ibid., p.123.
[13]Ibid., p. 127.

Por meio dessas experiências, valores perdidos são resgatados. O feminino vai ocupar seu lugar na redenção do ser humano, de sua incompletude para sua totalidade. Entra-se, por assim dizer, no templo da deusa, como o fizeram os antigos para terem uma vivência completa de si mesmos. Na análise, a pessoa leva a este altar seus instintos, suas emoções e o menor si-mesmo possível. Na psique está o mistério vivo e, no templo, é erguido o véu para que se possa percebê-lo. Retirar dos olhos esse véu de Maya é uma vivência de morte e renascimento.

A autora da fantasia está inconscientemente interessada no não-ego, por isso é uma psicologia impessoal, e não-pessoal, que se revela. Embora o processo traga à luz dinamismos inconscientes no interior da pessoa, ele mesmo não é *o* inconsciente. O inconsciente avança em sua direção para que possa ser transformado por meio de sua atenção consciente e de suas atitudes. Essa é a sagrada tarefa daqueles que empreendem a "Viagem pelo Mar Noturno". O trabalho está se desenrolando em seu íntimo e através deles, como se houvessem sido escolhidos para o mister sagrado que significa a transformação do inconsciente coletivo em algo humano. Esse poder não está no homem, apesar de ser ele escolhido, mas transcende-o até mesmo em seus mais elevados momentos. Como Jung diz em seu *Visions*: "Começa no fundo, por assim dizer, como se o mundo todo tivesse de ser construído de novo, ou como se nada nunca houvesse ocorrido antes, e então transporta a idéia adiante, até que ela atinja o estágio que ainda não é o que nunca foi; alcança o futuro. Muitas vezes é como se a série cobrisse o caminho inteiro, como se cada série se estendesse desde o inferno até o céu, desde o começo até o fim, como se fosse um ciclo completo, formulado com mais ou menos clareza. Todos aqueles que atravessaram essas vastas extensões do deserto interior, ou da mata fechada de nosso íntimo, têm a sen-

sação de que depois disso perderam seu mundo anterior. O movimento adiante leva a pessoa naturalmente para o mundo, porque o mundo é o único lugar onde se pode criar. Não se pode criar quando se está inteiramente suspenso no ar; precisava-se do mundo porque ele é a matéria-prima... Mas afastar-se do mundo só é útil quando o espírito tem de ser demonstrado. Essas coisas não provêm da vida que conhecemos. É porque ela está esgotada que nos voltamos para nosso íntimo, e aí, no local inesperado, a nova vida começa a fluir outra vez."[14] Tocar essas figuras arquetípicas, que em si mesmas são não-pessoais, tem um efeito tremendo sobre a pessoa.

Observamos, na fantasia, que as figuras femininas da Sabedoria, da prostituta, e da mulher, formam uma trindade. Existe uma tríade na psicologia feminina que é completada pelo quarto elemento masculino, para fins de totalidade. Essa tríade é o mistério da mãe, da filha e do espírito feminino. Nos mistérios de Elêusis, como diz Karenyi, a virgem era "o ser primal nascido de um elemento primal... Sua virgindade, e a virgindade de todas as Corés do mundo dos deuses gregos, não é antropomórfica, mas com uma qualidade do elemento primal não adulterado que lhe deu origem."[15] A idéia triádica precedeu o conceito posterior de trindade e era mais crua do que esta.

A fantasia mostra também uma tríade do masculino com o velho, o pintor e o negociante, sendo que os dois últimos eram aspectos diferentes do próprio velho. Aparecem figuras que se fundem umas nas outras na Imaginação Ativa, como o fazem nos mitos, e parece que é como se o inconsciente estivesse pedindo para não ser classificado com muita rigidez, de modo que seus muitos aspectos possam ser revelados. A mulher é ajudada a lidar com o homem em seu triplo aspecto... e a levá-lo a uma unidade. Ela sofreu o escuro, para poder aprender. Foi o demônio no Fausto que lhe disse que sua intenção era má e que o que obtinha, bom. A impressão poderia ser que as forças femininas, em toda a sua escuridão nos recessos das pautas de Eros, atuassem contra o aspecto destrutivo do espírito. A mulher pertence, como Coré, ao passado e ao futuro. Ela é a sua mãe e sua filha, estendendo-se para cima e para baixo, para trás e para frente, numa unidade peculiar que lhe outorga uma sensação de imortalidade. É o mundo feminino que se opõe à violação de seu princípio feminino básico. Foi feita uma tentativa para se roubar o coração de Eros, e essa iniciativa desencadeou todas as energias da trindade feminina.

Os três seres femininos na mitologia são uma trindade inferior que tem a ver com a natureza e com a terra, e em oposição a eles está a tríade superior, ou masculina, que tem a ver com o espírito. Essa tríade unificada completa uma quaternidade em que o espírito está unido com a terra.[16] "O homem original Nous desceu dos céus à ter-

[14] C. G. Jung, *Visions*, 3.
[15] Jung e Kerényi, op. cit., p. 208.

[16] Na realidade, não é triádico. A tríade é composta por seres iguais. A Trindade, ou tri-unidade, é o três que são um. Por isso considero esse trabalho mais como trinitário. Como mencionei antes, a tríade é mais primitiva, enquanto o conceito trinitário é o resultado do ato de refletir. Nos tempos antigos, a trindade era o Pai, a Mãe e o Filho. Quanto mais foi passando por considerações no âmbito de Logos, mais a idéia feminina foi sendo posta de lado, até ser completamente ignorada e o Espírito Santo tornar-se masculino. Agora o Espírito Santo é o fertilizador. Ele fertilizou Maria, mas essa conexão com Sofia foi ingênua ou indiscriminadamente revelada pelo fato de que ele era a Pomba (Nota: a Pomba apareceu em todos os modelos até o sacrifício final). O espírito desceu como pomba para Maria e também para Jesus, em Betânia. A pomba sempre foi o pássaro de Afrodite e de Sofia. A pomba passou a representar o espírito. De acordo com o modo como o espírito funciona, parece às vezes ser mais como Sofia e, em outras vezes, mais como Espírito Santo. Sofia é amor e o Espírito Santo é o entendimento e é a função intelectual. Quando o amor e a função intelectual estão equilibrados, são um só. O encontro do espírito com a terra é a união de Sofia com o Espírito Santo e, desse modo, são transcendentes na união das trindades masculina e feminina. Essa é a quaternidade igual, que

ra para tornar-se revestido pelas camadas *physis* — imagem primordial que chega sem interrupções até a alquimia."[17] A união mística ocorre no domínio do feminino. Através dela o mistério entra no mundo para ser visto na terra. Deus é uma imagem arquetípica na alma do homem; para os antigos, aparecia como um deus antropomórfico, e parece que no mundo interior do homem vive uma necessidade de criar novamente esse deus antropomórfico, para se poder ter uma relação com ele. Como dizia a mulher, como se pode conhecer aquilo que está tão distante? Essa é uma pergunta que acarreta em seguida — numa especulação metafísica — a questão da natureza divina da humanidade e do mundo criado.

em ambos são o quinto transcendente. Poderíamos dizer então que o velho também é o Espírito Santo, que fertiliza o feminino e desaparece. Como par divino, eles, Sabedoria e o velho, são um só.

[17]C. G. Jung, *Practice of Psychotherapy*, p. 245.

10
ALGUMAS INDICAÇÕES GERAIS DA FANTASIA

Alguns comentários gerais sobre a fantasia como um todo.

Que a vida deve proceder da água, ou das lágrimas, como vemos na fantasia, não é só um motivo mitológico, mas também um fato cientificamente comprovado. Portanto, não se trata apenas de uma idéia mitológica. Kerényi diz, em *Science of Mythology*: "Não é uma generalização infundada dizer que a mitologia refere-se às origens, ou, pelo menos, ao que havia originalmente. Quando fala de uma geração mais jovem de deuses da história grega, esses também significam o começo do mundo... o mundo em que os gregos viviam sob o comando de Zeus. Os deuses são tão originais que um novo mundo está sempre nascendo como um novo deus... uma nova época ou aspecto do mundo... Embora estejam presentes o tempo todo, os mitologemas que desenvolvem em forma de narrativa aquilo que está contido nas figuras dos deuses são sempre inseridos num tempo primordial. Esse retorno ao que é primordial é um aspecto básico de toda mitologia.

A mitologia proporciona os alicerces, de tal sorte que o contador dos mitos, ao dar vida à sua história, encontra seu caminho de volta até os tempos primitivos. De repente, sem qualquer digressão ou busca de sua parte, sem

qualquer investigação acadêmica ou esforço de erudição, ele se encontra naquela primordialidade que é seu interesse principal, em meio aos primórdios de que está falando. Quais são os *primórdios* em meio aos quais o homem pode realmente se encontrar? Em direção a quais deles pode ele mergulhar direto, sem barreiras? Os primórdios são tão numerosos quanto os elementos que compõem o mundo do homem, incluindo o próprio homem. Ele tem seus próprios *primórdios*, o *início* de seu ser orgânico a partir do qual ele se cria continuamente. Ele vivencia suas próprias origens como organismo desenvolvido, graças a um tipo de identidade, como se fosse uma reverberação das mesmas, multiplicadas milhares de vezes, e suas origens fossem a primeira nota que soou. Ele vivencia sua origem como seu próprio *começo* absoluto, começo desde quando ele era uma unidade que fundia em si todas as contradições de sua natureza e vida futuras. É para essa origem, entendida como o princípio de uma nova unidade-mundo, que o mitologema da criança divina aponta. O mitologema da deusa virgem aponta para outro *começo* ainda, também experimentado como a própria origem da pessoa, mas que, ao mesmo tempo, é o *princípio* de incontáveis seres antes e depois de si mesma e, em virtude do qual ela é dotada de infinitude quando ainda é um embrião... Voltarmo-nos outra vez para nós mesmos dessa forma e fazer um relato a respeito permite-nos vivenciar e declarar os alicerces mesmos de nosso ser, quer dizer, estamos assim nos enraizando na vida."[1]

O velho triste e solitário, na fantasia, é o Deus distante e desconhecido que não pode ser reconhecido na

[1]C. G. Jung e C. Kerényi, *Introduction to a Science of Mythology*, p. 11. Nesta citação, traduzi o grego como *começo* e *primórdios*, e talvez estas não sejam exatamente as acepções de Kerényi.

azáfama da vida moderna. Ele é o Deus solitário, a raiz e o princípio que aguardam reconhecimento. No final, o Deus triste torna-se o Deus triunfante que agora está sendo uma realidade viva de uma nova consciência.[2]

Não conhecemos os arquétipos. Entramos em contato com a imagem arquetípica que nos dá um sinal com a cabeça e uma indicação sutil de como as coisas são e sempre foram, e do que está por trás da imagem. Ao retornarmos ao começo, estamos de alguma maneira obtendo uma compreensão disso tudo. Em termos gerais, a vida não é questionada enquanto vida porque as coisas têm "sido" como são já por muito tempo, e nós simplesmente acabamos por aceitar o modo como as coisas são. Não nos damos conta de que o arquétipo está tentando nos trazer para mais perto de nossa vida humana. Não nos é possível ir além do aspecto fenomênico. Sejam quais forem os pronunciamentos que fizermos, a respeito da primordialidade ou do princípio, nada é explicado. O que está provado é que a alma do homem está em busca de suas origens. "O arquétipo" — diz Jung — "é um órgão psíquico presente em todos nós." É importante que não igualemos a imagem com o transcendental, o incognoscível, do qual fala e para o qual aponta. A imagem que fala de Deus não é Deus. A imagem nos traz o conhecimento ao

[2]N. B.: Pode-se fazer ainda outra referência ao velho. Ele, como Proteus-Oannes, o "Velho do Mar", era a grande sabedoria e o grande mestre que é difícil de compreender e apreender. Homero indica a dificuldade de apreender e reter a sabedoria na história de Menelau. Quando Menelau, marido de Helena, encalhou, uma filha sereia do velho veio mostrar-lhe como encontrar o velho do mar e como não deixá-lo ir-se, pois ele conseguia mudar de formas e assumir várias, inclusive a da água e do fogo, mas se seu captor conseguisse permanecer firmemente atado a ele, acabaria por vê-lo entrar em sua forma original, quando então ele forneceria as informações e os conselhos necessários. Quando esta figura aparece na Imaginação Ativa, isso sugere um conhecimento que vai mais além e, ao mesmo tempo, sugere que este conhecimento deve ser firmemente guardado e buscado. O que acaba, em última análise, decorrendo dele corresponde à capacidade e à sinceridade da pessoa que está realizando o trabalho interior, ou quando essas figuras arquetípicas aparecem em sonho.

usar uma forma por meio da qual somos apanhados por seu significado superior. O símbolo ou a imagem estende-se ao mesmo tempo para cima e para baixo, e desse modo fala ao céu e à terra; aquilo que nos transcende é mencionado em termos daquilo em que vivemos, e assim, em nós, eles se unem. O indizível é vagamente dito por meio de nossa moeda disponível.

Antes de Darwin, a idéia geral era que espécies específicas até então existentes eram permanentes, imutáveis, embora fosse admitida certa variação quanto à sua forma. Cada espécie era aceita como criação especial. O impacto do darwinismo fez com que o pensamento oficial tivesse de considerar, mais especificamente, a idéia de o crescer ter se desenvolvido de formas inferiores de vida animal e vegetal, até chegar ao que é hoje. A história do Gênesis tinha se tornado um mito, não sendo mais um relato da criação, e era portanto preciso mais discernimento para vincular as descobertas científicas às crenças religiosas da humanidade. Nesse sentido, a obra de Jung tem importância inexcedível, à medida que dá suas mãos tanto à ciência como à religião. Muitos cientistas consideravam a vida como um código ético relativo a uma espécie particular, como um processo materializado da ética. Por um lado, a idéia do egotismo e, de outro, a do altruísmo, como o grande favor para o crescimento do homem. Cada uma delas, porém, está encravada nos fundamentos da vida. Não podemos saber das coisas essenciais nem um pouco a mais do que alcançamos conhecer a respeito da solução para o enigma dos nossos primórdios. O mito, no homem, oferece-nos um vislumbre, já que procede daquilo que tem estado vivo desde que o homem se tornou consciente, e é o homem mesmo que está tecendo o fio das coisas eternas.

Em *Science of Mythology*, Jung diz que "os mitos são as revelações originais da psique pré-consciente, são de-

clarações involuntárias a respeito de acontecimentos psíquicos inconscientes, e nada além de alegorias dos processos físicos. Essas alegorias seriam um suave entretenimento para o intelecto não-científico. Pelo contrário, os mitos têm um significado vital. Eles não apenas representam; eles *são* a vida mental da tribo primitiva, que imediatamente se esfacela e entra em decadência quando perde sua herança mitológica, como o homem que perdeu sua alma. A mitologia de uma tribo é sua religião viva, cuja perna é, sempre e em toda parte, mesmo entre os civilizados, uma catástrofe moral. Mas a religião é um elo vital com os processos psíquicos, independente da consciência e além desta, situada nos escuros recessos da psique. Muitos desses processos inconscientes podem ser indiretamente ocasionados pela consciência, mas nunca por escolha consciente. Outros parecem surgir espontaneamente, quer dizer, sem causa consciente discernível ou demonstrável."[3]

"A psicologia moderna trata os produtos da imaginação inconsciente como auto-retrato daquilo que está se passando no inconsciente ou como declarações da psique inconsciente a seu próprio respeito. Classificam-nos em duas categorias. Na primeira, as fantasias (incluindo os sonhos) com teor pessoal, que remetem sem sombra de dúvida a vivências pessoais: coisas esquecidas ou reprimidas, e que por isso podem ser completamente explicadas por uma anamnese individual. Na segunda, as fantasias (e também os sonhos) de caráter impessoal, que não podem ser reduzidos a experiências do passado individual e, com isso, não podem ser explicadas como algo que o indivíduo adquiriu. Essas imagens de fantasia têm, sem dúvida, seus análogos mais próximos nos tipos mitológicos. Portanto, devemos presu-

[3]Jung e Kerényi, op. cit., p. 101ss.

mir que correspondam a certos elementos estruturais coletivos (e não pessoais) da psique humana em geral e, como os elementos morfológicos do corpo humano, são herdados..."[4] "Os arquétipos foram, e ainda são, forças psíquicas que exigem ser levadas a sério e eles têm um estranho modo de se certificar de que surtiram efeito. Sempre foram eles que trouxeram proteção e salvação, e violá-los tem como conseqüência 'os perigos da alma', conhecidos de todos nós desde a psicologia dos primitivos. Além disso, são a causa infalível de distúrbios neuróticos e até mesmo psicóticos, comportando-se exatamente como órgãos físicos ou sistemas orgânicos funcionais que negligenciamos ou maltratamos."[5]

O mito é uma fantasia espontânea que não tenta explicar nada, já que pertence ao inconsciente coletivo. É mais a revelação de como as coisas são do que alguma explicação a respeito delas, e um mito ou fantasia modernos retratam exatamente as mesmas coisas que vêm sendo retratadas desde tempos imemorais. Por ser livre da avassaladora intervenção da consciência pode conter verdades doutrinais que transcendem as limitações e as ilusões que algemam o homem, indicando então o caminho pelo qual o inconsciente está tentando atingir a saúde psíquica. Uma psicologia que ignore o inconsciente coletivo ignora as próprias raízes de onde a saúde brota. Se se tenta uma avaliação consciente de aplicação geral, os paradoxos da psique são arremessados para um plano subterrâneo e a normalidade assim pretendida é apenas estéril. Quando o inconsciente coletivo recebe o devido reconhecimento, a fonte da consciência está sendo então devidamente acessada nos pontos mais escuros e extraordinários, entre os quais o da cura.

[4]Ibid., p. 102.
[5]Ibid., p. 105.

A mitologia não afirma uma verdade em si, mas atua como uma espécie de adivinhação não deliberada. Age de modo mágico, transcendendo as limitações da vida que conscientemente se adaptou. Desconsidera o impossível, pois está além do alcance do ego e não se refere ao que "eu sou" enquanto criatura, mas àquilo que, para todo o sempre, é. Isto é atemporal, está para além do tempo; na fantasia é indicado pela idade do velho. Tocar nessa liberdade é tocar naquilo que se é no mais amplo senso possível. Sendo numinoso, o mito assente com a cabeça na direção do observador, mas não podemos interpretá-lo como querendo dizer isso ou aquilo, especificamente. E, caso tentemos encaixá-lo na ordem dos fatos, em vez de acompanhar sua história tão-somente, perdemo-lo. O mito não se interessa pelos fatos como o homem os conhece; ele fala com base no desconhecido em toda sua arte mágica, ignorando a letal esterilidade da concepção que o homem fez da realidade. Quando tentamos fazer com que um deus incognoscível se enquadre num preconceito, perdemos sua numinosidade e a religião se torna um tema intelectual. O conhecimento sempre inclui o incognoscível, e até mesmo a ciência se baseia em coisas desconhecidas. A pessoa tem uma espécie de segurança intelectual quando é capaz de rotular as coisas e, assim, mantê-las sob controle, mas a idéia então já está morta e, infelizmente, nós morremos junto com ela. É a liberdade do mito que confere o impulso de vida, a graça e a poesia, e eu abordei esta fantasia moderna como um mito porque brotou sem entraves do inconsciente. A redução desse "mito" do inconsciente a algo que fosse pessoal teria sido prejudicial e sem sentido. Essas coisas são o elemento-chave de uma nova construção e, ao ser amplificado pela analogia, esse significado é tornado aparente, ou, ao contrário, permaneceria sem sentido, ou ainda, se considerado por um prisma personalista, seria bastante ir-

racional. Amplificada pelos textos e mistérios milenares, essa história pode ser ainda novamente vista como o depoimento do inconsciente a acrescentar profundidade e compreensão a respeito da vida, e a revelar as raízes de nossa presente dimensão de consciência.

Naturalmente, quanto mais arquetípicas as imagens, menos elas podem ser associadas à vida pessoal. O arquétipo é impregnação. É uma interioridade, uma camada interna. Pertence à primordialidade, ao passo que sua imagem pode mudar de acordo com as circunstâncias históricas. Por exemplo, um trem poderia representar para um sonhador contemporâneo o que um dragão queria dizer para seus ancestrais. Na realidade, quando entramos em uma situação arquetípica, estamos em contato com nossos ancestrais... O arquétipo, tem sido dito, é como o leito de um rio aprofundado por eras e eras de águas a escoar por ali. O rio é como a vida: muda e renova; e o leito do rio fica mais fundo com as experiências e começa a controlar o curso do rio. Cada fluxo de água que passa por ali é novo, mas seu fluir é determinado pela forma que o leito tomou.

Quando as pessoas passam por uma vivência arquetípica, sentem que estão com *a* verdade e é importante estar trabalhando com alguma coisa, estar em contato consciente com a realidade, para que as idéias criativas possam ser dotadas de alguma forma e vida e assim nos salvar de nos tornarmos missionários. Diante de todas as grandes experiências internas, corremos o risco de nos entregarmos ao mister do culto. Os próprios mistérios de Elêusis eram impregnados de orfismo. Pitágoras reformou o orfismo, assim como o orfismo tinha reformado o culto dionisíaco. Com Pitágoras, em que podemos localizar nuanças de sobrenaturalidade, era outorgada a igualdade à mulher. "As mulheres como sexo", escreveu, "são mais naturalmente propensas à piedade." Para a

mulher de hoje é muito difícil essa tarefa, pois seu mundo foi dividido. A maioria dos mistérios ancestrais dizia respeito ao problema da sombra e da luz, que é justamente o local para onde qualquer análise mais profunda na atualidade novamente nos leva. A luz e as trevas estão em nós, e aquilo que enfim nos trouxe ao que somos hoje está tecendo o padrão do futuro. A busca interior significa conhecer o passado para que as formas do futuro se tornem evidentes.

A psicologia feminina tem uma dificuldade particular, pois a própria presença de Logos, ou a discriminação, influindo sobre a vida interna da mulher, dissipa os raios da lua e, com isso, eles não podem ser mais vistos como realmente são. Na realidade, esse local é de tal natureza que sol demais pode ressecar, mas se a mulher estiver disposta a entregar-se à suave luz da lua, esta pode oferecer-lhe entendimento mesmo que a deixe emudecida. Quando ela compreende, compreende a piedade à qual Pitágoras referiu-se, e se então depara coisas inexprimíveis faz melhor se se mantiver calada. Na realidade, o silêncio é a única coisa possível. No domínio de Eros, chegamos ao que é indizível. O encontro com um deus não pode ser traduzido em palavras. Oannes, o deus coberto por um véu, que antes foi comparado ao velho, teve de desaparecer e discretamente retornar quando chegou o momento *certo* para que ensinasse. Se a mulher aprendeu alguma coisa com esse contato, aprendeu também a sabedoria do silêncio e a necessidade de o *animus* ter determinado atributo do deus velado.[6]

Ninguém pode dizer que esta ou aquela é a experiência, pois cada pessoa está em sua vivência. Só podemos

[6]N. B.: Muitas tribos australianas têm uma pintura rupestre de figura humana sem boca. Seu nome é Wodgina. Povo algum é mais secreto que os aborígenes australianos quanto aos seus mistérios, divulgados apenas nos momentos de sofrimento que antecedem a morte.

reconhecer uma parte da experiência de outrem através da nossa própria, não por meio da dele. Quem reconhece o zen senão os que estão no zen? O caminho individual revela um mistério divino para cada pessoa, e isso de acordo com o que ela é, o que então revela a multifacetada natureza do Si-mesmo. Cada pessoa recebe da experiência aquilo que lhe é próprio e o seu relacionamento com o Si-mesmo. Jung então diz: "É somente por intermédio da psique que podemos estabelecer que Deus atua sobre nós, mas somos incapazes de distinguir se essas ações emanam de Deus ou do inconsciente. Não podemos saber se Deus e o inconsciente são duas entidades diferentes. Ambos são conceitos limítrofes que se referem a conteúdos transcendentais. Mas, empiricamente, e com razoável grau de probabilidade, pode ser estabelecido que existe no inconsciente um arquétipo de totalidade que se manifesta com espontaneidade em sonhos etc., e também uma tendência, independente da vontade consciente, de relacionar os outros arquétipos a esse centro. Por conseguinte, não parece improvável que o arquétipo da totalidade ocupe uma posição tão central que o faça próximo da imagem-de-Deus. Essa similiaridade é ademais endossada pelo fato peculiar de que o arquétipo produz um simbolismo que sempre caracterizou e expressou a Deidade. Esses fatos tornam possível certa qualificação para nossa tese acima esboçada, quanto à impossibilidade de se distinguir entre Deus e inconsciente.

Estritamente falando, a imagem-de-Deus não coincide com o inconsciente como tal, mas com o conteúdo especial do mesmo, a saber, o arquétipo do Si-mesmo. É desse arquétipo que não podemos mais distinguir empiricamente a imagem-de-Deus. Podemos, de modo arbitrário, postular uma diferença entre essas duas entidades, mas isso não nos ajuda em nada. Pelo contrário, só nos ajuda a separar o homem de Deus, e a impedir que

Deus se torne homem. A fé certamente está certa quando causa uma impressão sobre a mente e o coração do homem, informando-os do quanto Deus está distante e inacessível; mas ela também ensina como ele está próximo e como esta presença é imediata, e é justamente essa proximidade que precisa ser empiricamente real para que não perca toda a sua significação. Só reconheço como real e concreto aquilo que age em mim. Já aquilo que não tem efeito sobre mim pode bem nem existir. A necessidade religiosa anseia pela totalidade e, portanto, apodera-se das imagens de completude oferecidas pelo inconsciente que, à revelia da mente consciente, emerge das profundezas de nossa natureza psíquica."[7]

Como vimos, tais símbolos aparecem na fantasia, como um desdobramento, partindo do estado de participação mística até atingir um estado mais consciente, pois no quinto modelo a mulher está dentro do círculo de água, assim como no começo o velho estava no centro do lago. Como ele era um símbolo da atemporalidade, ela atingiu, no nível consciente, uma percepção de eternidade ou atemporalidade. Na qualidade de sereia, era a possibilidade latente de um Si-mesmo; na qualidade de mulher recostada à árvore, era o Si-mesmo redimido de sua existência oculta. Esse trabalho é acompanhado pela sensação de imortalidade que o arquétipo do Si-mesmo proporciona. Os símbolos relativos ao Si-mesmo que se manifestam de modo espontâneo, segundo as observações de Jung, geralmente trazem consigo do inconsciente uma espécie de atemporalidade, expressa numa sensação de eternidade. Esse trabalho confirma as descobertas de Jung e, por assim dizer, fala da natureza eterna ou imortal das coisas.

Num local em que o ser humano pode outorgar liberdade de expressão à voz interior, a essa voz que fala des-

[7] C. G. Jung, *Answer to Job*, p. 177.

de as profundezas despojada de todos os nossos conceitos conscientes e de nossa noção de mortalidade, e pode fazer isso sem a interferência do consciente, a pessoa de fato fica diante de sua própria realidade mais funda, que traz consigo uma sensação de imortalidade. Quando consideramos a fantasia, vemos ainda de outra maneira aquilo que existia antes do ego e que o ultrapassa, apontando para o que é desconhecido e final. É como se a criatura humana não fosse apenas isso, mas também aquilo que a transcende. Dessa maneira, atingimos um conhecimento da natureza tal qual é, e entramos em contato com aquilo que subjaz ao mundo fenomênico.

"Se você se treinar a ponto de conseguir vivenciar os conteúdos psíquicos como realidades objetivas, então pode sentir uma presença psíquica, pois saberá nessa ocasião que os conteúdos psíquicos não são coisas que você fez. Eles ocorrem e, com isso, você não está só no mundo psíquico. Você pode ser uma companhia perfeitamente agradável, sua melhor companhia aliás, se se treinar para considerar essas coisas como objetivas... A experiência do fato objetivo é de total importância, porque denota a presença de alguma coisa que é não-eu, e não obstante ainda é psíquica. Essa experiência pode atingir seu clímax quando se torna a vivência de Deus. Até mesmo a mais ínfima experiência desse tipo tem uma qualidade *mana*, uma qualidade divina. É fascinante. Um pouco mais e é a deidade inteira, a doadora da vida. É uma vivência decisiva..."[8]

Por meio do dramático encontro com esses arquétipos, entendemos mais claramente os padrões e as emoções que vivemos. Temos um vislumbre da base do mistério da consciência. Nesse sentido, passamos além do tempo e do espaço e, conforme o centro da consciência se

[8]C. G. Jung, *Visions.*

desloca adiante, passamos da limitação do ego para o drama imortal. Esse é o limite das fronteiras que prepara o caminho para o passamento físico.

Ao apresentar este material estou ciente de fazer uma apresentação parcial de um processo bem mais longo, mas, apesar disso, capaz de ilustrar o "caminho". O que acontece com a pessoa que se embrenhou por esse caminho é sua própria vivência pessoal. Que ninguém pode absolutamente proporcionar-lhe, pois somente ele está nessa experiência. Apesar disso, espero ter demonstrado que, neste tipo de material, podemos encontrar uma camada interna que não só afeta, mas também direciona a vida. Quando observamos o desenvolvimento de um mito pessoal devemos estar cientes de que está em jogo a moldagem de um destino. O que será feito dele sempre é estritamente individual. Jung disse: "Ninguém pode saber o que são as coisas em última análise. Portanto, devemos considerá-las tais como as experimentamos. E, se essas experiências ajudam sua vida a ser mais saudável, mais bela, mais completa e mais satisfatória para você e os que lhe querem bem, você pode certamente dizer 'foi por graça de Deus' ".[9]

Quando a analisanda estava escrevendo sua fantasia, ela mencionou que o velho parecia estar existindo desde sempre. Ela referiu-se a ele como "Tempo Ilimitado".[10] Esse fato levou sua analista a sugerir-lhe que lesse o livro de Hastings *Religions and Ethics, On the Persian Zarvan Akarana.* Era desse Deus que toda a humanidade provinha. A seita zarvanita do parsismo derivou tanto o bom espírito Ahriman como o mau espírito Ormazd do Tempo Ilimitado. Não foi senão depois de muitos anos, quando a analisanda havia realizado muito trabalho

[9]C. G. Jung, *Psychology and Religion: West and East,* p. 114.
[10]Ver p. 56.

analógico com seu material, que ela leu o *Aion* de Jung, então publicado em inglês. Embora sendo um segmento do tempo, Aion também é o Tempo Infinito e Ilimitado. "Aion cria e destrói todas as coisas, é o senhor e o mestre dos quatro elementos que compõem o universo e pode ser identificado como o Destino."[11] Aquilo que a autora da fantasia vinha constatando aos poucos tornava-se agora ainda mais claro. O velho era um símbolo da criatividade inerente no Tempo, do princípio que está na base da transformação desde os primórdios do homem moderno. Ele, o velho, é o infinito que governa e transforma cada criatura particular, tanto no plano histórico como no individual. É o Tempo Ilimitado, cujo processo de transformação de hoje cria o amanhã.

Ele, o "Velho do Mar", é também o psicopompo, condutor da alma, aquele que conhece onde está o "Tesouro" e, por isso, é o guia competente... Essa idéia condiz inteiramente com a noção central das escrituras.

[11]E. A Bennet, *C. G. Jung*, p. 115.

11

EXEMPLO DE IMAGINAÇÃO ATIVA SOBRE UM SONHO RECORRENTE

Neste trabalho de Imaginação Ativa escolhi um tema que tem ligação com o *animus*. Como o anterior, é um excerto de um trabalho mais longo. A analisanda tinha encontrado a figura do *animus* andando a esmo, com um livro atado à testa, de tal modo que cobria o rosto. Ele lhe disse que representava o "conhecimento acumulado do mundo" e que tinha muito a oferecer, mas ninguém jamais se detinha para ouvi-lo. A paciente se prontificou a vir para aprender com ele. Ela chegou a desenhar uma imagem dessa pessoa tão sóbria. Antes de continuar o trabalho com ele, ela começou a se dar conta de que havia entrado em contato com uma figura de *animus* que teria de examinar um pouco mais de perto.[1] Você observará que, diferentemente da outra fantasia, a paciente entrou diretamente na abordagem dialética e envolveu-se no processo como participante ativa do próprio drama. Ela escreveu o seguinte:

> — Manus, você poderia sentar-se nesta cadeira à minha frente? Preciso saber como você é. Gostaria de pedir-lhe que fizesse uma viagem comigo, mas seria preciso que eu conseguisse reconhecê-lo. Você realmente é esse velho de barba ou tem alguma outra forma?

[1]Este trabalho foi citado no capítulo 1.

Esperei algum tempo e ele não respondeu — Sim — disse eu — sei que você é esse velho e percebo o livro em sua testa. Gostaria que você não tivesse esse livro, pois queria vê-lo sem ele.

Isso provocou nele uma reação: — Você mesma colocou o livro aí — disse ele — e só você pode tirá-lo.

Fiquei estupefata! — *Eu* pus? Então o que está escrito nele? — Olhei cuidadosamente o livro. Era um livro de regras... com todas as regras que governavam a minha vida. Fiquei desanimada. — Oh, como eu gostaria de me ver livre delas — exclamei. — Oh, porque fui fazer isto?

— Você teve medo de não conseguir corresponder a um determinado padrão e eu tinha então de andar com elas por toda a parte. Estão repletas de seus ideais de serviço e exemplo. As coisas que fizeram sua vida tornar-se rígida.

Tentei me defender. Disse-lhe que tinha sido completamente feliz por ter obedecido àquelas regras e que eu havia realmente querido viver daquela maneira. Depois contemplei em silêncio o livro volumoso, pesado.

— Se eu tivesse permissão para retirar o livro de sua testa, estou certa de que poderíamos ir juntos muito melhor — eu disse a ele. Então tirei-o da testa do Manus e o segurei, mas não consegui me desfazer dele. — Não consigo jogá-las fora. Estou certa de precisar delas mais tarde.

— Então deixe-me carregá-las — disse ele —. Se forem levadas nas mãos em vez de na cabeça, não terão de nos conduzir.

— Como você é belo — disse eu. — Pela primeira vez vejo-o andar e sorrir em liberdade. O tempo todo deve ter sido o peso desse livro que o restringiu.

— Sim — respondeu ele, com um aceno de cabeça. — Sem dúvida foi o peso do livro que me impediu de sorrir.

Sentia-me inteiramente à vontade com ele agora e contei-lhe um sonho que tinha tido. Perguntei-lhe se viria comigo para me ajudar a encontrar a criança. — Eu estava no alto de uma colina — disse a ele. — Olhando pela borda do penhasco, vi um remanso de águas claras no qual nadava um grande peixe. Ao meu lado, havia um menininho que escorregou das pedras e desapareceu lá embaixo. Sentada, completamente imóvel no alto da encosta, estava uma mulher bem velha, toda vestida de preto, que nos observava sem dizer palavra.

Foi assim que Manus e eu começamos nossa viagem para encontrar o menino. Passamos pela velha bruxa que ainda estava sentada lá, e nos percebemos numa encosta de rio, ao lado de um fluxo de águas claras. Corremos por ali até encontrar uma entrada para uma caverna que sabíamos receber aquele rio, mas ela estava obstruída por uma rocha enorme. Samambaias e árvores faziam sombras no rio e nas encostas. Manus cruzou a água e foi adiante, mas eu tive de retroceder e atravessar pela ponte, que foi uma grande dificuldade a ser vencida, pois era uma ponte estreita sem nada a que me agarrar. Senti grande alívio quando cheguei ao outro lado e também quando alcancei Manus. Apressamo-nos pelo lado da colina e encontramos o lado onde estava o peixe. Tínhamos chegado ali vindo por outro lado e, à nossa frente, estava a caverna e podíamos ver que havia luzes lá dentro. Da entrada pudemos ver no lado esquerdo uma catedral profusamente iluminada. Havia sacerdotes num grupo postado em torno de alguma coisa de que não consegui me aproximar o bastante para enxergar. À direita havia cavernas menores, mas estavam escuras e não vimos nada. Sentindo que não podíamos avançar mais, ficamos perto da entrada e esperamos. Do lado de fora estava tudo escuro, exceto pela luz na superfície do lago. Eu sabia que precisaríamos de luz para prosseguir; por isso olhei em torno e descobri uma cruz no chão. Apanhei-a e mergulhei-a na água brilhante, de onde ela saiu luminosa, irradiando um fulgor prateado. Eu sabia que isso não era adequado para meus propósitos e continuei procurando, até encontrar uma tocha apagada. Também mergulhei a tocha na água e ela saiu com um brilho esmaecido. Ergui-a no alto e fui adiante, até aquela parte da caverna em que eram escuras as cavernas menores. Logo depois da boca da caverna grande havia alguns homens, como coveiros, tentando cavar um buraco no chão. Quando o buraco estava grande o bastante, Manus aproximou-se e jogou o livro das regras lá dentro, e então tudo foi coberto de terra. Depois voltamo-nos para o lado esquerdo de uma grande caverna e esperamos. Aos poucos foram ficando mais fortes as luzes na catedral e com isso elas iluminaram os acessos até as cavernas escuras. Enquanto olhávamos, apareceu um buraco no espaço entre a catedral e as cavernas menores.

O buraco era circular e, assim que ficou completo, os sacerdotes vieram correndo até esse centro e formaram uma roda à volta dele, deitados de rosto no chão. Percebi que a água da vida que não tínhamos conseguido seguir pelo lado de fora estava escoando para dentro dessa caverna e para o lado onde o peixe estava. Os sacerdotes formavam o desenho das pétalas de uma flor e eu sabia que minha tarefa era continuar o padrão até torná-lo completo. Pensei nas estrelas, na espiral e na serpente que eu tinha desenhado em ocasiões anteriores, e achei que ali era seu lugar, pois parecia que tudo devia se reunir. Vi o padrão se formando: primeiro, os sacerdotes, e depois, o quadrado. Depois disso, o centro aberto chamou-me a atenção e agora eu estava vendo a espiral, formada pelas duas serpentes que recuavam as cabeças como se estivessem segurando algo no alto. Em minha mão eu ainda empunhava a tocha que tínhamos usado para enterrar o livro das regras, e então coloquei-a em cima das serpentes. Elas imediatamente despencaram no chão e a tocha caiu na água e apagou. Fiquei completamente atônita diante disso, mas lembrei da cruz iluminada que tinha deixado na entrada. Peguei-a e assentei-a sobre as serpentes, que a levaram em segurança, erguendo-a bem alto. De algum lugar então vieram as palavras: "Minha graça é suficiente para ti".

Sempre observamos, na Imaginação Ativa, que conversar com figuras do inconsciente surte nelas um efeito humanizador e essa é uma possibilidade extremamente útil quando lidarmos com a *anima* e com o *animus*, pois essas figuras representam complexos que atacam por trás, por assim dizer. Se tentarmos efetuar com elas um contacto consciente, isso detém o fluxo da atividade involuntária da fantasia, o que, na maioria dos casos, é destrutivo. Com relação a isso, tive uma paciente que alimentava a idéia maluca de que seus vizinhos não gostavam dela. Ela era uma estrangeira que morava no país do marido e por isso presumia que eles esperavam que ela fosse exatamente como eles e, como ela não era, eles a consideravam uma pessoa inferior. Era muita fantasia

usada de maneira errada e o jeito de interromper essas coisas é perguntando por que a pessoa pensa assim. A mulher então vai descobrir que o *animus* está se comportando de maneira completamente desumana. Ele se apodera da vida da mulher e se alimenta de seu sofrimento. Claro que todo pequeno ato inocente ocorrido no plano externo, coisas que normalmente são ignoradas, tornam-se ganchos nos quais o *animus* pode pendurar seus pensamentos destrutivos.

Em tais circunstâncias a pessoa está realmente possuída por vozes inconscientes. A Imaginação Ativa é uma técnica por meio da qual a pessoa pode manter-se constantemente em contacto com o inconsciente; assim, numa situação em que se sente perturbada, a pessoa pode recuar e trabalhar nela até se sentir em condições de entrar de maneira decente no ambiente à sua volta. Por outro lado, se a pessoa guarda as coisas em seu íntimo, ainda cruas e não entendidas, acaba envenenada por elas. Se alguém tem um problema com uma pessoa real, não faz Imaginação Ativa a esse respeito. Se a tal pessoa tem-se comportado como animal selvagem, então use isso como tema. Se o próprio sujeito incomodado está se comportando como animal selvagem, é melhor dar uma olhada nesse animal. Assim, a criatura selvagem não estará mais no domínio da personalidade do sujeito. Este terá chegado a algum entendimento e salvará a situação externa de uma dose de veneno de sua própria *anima* (ou *animus*), salvando portanto também a si mesmo desse veneno. É preciso que a pessoa sempre esteja certa de quais são seus motivos, pois, se entra na cozinha do diabo, pode encontrar-se numa situação malévola e inclusive terminar num desastre, situação em que estará se associando de fato ao diabo. Essa é uma poderosa razão pela qual a técnica só é adequada para pessoas que tenham sido analisadas e saibam o que estão fazendo.

Esta obra da Imaginação Ativa que acabei de transcrever mostra um *animus* comportando-se de maneira praticamente inumana em relação à mulher. Ele não critica tanto o mundo externo, mas repreende severamente a mulher o tempo todo. Diz-lhe que carrega o livro das regras para toda a parte. Isso é suficiente para assustar qualquer um e, na psique, ele a amendronta sem cessar. Ele diz que foi ela quem pôs o livro ali e, de algum modo, está certo. A possibilidade de desenvolvimento de tal *animus* já está dentro da pessoa. É sobre essa possibilidade já inerente que as circunstâncias externas se assentam e crescem. Essa mulher tinha por natureza uma atitude bastante religiosa, mas sua educação e criação haviam resultado na consolidação de um *animus* cujas opiniões dominavam sua vida e transformavam uma maneira natural e religiosa em algo frio e arbitrário. À tenra idade de 10 anos, ela dedicara sua vida a Cristo e, embora pensasse nele como o terno Salvador, seu *animus* administrava a lei a partir de seu livro de regras, de tal maneira que sua vida era completamente rígida. Não dava o menor espaço para sua feminilidade ou sua fragilidade humana. Isso, afinal de contas, resultava em *ele* viver a vida em lugar dela. Ele se comportava como um gigante a tal ponto desumano que ela estava constantemente doente: vomitara assiduamente durante vinte e cinco anos, tivera dores constantes de cabeça e um problema de visão que os médicos não conseguiam atribuir nenhum dano físico aos olhos. Quando chegou a reconhecer o *animus* na psique, ficou repleta de curiosidade. Qual é a sua aparência sem o livro sobre o rosto? Isso teve um efeito humanizador. Em vez de aceitá-lo sem questionar sua sabedoria, ela quis ver seu rosto. Isto é, ao mesmo tempo, terno e feminino, e deve tê-lo apanhado de surpresa, pois ele não tinha lei alguma que se aplicasse a um fato assim tão humano. Quando o *animus* domina a

vida de uma mulher não existe mais lugar para seu verdadeiro pensar, para seus próprios pensamentos de ego. Nessa ocasião, o ego confronta-o sem ardis, de maneira direta e descomplicada. Ele concorda em remover o livro das regras e admite que o haviam impedido até então de sorrir. Na realidade, ela fora tão doente que sempre rira muito pouco; quanto mais sofria, mais era impelida por suas inexoráveis exigências idealistas. Um *animus* assim tão exigente torna impossível à mulher encontrar um valor em seu ser feminino, ou estabelecer alguma espécie de verdade interior que esteja próxima de sua natureza de mulher. A remoção do livro acontece depois de uma abordagem humanizadora e leva-o a ter uma existência consciente. O convite que ela lhe faz para ajudá-la dá início à sua atividade real no tocante a ele, ao passo que, até então, ela fora forçada passivamente a aceitar as imposições dele, sem saber em que sentido elas eram diversas de suas próprias metas femininas. Primeiro nós vimos que ela precisaria estar numa posição em que conseguisse reconhecê-lo. Reconhecer o *animus* é um passo muito necessário e, para a mulher, significa um tremendo esforço realizá-lo. Portanto, ter-lhe pedido para ver o rosto foi o nosso passo fundamental para se libertar dele, ou, psicologicamente, para personificar esse arquétipo do inconsciente de sorte que ela pudesse livrar-se da identificação com ele. Nem os homens nem as mulheres sabem quando estão nas mãos de seu *animus* ou de sua *anima*, a menos que tenham algum meio de primeiro separar-se, e depois estabelecer um modo de reconhecimento.

Assim que a figura de *animus* reúne-se a ela na viagem que ela deseja realizar, eles retornam à cena que apareceria em seu sonho. Podemos observar que ela menciona brevemente a presença de uma velha. Essa é a velha sábia, a anciã que também é feiticeira, aquela que manipula constantemente o destino. É como se a pessoa

sempre soubesse que essa figura é, em parte, divina, e, em parte, também sinistra. Essa criatura feminina é um ser da natureza que tece a teia de vida e usa as pessoas de maneira notável. Nesse trabalho, diversamente do anterior, a velha está simplesmente sentada e a autora passa por ela. Com base nesta Imaginação Ativa, eu pensaria que a autora estava tão concentrada em sua busca da criança e na companhia do *animus*, praticada em outras bases, que nem se sentiu atraída nem amedrontada por essa velha que, assim, é capaz de continuar fazendo seu trabalho na Natureza. Nos contos de fada, a heroína costuma ser punida por excesso de curiosidade e também por descaso. Espera-se da pessoa que ela tenha o discernimento correto de perceber de que maneira a Natureza quer as coisas. A heroína deve possuir um refinamento sensível, que a impeça igualmente de ignorar ou exceder-se em seus desempenhos. Nesse trabalho a autora observa a presença da mulher velha e presume que ela é uma bruxa; não apresenta a espécie errada de curiosidade com respeito a tal figura, e parece não temer o contato com figura tão sinistra. A impressão é que, no tocante à autora, a anciã é objeto de reconhecimento sem poder suscitar "maus odores" a respeito da situação. De qualquer modo, não era ainda chegada a hora de entrar em contato com esse arquétipo. Ela talvez apareça como um teste ou uma advertência. Essa é uma figura que irá aparecer e exigir reconhecimento numa ocasião futura. Tem-se sempre uma sensação, quando se acompanha uma Imaginação Ativa, de que as coisas estão ou não estão colocadas do jeito certo. O arquétipo da velha feiticeira é tremendamente importante e não pode ser descartado, mas nesta oportunidade eu diria que, já que não está interferindo com o progresso da paciente, também não deve sofrer interferências. Ela executará em silêncio o seu trabalho e, em seu devido tempo, assumirá o destaque que

lhe cabe. Especialmente as pessoas em análise passam por verdadeiras etapas de caça às bruxas e à sombra. As trevas fazem parte da Natureza; quando "elas" interferem no jogo da vida é preciso que a pessoa examine bem a situação. Caso contrário ela pode ficar sentada, quieta.

O *animus* vai adiante e cruza a água. Novamente este é um motivo arquetípico. Ele a conduz para o mundo interior, mas não faz a viagem por ela. A ponte é estreita e não há corrimão e, embora ele indique o caminho, ela tem de se apoiar em seus próprios recursos e contar com suas capacidades femininas. Em si, este desdobramento é muito diverso do efeito que até então ele surtiu em sua vida. Ela precisa estar mais consciente de si mesma. Cruzar o rio é transladar-se para outra realidade, para outro tempo. Assim é que chegam imediatamente à caverna, à habitação da Grande Terra Mãe, o aspecto positivo da "velha bruxa" a quem ela encontrara antes. A caverna é o mundo feminino e o local do renascimento, para onde fora conduzida por seu *animus*. Esse é o papel positivo do *animus*; ele, como a *anima* no homem, é a ponte para o inconsciente. Ali, no útero da vida, não havia lugar para um livro de regras. Já na entrada da catedral do mundo interior postavam-se coveiros prontos para enterrar essa espécie de posse. Ali, todo o aprendizado consciente e os valores da pessoa não têm lugar. Quando ela trouxe a tocha primitiva, iluminada pelas águas do inconsciente, o *animus* realizou o gesto que enterrava as regras que ele carregara por tanto tempo, permitindo então que ela entrasse no reino do feminino, desimpedida dos grilhões da lógica peculiar do *animus*. Depois de escoltá-la até a entrada desse domínio de Eros ele não tem mais parte ativa. Agora ela estava num mundo em que ele deveria se deter e aguardar. Se ele ainda tivesse mantido a posse do livro de regras poderia tê-la forçado a ficar, mas estava deixando-a livre para ir, não só rumo ao seu mundo

feminino, mas também para entrar num tempo diferente, pois, em sua tentativa de chegar à totalidade, ela estava diante não apenas de símbolos cristãos, mas também de outros, válidos em todos os tempos.

Não era a cruz que ela tinha de levar aqui, mas sim a tocha incandescente e só depois disso é que ela estava pronta para enxergar juntos os opostos. Esse foi o início de uma etapa de sua conscientização. Para ela, representou uma constatação surpreendente a ser seguida por uma bastante longa tarefa de assimilação. O trabalho também surtiu um efeito físico, pois desde o momento em que removera o livro das regras da cabeça de Manus, suas cefaléias contínuas tinham desaparecido. A coisa mais importante nesse tipo de trabalho é que o mesmo abre um caminho e que, depois, depende da pessoa se ela irá simplesmente ver que coisas estão por ali e permitir que refluam de volta para o inconsciente, ou se irá encarar a tarefa de assimilá-las, um tanto por dia. As adoráveis pétalas de uma rosa alimentam-se da escura matéria decomposta, que é a terra. Tal escuridão transforma-se na beleza e na fragrância das pétalas. Da mesma maneira, o ser humano é aquilo que ele assimilou, e ele tem de assimilar a escuridão da qual esteve ignorante, assim como ignorava o passado que serviu à consolidação de seu presente. A experiência que indica o caminho para a totalidade deve ser nosso alimento diário; somente aí é que a imagem pode levar a alguma espécie de completitude, na terra. Requer também a correta atitude perante o trabalho produzido. A fantasia é um fato psicológico e deve ser aceita desse modo. É um fato que afeta a vida, quer tenham consciência disso quer não. Quando as pessoas não têm oportunidade de reconhecer esses fatos, eles se constelam nos aspectos do ambiente em que elas estão. Jung diz: "O mito não é ficção: ele consiste em fatos que se repetem continuamente e que podem ser ob-

servados vezes e vezes seguidas. É algo que acontece com o homem, e os homens têm fatos míticos tanto quanto os heróis gregos os têm. O fato de a vida de Cristo ser um mito, em grande medida, não significa absolutamente nada como uma desconfirmação de sua verdade factual; muito pelo contrário. Eu iria inclusive ao ponto de afirmar que o caráter mítico de uma vida é exatamente aquilo que expressa sua validade humana universal. É muito possível, psicologicamente, que um arquétipo ou o inconsciente se apodere por completo de uma pessoa e determine seu destino até nos mais mínimos detalhes. Ao mesmo tempo, podem ocorrer fenômenos objetivos e não-psíquicos, que também representam o arquétipo. Não só parece que é assim, como simplesmente é assim e o arquétipo se realiza não só psiquicamente, no indivíduo, mas também objetivamente, fora dele."[2]

É esse conhecer e enxergar como tais coisas operam no íntimo da pessoa, e quais são seus efeitos na vida externa, que tornam inatacável a imensa importância do trabalho executado sobre a própria psique. Se a mulher permite ao *animus* suprimi-la, ela irá sentir que a vida a está suprimindo. Inconscientemente, ela convidará os homens de sua vida a se comportarem exatamente da mesma maneira que o seu *animus*. Um homem que nada sabe de sua *anima* poderá perceber que as mulheres que o cercam comportam-se exatamente como essa deusa interior. E sempre parece como se fosse realmente assim. Quando o analista fica diante de problemas de relacionamento, ele vai em busca de projeções nas quais o paciente esteja aprisionado por estes deuses internos do inconsciente. Às vezes é basicamente projeção, às vezes a outra pessoa cai sob o encantamento desses arquétipos e comporta-se de maneira que não é realmente a sua, e tam-

[2]C. G. Jung e C. Kerényi, *Introduction to a Science of Mythology*.

bém acontece de esses arquétipos atraírem para o paciente as pessoas certas para conter tais projeções, de tal sorte que possam viver segundo o destino que os mesmos determinam para elas.

Na fantasia que apresentamos, é verdade que essa figura do *animus* afastou a mulher da vida, comportando-se de maneira bastante ortodoxa e exemplar, de tal modo que o feminino natural estava bastante sufocado e, como tudo o que ele lhe havia dito era fato material enfatizado reiteradas vezes no mundo do Logos, ela não tinha meios de escapar através do que parecia uma enfermidade injusta. Voltar de novo ao domínio do feminino significa encarar o *animus* de um novo ponto de vista. Santo Agostinho disse que a mulher não tem alma, pois ela é alma. Se a mulher tem a coragem de deixar o mundo de Logos e ir buscar a verdade feminina para outorgar-lhe seu devido valor, o *animus* é seu guia e amigo. Completa em si, seus filhos são livres e ela lhes transmite o mistério da alma para que também eles possam encarar a vida.

12
ALGUMAS QUESTÕES ÀS QUAIS RESPONDEU-SE

Depois de ter apresentado esse material a um grupo de pessoas, foram formuladas algumas questões. Portanto, usei-as como um capítulo final porque, na verdade, são perguntas que poderiam muito bem ser novamente feitas. As respostas são uma tentativa de esclarecer determinados aspectos deste tema e sua relação com a "arte criativa".

Perguntas feitas e respostas

Pergunta: Apesar de você ter dito que a Imaginação Ativa é mobilizada pela atitude consciente diante do inconsciente que convoca o imaginário e lhe concede liberdade etc., o resultado me parece ter o sabor das irrupções espontâneas comuns à pessoa inspirada, ao artista criativo. Dependemos dos complexos para ter indícios e inspirações, mas você diz que não podemos reduzir a criação artística a um sintoma. Se procede de um complexo, não é sintomatologia? Não seria um sintoma a "inspiratrix"?

Resposta: É verdade que dependemos dos complexos. Os complexos não são necessariamente um sinal patológico. Quando um complexo é muito poderoso, muito densamente carregado, pode surtir um efeito perturbador sobre o campo da consciência. Como qualquer outro va-

lor, também contém uma possibilidade negativa. E esse lado negativo também se revela no processo da Imaginação Ativa. Por trás de sua pergunta parece que existe certa confusão entre os aspectos pessoal e não-pessoal de um complexo. O aspecto pessoal do complexo, sem dúvida, é o conteúdo reprimido ou subliminar. Contudo, o arquétipo também contém um elemento não-pessoal. Você falou de uma "inspiratrix" e pergunta se ela é um sintoma. Suponha que você esteja querendo dizer sintoma do complexo materno, envolvendo a mãe pessoal. Sim, por um lado, mas nessa forma é mais limitado, tem apelo menos universal e é *menos a* inspiratrix. A *anima*, por exemplo, pode usar as roupas da mãe pessoal mas ela é muito mais do que isso; ela é um arquétipo tão antigo quanto a própria consciência. Naquela forma, ela é a fonte de inspiração, de uma natureza universal que transcende o inconsciente pessoal, como todas as mitologias o revelam. Quando sua língua fala, suas palavras, sejam sinistras ou enfeitiçantes, são mobilizadoras, profundas, porque a voz é impessoal, e uma vez que suas palavras são verdadeiras para todas as épocas, somos agraciados com o selo distintivo de uma genuína inspiração.

Pergunta: Ainda estou um pouco incerto quanto à questão dos complexos. Por exemplo, posso ver que talvez tenha um complexo materno e, por causa dele, ter uma *anima* cujas qualidades são de minha mãe, e posso entender, por experiência própria, como projeto essas qualidades. Mas, na qualidade de indivíduo, como é que posso ter algum tipo de contato com um atributo não-pessoal da minha *anima*? Como é que ela poderia ter sido dotada desses atributos não-pessoais?

Resposta: Provavelmente a chave está no fato de que você disse "minha *anima*". A *anima* é um arquétipo do inconsciente coletivo. Ela é a grande Mãe desde a aurora dos tempos. O homem herda, não como uma coisa estática como a imagem de uma mãe primordial, mas um potencial para a formação de imagens, por meio do qual ela é restritamente revelada, sempre de muitas maneiras diferentes. O livro do dr. Neumann, *A Grande Mãe*, dá uma idéia da magnitude do que estou falando. A mãe pessoal, em seu papel todo-poderoso quando a criança ainda é pequena, é naturalmente revestida na fantasia desta de vestes sobre-humanas. Conforme a criança vai se desenvolvendo, a mãe retrocede em sua dimensão de heroína divina e se torna mais humana. Quando a *anima* é vista *apenas* nos trajes da mãe pessoal, esta encontra-se então investida do papel do arquétipo. Por isso, quando ela inspira, sua inspiração tem o sabor de algo mais pessoal e é muito menos a voz da Grande Mãe universal.

Pergunta: Porém, atrás desta encontra-se a *anima* ou Alma universal que, se não estiver aprisionada com a força do aço dentro da dimensão da mãe pessoal, pode servir de inspiração à pessoa por seu acesso à Sabedoria Universal, em cujo caso é a voz do símbolo que fala e não de um sintoma. Está certo?

Resposta: Sim.

Pergunta: Então não é verdade que toda a arte criativa é uma forma de Imaginação Ativa? E ainda, uma vez que a imaginação criativa é uma parte do processo terapêutico, não seria o artista a personalidade mais desenvolvida e melhor adaptada, o que obviamente não corresponde aos padrões gerais?

Resposta: Tentarei responder a sua pergunta na seqüência em que você a formulou.

Existem muitos trabalhos que pertencem nitidamente à dimensão da Imaginação Ativa. Obras como o *Fausto* de Goethe, o *Zaratustra* de Nietzsche, o *Moby Dick* de Melville e *O Vermelho* de Jack London são alguns exemplos. O próprio professor Jung escreveu bastante sobre o *Fausto* de Goethe e deu seminários sobre *Zaratustra*. O

dr. Kirsch, de Los Angeles, tem dado palestras tanto sobre *Moby Dick* como sobre *O Vermelho.* Em todos esses trabalhos o inconsciente tem total liberdade, enquanto o consciente seleciona e compõe a estrutura geral. Das palestras dadas pelo dr. Kirsch sobre *Moby Dick*, que tiveram circulação privada em 1957, gostaria de citar o seguinte: "Façamos agora uma breve pausa para considerar a extraordinária coragem que Melville demonstrou ao dar início à viagem naquele oceano que hoje chamamos de o inconsciente. Ele foi um homem verdadeiramente moderno. Descobriu o inconsciente como um fato psicológico e entendeu o significado psicológico, seu efeito sobre o ser humano e, com isso, também descobriu por si próprio o processo de individuação. Em nosso trabalho analítico diário, nós somos, e devemos ser, cientes do fato de que, ao tocarmos na superfície do inconsciente, e em especial quando ativamos a imaginação, forças monumentais são mobilizadas em nossos pacientes. Elas podem ser empregadas para o bem ou para o mal, e freqüentemente o são em ambos os sentidos. Embora muitos outros fatores estejam envolvidos, o desfecho depende principalmente da pureza da intenção. No final, deve ocorrer um confronto com o Si-mesmo, um 'Auseinandersetzung', e nossos pacientes já estão sendo fortemente pressionados por seus complexos, ou neuroses, quando partem em busca da ajuda humana prestada pelo moderno curandeiro. Os escritores e artistas criativos, em particular, costumam estar em algum ponto do grande oceano quando vão em busca de nossa ajuda; em geral, já estão se debatendo em meio a uma furiosa tempestade! Mas Melville não teve analista algum a quem consultar. Ele estava sozinho na América do séc. XIX e até mesmo seu melhor e verdadeiro amigo Hawthorne se indagava por que ele estava tão possuído pela idéia de Deus. Naqueles tempos foi uma viagem absoluta e radicalmente solitária que, significativamente, começava no dia de Natal. Em grande medida, era um partir para longe, afastando-se de sua consciência essencialmente cristã. Nos dias de hoje, depois de duas guerras mundiais e com explosões termonucleares ameaçando a própria existência da humanidade, muitos mais já encetaram essa jornada, apesar de certamente não sabermos com exatidão onde ela irá terminar".[1] O artista embarca sozinho na sua viagem. Fica na terra ou regressa a ela mediante sua abordagem crítica de suas próprias criações. Isso lhe proporciona certa segurança, mesmo que, na ocasião, ele tenha percebido que o material ultrapassa seus conceitos egóicos.

Bem, alguns trabalhos criativos podem, como dissemos antes, ser sintomáticos. Alguns trabalhos expressam perturbações do inconsciente pessoal, aquela área do psiquismo composta pelas recessões e pelo material disponível com maior ou menor rapidez ao campo da consciência. A grande obra de arte brota de níveis mais profundos, e é aí que encontramos o trabalho simbólico. Quando começamos a analisar essa espécie de trabalho, devemos tomar cuidado para não reduzir o artista a um sintoma, pois se o fizermos nada de importante terá sido conquistado e teremos perdido alguma coisa valiosa. Por exemplo, o que estamos dizendo quando apontamos a presença do complexo paterno ou materno de um artista? Que seu gênio criativo pode ser igualado a uma irritação da pele de seu queixo? Em sua análise de um trabalho simbólico, Jung atribui o maior valor possível ao gênio do Si-mesmo e está consciente de que aquela é uma iniciativa do artista rumo à individuação. Reduzir um trabalho de arte à esfera puramente pessoal não atribui o valor adequado aos símbolos usados. A causalidade biológica, embora justificada em certa medida quando

[1] James Kirsch, *The Enigma of Moby Dick*, p. 4.

aplicada ao homem, não pode ser aplicada à arte criativa de si.

"Quando, por exemplo, Platão expressa todo o problema da teoria da cognição em sua metáfora da caverna, ou quando Cristo expressa a idéia do Reino do Céu em suas parábolas, estes são símbolos genuínos e verdadeiros; ou seja, tentativas de expressar algo para o qual ainda não existe um conceito verbal condizente. Se fôssemos interpretar a metáfora de Platão segundo o estilo freudiano, naturalmente chegaríamos ao útero e teríamos provado que até mesmo a mentalidade de Platão estava profundamente fixada nos níveis mais primários da sexualidade infantil. Com isso, porém, teríamos permanecido na mais crassa ignorância do que Platão realmente havia criado a partir dos antecedentes primitivos de sua intuição filosófica. Na verdade, teríamos negligentemente desconsiderado seu produto mais essencial, para descobrir apenas que ele tinha fantasias infantis como qualquer outro mortal. Uma conclusão como essa poderia possuir valor apenas para quem considerasse Platão um ser sobre-humano, capaz portanto de encontrar certa satisfação no fato de até mesmo Platão ser também um homem. Mas quem iria querer considerar Platão um deus? Certamente só quem estivesse sofrendo a tirania das fantasias infantis, em outras palavras, uma mentalidade neurótica. Para essa personalidade, uma redução a verdades humanas universais é lucrativa em termos médicos, mas não teria absolutamente nada que ver com o significado da parábola platônica."[2]

"Antes que a psicologia analítica possa fazer justiça ao trabalho de arte, ela deve livrar-se completamente de preconceitos médicos; com efeito, a obra de arte não é morbidade e, por conseguinte, exige uma orientação inteiramente diferente da parte do médico. Este deve buscar naturalmente a causa prima de uma enfermidade para poder erradicá-la, e se possível, de maneira completa. Da mesma forma, o psicólogo deve naturalmente adotar uma atitude precisamente oposta diante do trabalho de arte. Ele não levantará a questão, que para o trabalho artístico é completamente supérflua, relativa aos seus inquestionáveis antecedentes gerais, aos seus determinantes humanos básicos; mas irá investigar o significado do trabalho e se interessará por suas condições antecedentes apenas à medida que elas forem necessárias para o atendimento de seu sentido. A causalidade pessoal tem tanto e tão pouco a ver com o trabalho de arte quanto o solo do qual a planta nasce. Sem dúvida, podemos aprender a compreender algumas peculiaridades da planta se nos familiarizarmos com a natureza de seu habitat. E, claro, é isso que para o botânico consiste em um importante componente de seu conhecimento. Mas ninguém irá argumentar que ele, com isso, reconheceu todos os elementos essenciais que dizem respeito à própria planta. A orientação pessoal exigida pelo problema da causalidade pessoal não cabe na presença do trabalho de arte, justamente porque esse trabalho não é um ser humano, mas algo essencialmente suprapessoal."[3]

As grandes obras de arte dão a impressão de que um "ser" usou o artista como médium criativo. Claro que o médium não é universalmente idêntico, pois algumas pessoas, quando criam, estão conscientemente no controle. Quer dizer, organizam e manipulam as palavras, materiais etc., porque têm em mente o produto final. Não há diferença entre elas e a ânsia criativa. Essas pessoas nunca se surpreendem com suas próprias produções. Por outro lado, outras são tomadas pela idéia criativa, sen-

[2]C. G. Jung, *Contributions to Analytical Psychology*, p. 232.

[3]Ibid., p. 233.

tem-se compelidas, geralmente esgotadas, e ficam surpresas e satisfeitas com o resultado obtido. Geralmente essas pessoas têm consciência de serem instrumentos nas mãos de um impulso que as transcende. "A análise prática de artistas invariavelmente mostra não só a força do impulso criativo que nasce do inconsciente, mas também seu caráter arbitrário e mal-humorado. Basta que nos voltemos para qualquer biografia de um grande artista para encontrar evidências abundantes do modo como a ânsia para criar trabalha sobre essas pessoas; ela é tão imperiosa que, na realidade, absorve todos os impulsos humanos, colocando tudo a serviço do trabalho, à custa inclusive da saúde e da felicidade humana comum. O trabalho ainda não nascido, dentro da alma do artista, é uma força da natureza que efetiva seu propósito, seja com força tirânica, seja com sutil argúcia, providenciadas pela Natureza para que o objetivo alcance seu fim, de modo inteiramente independente dos apelos e pesares daquele que é o veículo dessa força criativa. A energia criativa vive e pulsa no homem como árvore na terra, da qual retira sua alimentação. Pode ser, portanto, correto considerar o processo criativo como uma coisa viva, por assim dizer, implantada nas almas dos homens. Nos termos de psicologia analítica, esse é um complexo autônomo. É fato que uma porção destacada do psiquismo, que leva uma vida psíquica independente, à parte da hierarquia imposta pela consciência e, conforme seu teor de energia, pode aparecer desde como mera perturbação do processo voluntariamente dirigido pela consciência, até como uma figura de autoridade sobre-ordenada que pode apoderar-se corporalmente do ego e colocá-lo a seu serviço. Neste segundo caso, portanto, temos o poeta que está identificado com o processo criativo e que concorda de imediato sempre que o 'ter de' vindo do inconsciente o ameaça. Mas o outro poeta, para quem o elemento criativo parece quase que como uma força estranha, é incapaz, por algum motivo, de concordar, e, dessa maneira, é inadvertidamente aprisionado pelo 'ter de'."[4]

Sempre tenho a impressão de que, quando contemplamos qualquer trabalho de arte, não conseguimos distinguir o processo, a menos que conheçamos a personalidade. Mesmo então é difícil, pois que as duas atitudes podem governar uma pessoa em momentos diferentes. O significado completo e profundo de um trabalho simbólico de arte pode ficar perdido para a consciência quando este é forçado a conformar-se à tradição e só é apreciado como obra de arte.

"Para convertê-lo de interesse estritamente estético em uma realidade viva, deve também alcançar a vida e ser aceito e viver na esfera da realidade."[5] Essa é a iniciativa da Imaginação Ativa: trazê-lo em sua vitalidade para o mundo, seja qual for a forma consagrada ou tradicional.

Com isso chegamos ao nosso segundo ponto. Existe uma conexão definida entre a criação artística e a Imaginação Ativa. No entanto, a Imaginação Ativa não pretende ser uma peça acabada. O participante, ao se conscientizar do inconsciente, está fazendo o que o artista criativo faz, mas sua intenção é talvez mais consciente. Enquanto o artista desenvolve seu trabalho criativo para apresentá-lo aos outros, o participante de uma Imaginação Ativa tem como objetivo a liberdade do inconsciente para que este se revele. Ele se esforça conscientemente para atingir a totalidade de sua personalidade. O significado que o trabalho tiver para si mesmo é de suma importância para esse empreendimento. Quero sugerir que leiam o capítulo de Jung intitulado "Arte Poética" em: *Contribuições à Psicologia Analítica.*

[4]Ibid., pp. 238ss.
[5]C. G. Jung, *Psychologycal Types*, p. 288.

Quanto ao aspecto de o poeta dever ser o mais adaptado e quando é óbvio que ele não o é, pelo menos não mais que os outros, à questão só se pode responder da seguinte maneira: existe uma diferença entre adaptação e ajustamento. O artista é um educador. Ele capta imagens do inconsciente, apresenta-as de forma que as torna aceitáveis a pelo menos uma parcela de seus contemporâneos. Ele pode acessar material que gerações futuras irão apreciar porque sua voz está mais distante de seu tempo. Ele traz até a superfície os pensamentos de sua época que não foram aceitos pela atmosfera consciente geral. Portanto, o artista realmente criativo é aquele que caminha sozinho, assustando, inspirando desvios. Sua jornada não passa pelas autopistas seguras do pensamento coletivo consagrado. Ele volta à autopista para apresentar ao menos indícios de seus achados, enquanto ele mesmo planilha novos caminhos pela mata cerrada. Dessa forma, ele de alguma forma vive em dois mundos. Diferentemente do homem comum, ele não consegue andar apenas pela autopista. Se fosse um sujeito profundamente ajustado à atmosfera geral, não iria ansiar pelos atalhos nem pela mata cerrada, ou por mares nunca dantes navegados. Contudo, o processo de encontrar e refinar significa que ele faz tentativa de individuação. Ele tem dois mundos e não um, e o conflito, enquanto ele conseguir suportá-lo e usá-lo, é matriz de energia criativa.

No entanto, a pessoa que faz uma Imaginação Ativa não é, por essa atividade apenas, uma pessoa individuada. Sua vantagem é sua percepção consciente dessa tentativa. Lembram-se que no início deste livro mencionei que, depois da análise do material pessoal, a pessoa não fica entregue ao vácuo, que emerge um novo centro proveniente do inconsciente e que esse é um centro superior ao ego? Vejam, não se pode denominá-lo "eu", nem se pode considerá-lo uma "sombra" do ego. Seja qual for o ângulo

pelo qual olharmos para este novo centro, ele será visto como superior. Quem, então, é esse novo centro, perguntamos? Eis afinal o Si-mesmo de quem tanto falamos. Vivenciar esse Si-mesmo é uma experiência de transformação. Viver a vida de maneira realmente inteira é ser capaz de conduzir naturalmente a pessoa do ego até o Si-mesmo, e este é de fato um processo de individuação. Porém, fazer essa descoberta através da Imaginação Ativa não significa necessariamente que a pessoa tenha se individuado. O trabalho diz mais ou menos, em linguagem simbólica: "este é o teu caminho". Um caminho sempre ímpar e compreendido individualmente. A vantagem da Imaginação Ativa é a pessoa tornar-se então mais consciente do "caminho", para que o material possa ser compreendido.

Pergunta: Então, se o artista criativo fosse capaz de considerar seu material como o participante de uma Imaginação Ativa faz, ele poderia descobrir muita coisa benéfica para sua própria personalidade, não é?

Resposta: Sim. Um trabalho como o *Zaratustra* de Nietzsche apresentava o conflito de seu autor. De um lado, o velho sábio e, de outro, a sombra ou o homem inferior. Nietzsche não conseguia aceitar o homem inferior. Se um analista estivesse por ali, ele poderia ter mais imediatamente reconhecido os dois lados e se poupado de uma inflação pelo velho sábio, problema que finalmente o levou a todo o seu sofrimento.

Pergunta: A Imaginação Ativa apresentada parece-me, afora o material análogo explicando sua conexão com os motivos coletivos através de todas as eras, ter um grande impacto como vivência religiosa. No entanto, não é uma experiência religiosa dentro dos moldes do cristianismo ortodoxo de fato, tem algo até de pagão. Alguma vivência interior dessa natureza, pressupondo que minha suposição está certa, tem ligação com a ortodoxia?

Resposta: Sim, eu diria que sim, mas no sentido de que expressa algo das vivências interiores a partir das quais emanam as religiões. A palavra "ortodoxo" sugere coisas que têm de "ser" de um certo jeito. Quando a pessoa tem uma forma externa de religião, a coisa toda pode ser projetada, Deus está completamente do lado de fora. Não há uma vivência interior de Deus. Quer dizer, não existe uma experiência pessoal interna. As pessoas podem ser cristãs ortodoxas e, dentro da psique, serem pagãs, como o comprova o mundo ocidental, quando as forças do mal estão varrendo nosso mundo cristão. Jung disse: "Enquanto a religião for somente fé e forma externa, e a função religiosa não for vivenciada no íntimo de nossas próprias almas, nada de importante aconteceu. Ainda está por ser entendido que 'mysterium magnum' não é só um fato concreto, mas que está antes de tudo, e principalmente, encravado no psiquismo humano. O homem que não sabe disso por sua experiência própria pode ser o mais erudito teólogo, mas não tem idéia do que seja a religião e menos ainda do que seja educação."[6] É necessário saber que aquela grande experiência religiosa, o grande mistério em si, está enraizado na psique humana. A menos que a pessoa saiba disso, por mais que seja adepto convicto de alguma religião, será ignorante quanto ao verdadeiro sentido da religião. Você tem bastante razão ao intuir que o trabalho tem um impacto religioso; você se preocupa que leve ao que facilmente é reconhecível como cristão e está vendo a ligação que tem com os cultos pagãos. Trata-se de uma vivência da psique estendendo-se pelas eras sem fim e que novamente toca, com impacto, aquilo que vem moldando todas as grandes religiões do mundo. Mostra outra vez a necessidade da vivência interna para o nosso mundo cristão, se é que queremos que

[6]C. G. Jung, *Psychology and Alchemy*, p. 12.

o cristianismo viva de novo. A psicologia não se limita por credos. Jung diz: "Nem todos possuem a força espiritual de um Tertuliano. É evidente não só que ele tinha a força necessária para sustentar paradoxos como também que estes realmente lhe conferiram o mais elevado grau de certeza religiosa. O número descomunal de débeis religiosos torna perigosos os paradoxos. Enquanto o paradoxo não é examinado e continua sendo aceito sem questionamento, como elemento costumeiro da vida, é bastante inofensivo. Mas quando ocorre a uma mente não cultivada o suficiente (sempre, como se sabe, muito segura de si mesma) tornar a natureza paradoxal de alguns preceitos de fé objeto de suas elucubrações, tão sinceras quanto impotentes, não demora muito para que essa pessoa irrompa em riso iconoclasta e sarcástico, apontando para a evidente insensatez do mistério. Desde a era do iluminismo as coisas têm deteriorado rapidamente, pois, assim que essa caprichosa mente raciocinante incapaz de suportar paradoxos é despertada, não há sermão sobre a face da terra que a faça aquietar-se. Surge então uma nova tarefa: elevar essa mente ainda não desenvolvida, passo a passo, a um nível mais alto e aumentar o número de pessoas que, pelo menos, tem alguma intuição do âmbito de verdade paradoxal. Se isso não for possível, então deve-se admitir que as abordagens espirituais do cristianismo são igualmente boas e interditadas. Simplesmente não se entende mais o que quer dizer o conjunto de paradoxos inscritos nos dogmas; e quanto mais é externo nosso entendimento dos mesmos, mais somos defrontados por sua forma irracional até que, finalmente, esses paradoxos tornam-se completamente obsoletos, relíquias curiosas do passado. O homem limitado até esse ponto não consegue avaliar a extensão de sua perda espiritual, porque ele nunca vivenciou as sagradas imagens como sua própria estrutura psicológica.

Mas é justamente esse conhecimento indispensável que a psicologia do inconsciente pode lhe proporcionar, e sua objetividade científica é do maior valor aqui. Se a psicologia estivesse circunscrita a um credo, ela não poderia permitir ao inconsciente de uma pessoa o livre e lúdico fluir, que é a condição básica à produção dos arquétipos. É precisamente a espontaneidade dos conteúdos arquetípicos que convence, enquanto qualquer intervenção movida por preconceitos é um obstáculo à vivência genuína. Se o teólogo realmente acredita no poder todo-poderoso de Deus, por um lado, e na validade do dogma, por outro, por que então ele não confia que Deus fala dentro de sua alma? Por que esse medo da psicologia? Ou, em completa contradição com o dogma, será a própria alma o inferno do qual apenas os demônios gostam? Mesmo que fosse realmente assim, não seria nem um pouco menos convincente, pois, como todos sabemos, a horrível percepção da realidade do mal já produziu pelo menos tantas conversões quantas as obtidas pela vivência do bem."[7]

Pergunta: A seu ver, é significativo que a mulher tenha sido contatada por um artista em vez de por qualquer outro homem que poderia tê-la envolvido com o nível humano? Por que é que ele pinta o retrato dela? É por vaidade ou por ser uma excessiva presunção do ego?

Resposta: A meu ver, a mulher empreendeu uma viagem de descida. Os retratos poderiam ter sido uma tentativa de tornar permanente o vislumbre do "outro" mundo captado pelo artista, por assim dizer. Os retratos em geral têm uma espécie de essência divina que fala de algo que vai além daquele ser humano. Sugeriria que a própria pintura era em si um ato de vinculação ao espírito, ao espírito que, em última instância, havia permitido que ela escapasse de estar totalmente no mundo "de baixo" e novamente buscasse a jóia que havia perdido. Talvez essa tenha sido a função positiva do artista, mesmo que ele tenha roubado a jóia, por assim dizer, com sua mão esquerda. Por meio de seu ato positivo, o roubo estava fadado ao fracasso, embora tivesse de ser vivido. Poderíamos dizer que, no nível em que estamos interpretando esta I. A., esse retrato representa a vaidade? Se for esse o caso, também faz parte de cair no "Egito", que é o cerne da coisa toda, o ir até o fundo e o regressar. Com respeito a isso, eu trouxe a analogia com o Poema da Pérola. A Imaginação Ativa é um retrato em muitos níveis, em que a descida e o envolvimento são passos necessários ao desenvolvimento. É o caminho da individuação. A psique humana efetivamente desce de sua "unidade" original, afasta-se de sua busca primordial ao ser absorvida no mundo material, e só então encontra seu caminho de volta à fonte. É porém o cerne inefável que nunca abre mão de seu poder, que, afinal de contas, torna possível a viagem. Tentei mostrar esse processo como um mito do inconsciente projetado através da Imaginação Ativa. A sonhadora não é um ego em si, mas uma figura desse drama interno.

Pergunta: Na qualidade de professor de inglês, chamou minha atenção a implicação de um problema sexual nesse processo. Você pode dizer algo a respeito?

Resposta: O simbolismo sexual é usado no aspecto humanizador, no envolvimento com este mundo, e também expressa o envolvimento com quem a havia "criado". Na realidade, não estava indicando esse problema, e se o estivesse ele não seria a essência do exercício como um todo. Penso que você está incidindo no erro que tantos fazem, o de olhar para o sintoma em lugar de captar a importância da coisa inteira. Essa postura limita o entendimento. Não é verdade que os deuses sempre dormiram com as pessoas?

[7] Ibid., p. 16.

Pergunta: A figura "Sabedoria" é considerada um arquétipo. Nesse caso, o participante sentiria que tem um elo de ligação especial com Sabedoria na vida?

Resposta: Você está perguntando se uma pessoa confrontada com uma figura dessas não entraria numa inflação e entenderia que se trata de um atributo de seu próprio ego. Essa é sempre uma possibilidade e um perigo: por isso é que enfatizei que é necessário retornar à natureza objetiva da psique e também ao aspecto coletivo dessas figuras. Parece que primeiro a pessoa tem de ser tomada por uma dessas figuras; depois, quando sua condição de ser humano comum despertar, trará algo do aroma do arquétipo, que possivelmente permanecerá em sua pessoa.

Pergunta: Como é que se sabe que essa figura "Sabedoria" é *realmente* uma grande sabedoria?

Resposta: Essa é uma alegação que nunca é feita. Ela é uma imagem arquetípica. A figura sugere que existe profunda sabedoria na natureza, que existe uma Sabedoria Divina. A imagem arquetípica assinala algo que está além. Esse é seu papel numinoso. Ela *representa* a sabedoria essencial. Não existe declaração metafísica nessas palavras. Seria de fato muito tolo dizer: "É assim que a Sabedoria parece ou se comporta". A Deusa ou a Sabedoria Divina foi representada dessa forma, neste trabalho em particular. Por analogia, nós descobrimos que ela está representada de muitas maneiras, tanto velhas como novas, que revelam o arquétipo.

Pergunta: Você disse que a Imaginação Ativa não é uma técnica simples, apesar de parecer simples à primeira vista. Fico me perguntando por que é perigoso fazer uma Imaginação Ativa. Você poderia nos dizer de que modo o analista pode ajudar a manter esse processo como meio seguro para uso analítico?

Resposta: O analista que usa este método deve realmente entender do que se trata, e o único meio para tanto é experimentando-o em sua própria análise. É mais do que deixar que a história do inconsciente tome forma. É de importância vital saber o que está acontecendo e de acordo com quais parâmetros o material está se desenrolando. Jamais se deve perder de vista o fato de que é um estrato estrutural da vida que está se manifestando, e que o trajeto que conduz à totalidade leva tanto para cima como para baixo. Os valores do inconsciente não são os valores da vida racional ordinária. O analista deve saber quando dizer alguma coisa e quando permanecer calado, pois o paciente sempre quer que alguma coisa lhe seja dita, e sempre naqueles pontos em que é importante que ele descubra sozinho o que precisa saber. Quando se trata da amplificação, ela deveria ser feita pelo próprio analisando. Tem mais efeito que qualquer outra coisa que o analista poderia dizer, embora com seu conhecimento mais amplo este tenha condições de explicar e apontar o material analógico. Opiniões arbitrárias nunca servem. E intelectualismo em excesso pode destruir todo o processo. Portanto, as amplificações feitas devem ser recebidas com postura de abertura e de sincera devoção. O que não quer dizer que não devam existir críticas e que tudo aquilo que se propõe como analogia deva ser engolido inteiro. Assim que for percebida a natureza deliberada da psique, quaisquer ampliações que se proponham são melhores que todas as possíveis explicações. A percepção consciente que o analista tem de seu próprio inconsciente tem um significado para o analisando que se sente compreendido enquanto está procurando seu caminho em meio a áreas desconhecidas.

Quero enfatizar aqui um aspecto bastante importante; a experiência pessoal do analista com os recessos de sua própria psique protege-o de ser envolvido pelo material de seu paciente. Quando estamos diante do material arquetípico, podemos ser vítimas de uma fascinação po-

derosa, haja vista o apelo e a validade universais desse material. O analista não pode se impedir de ser um pouco modificado por ele, mas não deve ser tragado pelo mesmo. Sendo assim, ele não o discute com o paciente enquanto este não tiver configurado seus próprios pontos de vista. Toda análise é uma situação completamente nova, e aí está a arte: permitir-lhe ser única, estar nela com o paciente e fora dela, permanecendo objetivo a respeito do processo, tudo ao mesmo tempo.

Não existe um exemplo absoluto do que deva ser a Imaginação Ativa. Ser influenciado pelo trabalho de outra pessoa nunca traz a alguém sua própria verdade. Portanto, não é bom para o analisando ler ou absorver o material de outra pessoa. A segurança do participante depende da experiência e da integridade do analista. Se ele tiver confrontado o inconsciente sem ser dissolvido por ele e se tiver regressado trazendo valores essenciais para inclusão em seu campo de consciência, está ciente dos riscos dessa aventura. Ele irá compreender os símbolos que conduzem à totalidade, os quais, quando acrescentados à consciência, surtem efeito aprofundante e amplificador sobre a personalidade. Ele também pode ver os perigos nos casos em que não parece estar se constelando nenhum novo centro, ou a respeito dos quais pode-se dizer que não existe fio condutor, mas sim uma fragmentação. É então que ele precisa de todo o seu conhecimento e dos recursos necessários para circunscrever e conter esses perigos potenciais.

O paciente deve conservar seus valores prévios e ampliá-los. Ser possuído pelas imagens arquetípicas significa sair do "ajustamento para o não-ajustamento". Aí reside toda a responsabilidade terapêutica.

A atividade criativa em si é algo que tem de ser reconhecido no homem desde tempos imemoriais, assim como também reconhecemos o uso que o artista faz do simbo-

lismo. No entanto, o lastro psicológico dessa atividade criativa torna-se mais claro por meio das revelações da psicologia analítica e em especial fica óbvio na Imaginação Ativa, em que a psique inconsciente alcança planos ilimitados de manifestação no uso de símbolos. Como vocês puderam notar a partir do material apresentado, trata-se de um simbolismo usado de modo simples e ingênuo, mas capaz de revelar verdades que transcendem o ego do participante e se estendem até tocar de novo aqueles símbolos que sempre "existiram".

Pergunta: Quero formular uma pergunta que não tem a ver com a Imaginação Ativa em si. É o seguinte. Você falou de um homem (e da mulher, no caso inverso) esperando de uma mulher que ela seja feminina, segundo a forma como ele vê a feminilidade. Essa imagem que ele tem do feminino é, na realidade, uma imagem de sua própria *anima* que ele quer ver sendo vivida por sua mulher?

Resposta: É isso mesmo. Ele pode estar convencido de que é desse jeito que ela deveria ser, e a imagem pode ser tão forte que ele não aceita a realidade individual de sua esposa. Claro que quando ele se apaixona ele projeta grande parte dessa imagem nela. Ela deve dar algum tipo de gancho para essa projeção. Mas, enquanto isso funciona, a pessoa não sente dúvida e, por isso, só se pode falar a esse respeito como projeção quando a imagem interior e a realidade externa não concordam. Somente aí é que nasce a dúvida sobre quem realmente é a outra pessoa. No caso da *anima* então, ela instiga o homem a exigir que sua esposa se paute pela imagem da *anima*. Vale o mesmo para o *animus* da mulher. Aquilo que funciona para os jovens quando apaixonados geralmente deixa de funcionar quando amadurecem e atingem um status individual. O processo da maturidade está em reconhecer o outro tal qual é. É impossível reconhecer o processo da individuação.

Pergunta: Isso me leva a outra questão com respeito à primeira fantasia. O Velho que vimos ali é um motivo arquetípico. Então é uma projeção do *animus* da autora?

Resposta: Em certo sentido, sim. Ela se havia voltado para o exterior em busca de aprendizado e sabedoria. Eu diria que seu *animus* era "barbudo". Através do impacto e da vivência do trabalho realizado com a Imaginação Ativa, ela começou a aceitar que os arquétipos funcionam por meio dela mesma e a aceitar a responsabilidade pela "filha". O mundo não a fascinava mais. Ela contava com comparações internas. Desse jeito as pessoas caminham por solo mais seguro.

Questão: Eu poderia agora levar um pouco mais adiante este ponto para esclarecê-lo? O Velho é mais ou menos igualado à Deidade, na interpretação. Você fala dele também como uma figura de *animus*. As duas interpretações são compatíveis?

Resposta: Com um trabalho desse tipo nós podemos recorrer a muitos níveis. O *animus*, em sua dimensão mais elevada, tem uma qualidade divina. O Velho é o *animus* transformado, uma figura semelhante à da Sabedoria. Na história, seguimos o processo de transformação. No começo, ele mantinha a mulher inconsciente em seu cativeiro (uma atividade particularmente freqüente do *animus*). Então ele se tornou o conceito mais elevado, o Velho que inspira, mas parte, e não mantém mais a mulher cativa. Você também viu a necessidade da "mulher" que deve ser ativa, neste drama. Desse modo, a história revela o processo de individuação da mulher. Proveniente do inconsciente, ele assinala o "caminho". Então você vê o Velho também representando o *animus* antigo e obsoleto.

Pergunta: Quanto aos pintores, você considera as obras artísticas como representações do inconsciente?

Resposta: Sim, os grandes trabalhos. Os artistas geralmente retratam aquelas coisas que seus contemporâneos ficam chocados de ver. Considere, por exemplo, as pinturas de Breughel. Em seu quadro sobre o percurso de Cristo até o Calvário, ele carrega a cruz no fundo, enquanto em primeiro plano as pessoas não olham, ficam jogando e rindo e ignoram a coisa toda. Outro quadro mostra a tentação de santo Antão. Foi essa imagem que inspirou Flaubert a escrever sua obra erudita sobre as *Tentações de santo Antão.* Como as pinturas de Breughel, esse livro antecipa o futuro em que o homem abandona a postura espiritual e ingressa numa era materialista. Essa mudança já estava em andamento no inconsciente das pessoas, e o artista, em contato com ânsias inconscientes, a retrata. Flaubert foi informado de que deveria destruir seu manuscrito. Ninguém quis ter nada a ver com ele. Breughel era uma figura controversa. Numa análise retrospectiva, podemos ver o que estava acontecendo. Para eles, e para muitos grandes artistas como eles, significava uma ruptura com a opinião pública e o sofrimento decorrente desse confronto. Não é toda forma de arte que fala do futuro. Algumas retrocedem, como se assim pudessem trazer o inconsciente para mais perto. Parece uma tentativa de reforçar a consciência, desde seus alicerces, para que a cisão não seja grande demais. Não se pergunta a um artista o significado de seu trabalho. Para ele, é uma questão de expressar em cor e texto seus pensamentos. Ele não interpreta psicologicamente. Mesmo que o artista possa pensar que escolhe seus temas, ele, na realidade, é tomado por uma idéia. Essa idéia atua dentro de sua pessoa. Ele pode dizer: "Pinto ninfas do mar porque tenho interesse em ninfas do mar". Por que ele tem esse interesse não é importante. O fato é que essa idéia o capturou e ele está interessado porque está feito prisioneiro e seus poderes criativos, portanto, são mobilizados. O artista produz uma expressão simbólica dos arquétipos que funcionam em sua época. O trabalho que

não tem uma mensagem nunca é um trabalho vivo, por mais que sua execução seja primorosa. A arte é um sério empreendimento que expressa os significados mais profundos da própria vida.

Pergunta: Você disse que, para a mulher, o Si-mesmo é feminino e, para o homem, masculino. Você disse também que a combinação consciente-inconsciente compõe o Si-mesmo. No inconsciente de um ego existe o sexo oposto. Você poderia explicar essa aparente anomalia?

Resposta: Vou tentar. A idéia do Si-mesmo é uma maneira de considerar o ideal da totalidade. Não sabemos o que é o Si-mesmo. Vemos referências simbólicas à totalidade. Vamos supor que dizemos que a relação do ego com o Si-mesmo é como um círculo pequeno dentro de um maior. Conforme ampliamos a consciência, sabemos mais sobre o círculo maior. Mas, quanto mais sabemos a respeito dele, mais adiante seu perímetro se estende. Em outras palavras, denotamos com o círculo grande o que queremos dizer quando enunciamos o termo Si-mesmo, ao passo que ele, no que diz respeito, não tem limites. A mulher encontra no Si-mesmo o princípio da feminilidade e o homem, o da masculinidade. Mas estes são um par. São a divina sizígia. Assim, o Si-mesmo é ambos. O Si-mesmo é um conceito multifacetado. É uma maneira de conceber uma coisa difícil, mas não é estático. É escuro e é luz, é grande e pequeno, masculino e feminino. O processo da individuação tem a ver com a sizígia que existe no íntimo do homem e da mulher. Os símbolos do Si-mesmo têm caráter unificador.

Pergunta: Para mim está claro que a Imaginação Ativa não é um processo fácil. Quais seriam, a seu ver, algumas das maiores dificuldades que se podem encontrar quando se tenta entrar nela?

Resposta: Bom, como já disse, primeiro a arte de ser simples é, em si mesma, uma dificuldade para o nosso

modo ocidental de pensar. Em segundo lugar, parece-me que a atitude do *animus* e da *anima* é altamente importante. Vejam, o *animus* e a *anima* têm uma tendência fenomenal para distorcer as coisas. Quando a pessoa entra numa Imaginação Ativa, a propensão desses dois é distorcer o processo até que a coisa toda pareça muito estúpida ou artificial, e não valha a pena continuar com ela. É difícil conter o *animus* e a *anima* e, no entanto, é precisamente a arte de deixar que as coisas apenas aconteçam, de aprender a realidade dessa maneira, que surte esse efeito de aprisioná-los e contê-los. Na vida diária, nada detém o *animus* e a *anima* em suas intervenções de modo tão eficaz quanto encarar os fatos tais quais são, não as opiniões ou os estados de humor. Vejam, o *animus* e a *anima* lançam um véu sobre a realidade e então os fatos parecem alguma coisa. No plano teórico parece muito fácil, mas quando esses demônios grudam no pescoço do sujeito a tarefa mais difícil que há é neutralizá-los. Percebi que fazer isso na Imaginação Ativa, quer dizer, seguir a arte de deixar que as coisas aconteçam, ajuda também o indivíduo a fazer o mesmo em sua vida diária. Quando o *animus* e a *anima* se acostumaram a ter as coisas todas de seu jeito, sem serem questionados ou impedidos, assumir a incumbência de excluir sua presença em favor da realidade mesma parece um ato de violência contra as mais queridas relações que a pessoa alimenta. Mas é algo que temos de agüentar. Vou dar uma ilustração extraída de uma situação de vida. A interferência do *animus* e da *anima* parece mais fácil de reconhecer nesse caso. Um homem, cuja esposa tinha um *animus* todo cheio de opiniões, e que fala absurdos os mais inacreditáveis, estava em análise. Ele ia para casa e encontrava aquele *animus* falando todo tipo de coisa. Algumas pareciam corretas, mas não correspondiam de jeito nenhum aos fatos. Então ele tentava corrigir a situação e o *animus* dava

um giro de cintura e vinha de outra direção, até que ele resolvia se retirar em estado de péssimo humor, profundamente esgotado. Então, claro, ele se queixava para mim. Eu tentava fazê-lo afastar-se desse tipo de discussão, ler seu jornal, qualquer coisa, para ver que efeito sua atitude teria sobre o animus da esposa. Ele dava um banquete na bandeja para aquele leão toda vez que se entalava na discussão. Afastar-se significaria que o *animus* ficaria à míngua. Mas, não, a *anima* dele adorava entrar naquelas situações mesmo que ele sofresse. Ele racionalizava a situação, dizendo que tinham existido alguns poucos elementos nos quais ele tinha se saído bem e conseguira organizar as coisas para ela; que era muito excitante quando isso acontecia. Então a *anima* desse homem pendurava esses episódios bem diante do nariz dele, para tentá-lo de tal modo que ele não conseguia enxergar a realidade de que era ela (a *anima*) que realmente adorava participar de todo aquele absurdo, mesmo que sempre acabasse numa confusão enorme para os dois. O fato era que, nove vezes em dez, terminava numa briga dos diabos, mas a *anima* não permitia ao homem a vontade de tentar retirar-se. Isso seria violentá-la. Mas é com essa violência que a pessoa consegue sanar o problema. É preciso que o sujeito seja cruel, até que sua *anima*, ou *animus* no caso da mulher, esteja executando adequadamente seu papel. Só então é que a pessoa se pode permitir entrar nessas situações. Vejam então como é difícil. As pessoas preferem andar pelo meio do inferno a desistir de serem possuídas pelo *animus* ou pela *anima.* É o mesmo quando a mulher tem de desistir das opiniões de seu *animus* e ver os fatos como eles são. Uma mulher teve a idéia de que não tinha sentimentos. (Bem, isso nunca é verdadeiro. A função sentimento pode ser inferior, podem ser até difíceis de se reconhecer os sentimentos, mas sem dúvida eles estão encravados em algum lugar.) Apesar de tudo,

ela decidira, ou seu *animus* decidira, que devia usar de sentimentos femininos e, por isso, entrou em toda espécie de ocupação de caridade, agindo desta ou daquela maneira de acordo com as opiniões de seu *animus*, e assim achava que estava agindo do jeito mais certo. Devemos dar-lhe crédito por sua heróica tentativa, mas o fato é que estava possuída por seu *animus.* A função sentimento faz avaliações. Ela não perguntava como estava se sentindo, até que chegou o dia em que não pôde mais suportar tudo aquilo e conseguiu encarar os fatos. Não é fácil desafiar o *animus* ou a *anima.* Isso resulta em uma situação, situação que é sempre difícil, pois essas duas dimensões não abdicam suavemente de seu controle, e por isso essa tentativa é atacada por movimentos hostis da parte de ambas. A impressão é que tudo o que existe em volta da pessoa serve para tentá-la a tornar-se outra vez vítima do *animus* ou da *anima.* Da mesma maneira, então, a Imaginação Ativa de uma pessoa sofre ataques do *animus* ou da *anima* até que ela aprenda a desemaranhar-se e a aceitar o trabalho com muita simplicidade, até com ingenuidade.

Pergunta: Você falou do *animus* e *anima* fazendo adequadamente seu serviço. Quando estão despidos de seu negativismo, então qual é seu "serviço adequado"? Tantas vezes os maldizemos porque o aspecto negativo é o mais fácil de ser visto!

Resposta: O *animus* é discriminação, liderança espiritual, e a *anima* a compreensão dentro do vínculo dos relacionamentos; nesse sentido formam um par divino. São parte da constituição da humanidade e essenciais à totalidade de um ser humano. Concordo com você que, em razão de seu aspecto negativo tantas vezes no trazer problemas, nossa propensão é ouvi-los serem mais amaldiçoados que benditos. No entanto, se você estudar a discussão que o próprio Jung faz dessas dimensões em *Aion*,

irá reconhecê-las como psicopompos. Não são invenções do consciente. São, como diz Jung, "produtos espontâneos do inconsciente". São arquétipos que têm influência tremenda sobre o consciente. A *anima* vincula o homem à realidade e o *animus* vincula a mulher à sua natureza espiritual. Essas duas dimensões dão suas mãos aos mundos interno e externo e conduzem à totalidade.

Pergunta: O drama interior que você nos apresentou tem suas raízes nos primórdios e conduz ao futuro, como parecem fazer todas as mitologias. Cada vez reconhecemos mais que nossa idade é um milhão de anos. Claro que isso tem seu paralelo no homem biológico. Você já observou essa conexão?

Resposta: Na verdade, sei mesmo muito pouco sobre o homem biológico. No entanto, diz-se que o próprio cérebro incorpora toda a história da evolução, desde os primórdios da pequena anêmona do mar, até o desenvolvimento de um "novo" cérebro — o córtex — que tem a ver com o mundo externo. Esse novo cérebro controla os impulsos etc. É "social" em termos de sua função. O cérebro, desde o momento da concepção até o dia em que a criança nasce, atravessa todas as fases de desenvolvimento atribuídas à evolução e entra na vida deste mundo preparado para desenvolver-se no plano social. O desenvolvimento, no entanto, pode ficar detido em qualquer ponto deste caminho e isso quer dizer que tal pessoa poderia funcionar naquele nível de desenvolvimento por mais primitivo — ou pré-humano — conforme o ponto em que o desenvolvimento normal fosse interrompido. Quer dizer, o cérebro não passou por todas as fases de evolução até atingir o nível do homem moderno. Se o desenvolvimento normal ocorrer, ele estará sendo preparado, por assim dizer, por todo um passado para que possa funcionar no presente. Se isso é verdade, quer dizer que todos os estágios estão presentes biologicamente no homem, é

muito correto presumir que este também seja um fato psicológico. Essa suposição recebe endosso das revelações da própria psique. Então, quando alegamos que os primórdios atuam na psique como se o homem contivesse em si um passado imemorial, parece que a estrutura do próprio cérebro coincide biologicamente com tal alegação. Seria efetivamente muito interessante esse estudo para quem tem suficiente conhecimento da estrutura do cérebro e dos fenômenos psicológicos.

Pergunta: Ocorreu-me a idéia de que deixar o inconsciente falar livremente é uma condição limítrofe. O que você diz disso?

Resposta: Sim. Esse é um aspecto importante, e não pode passar despercebido. Numa condição psicótica, o ego não tem voz alguma. O inconsciente toma o lugar da consciência. Na Imaginação Ativa existe uma submissão voluntária aos processos do inconsciente, estando o ego ciente de que ele está ali capaz de se impor novamente. Essa é a exigência para o guru ou para o analista, verificar que as marés do inconsciente não varram de uma vez por todas o ego.

Pergunta: É por isso que não reduzimos a Imaginação Ativa e não a criticamos como fazemos com os sonhos? Quer dizer, porque o ego está envolvido?

Resposta: Obrigada por ter feito essa pergunta. Sim, não criticamos nem reduzimos um processo criativo — tentamos entender, sim, sua mensagem individual. Estamos então em contato com a força formadora de vida daquela pessoa. Com os sonhos é diferente, embora também tenhamos de tomar cuidado com o modo como trabalhamos com eles; o sonho fala como se estivesse "do outro lado", e principalmente de modo a compensar a posição consciente. A Imaginação Ativa tem a ver com a pessoa como um todo, e portanto tem de ser manejada com compreensão e delicadeza. O paciente, quando começa a des-

cobrir a conexão do processo com material arquetípico, com os paralelos etc., entra em sintonia com a atividade da imaginação de maneira positiva e aprende aquilo que tem de ser aprendido, o que, é claro, é tão individual que até mesmo seu analista não pode, e nem ousa, contribuir com muito a este respeito. A principal questão é ignorada quando a pessoa fica presa da necessidade (que em geral é muito particular) de reduzir os processos criativos a meros sintomas.

GLOSSÁRIO

Anima e Animus: são figuras arquetípicas existentes no inconsciente da humanidade. São compostas por elementos pessoais e impessoais herdados. Compensam a personalidade externa. Quer dizer, no homem a *anima* acrescenta-lhe características femininas diferentes de sua atitude aceita. Na mulher o *animus* acrescenta-lhe o masculino à sua feminilidade. A *anima* acrescenta Eros ao homem, e o *animus* acrescenta discriminação à mulher. Essas imagens são formadas no homem pela imagem coletiva ou herdada da mulher e também por suas experiências com mulheres na realidade externa, sua mãe etc. Na mulher são as idéias herdadas, coletivas, suas vivências pessoais com o homem, com o pai etc. Dessa forma, pertencem ao mundo interno e são arquétipos poderosos que podem governar todas as nuanças da vida. Na psicologia profunda são conscientizados e seu poder autônomo é diminuído. No homem, a *anima* pode ser reconhecida primeiro nos estados de humor que são antagônicos às suas atitudes masculinas conscientes. Na mulher, podem aparecer como opiniões arbitrárias não sintonizadas com seus sentimentos femininos reais. Por serem compostos por elementos tanto conscientes como inconscientes, são a ponte que conduz aos conteúdos inconscientes. Podem sair de um papel

autônomo, e em geral negativo, para darem base à totalidade da personalidade.

Arquétipo: Os arquétipos são órgãos psíquicos comuns à toda humanidade. São padrões herdados de possibilidades. São os elementos dominadores adormecidos no inconsciente. Não são preenchidos por imagens pessoais de recordação, mas vão além, chegando à herança ancestral. Pertencem à imagem do mundo que levou eras e eras para se formar, de modo tal que certos "jeitos" tornaram-se instintivos. Portanto, os instintos são arquétipos, padrões do inconsciente. Os arquétipos não são cognoscíveis em si mesmos, mas podem ser inferidos a partir de imagens e comportamentos produzidos por esses padrões autônomos.

Imagem arquetípica: É a imagem que emerge do inconsciente e que aponta para um determinado arquétipo, não cognoscível em si, mas discernido, pois o arquétipo em si encravado nas vivências primordiais é algo que está além da compreensão. Sucessivas gerações de vivências podem alterar a imagem que ainda fala de fatores primordiais. Além de certos padrões ancestrais estão os padrões universais. É aqui que encontramos as imagens mitológicas mais universais, as imagens arcaicas etc.

Ctônico: Da terra, espírito da terra, mundo inferior. (Mitologia: Zeus coloca-se fora do mundo como poder supremo, Cronos denota o tempo e Ctônis representa a matéria primitiva ou o espírito da terra.)

Consciência: Contém as atitudes com as quais a pessoa encara seu meio ambiente externo imediato. Por meio da consciência, ela racionaliza, analisa e tem base para seus comportamentos.

Inconsciente Coletivo ou Psique Objetiva: Área do psiquismo maior que a pessoa individual. Refere-se não àquilo de que poderíamos nos tornar conscientes,

mas ao que está mais além da consciência e, por este motivo, é essencialmente inconsciente. Uma estrutura préconsciente que existe antes da unidade da personalidade. Os arquétipos estão contidos na psique objetiva. Portanto, o homem herda padrões ou tendências. Isso não quer dizer que o homem herde idéias, mas que herda tendências para a formação de idéias, que se manifestam como imagens arquetípicas. Surgem dessa área as imagens que formulam os mitos. Tais motivos não são idéias herdadas, mas emergem como expressões de processos psíquicos.

Ego: O ego é um "complexo de representações", ou um complexo de padrões da consciência, moldado por tendências internas e externas e por vivências. O ego não é a psique total, grande parte da qual é inconsciente, mas é o centro do campo da consciência. O ego sempre contém algo de coletivo e nele também existem traços pessoais. O ego tem aquilo que é comum a todos os egos e, ao mesmo tempo, pratica certo montante de livre-arbítrio. O primeiro passo na formação do ego é discriminar a si mesmo em relação aos objetos, num processo de estabilização e concretização. Nesse sentido, o ego é dotado de propósito. Essa complexa unidade torna possível ao ego saber como se sente etc. Sua força é o discernimento, ao passo que um ego fraco está próximo da inconsciência original. Jung discrimina entre o ego e o Si-mesmo, segundo os parâmetros da Psicologia Analítica. O Si-mesmo inclui, na realidade, o ego e também a psique inconsciente. O ego ocupa a estranha posição de ser tanto um conteúdo como uma condição da consciência.[1]

Funções da consciência: Existem quatro funções da consciência: o pensamento, o sentimento, a sensação e a intuição. Somente uma delas é, via de regra, superior,

[1]C. G. Jung, *Psychologycal Types*, p. 540.

enquanto duas são auxiliares e a quarta, inferior. Por exemplo, se a intuição é a função que conduz o ajustamento da pessoa, então a sensação ou a função de realidade é fraca. Se o pensamento é sempre o que vem primeiro, decorre que o sentimento é fraco, e assim por diante. A idéia de quatro funções é mais do que esquemática. A observação dos diferentes estilos de comportamento e abordagem de situações deu a Jung seus primeiros laivos de entendimento quanto à existência de diferenças funcionais quanto à orientação do sujeito. A intuição e a sensação são funções irracionais e o pensamento e o sentimento, racionais.

Função transcendente: Essa é a função que unifica e inclui em si todas as funções. É conhecida como a quinta função ou função transcendente.

Libido: Energia psíquica. Impulso vital. O impulso vital dinâmico é constituído por pares de opostos: quando os opostos fluem juntos, eles atingem seu propósito. Quando um dos elementos do par está sobrecarregado, seu oposto complementar sofre alguma perda, e, nesse sentido, tem-se um desequilíbrio psíquico.

Mito: É a expressão impessoal das imagens arquetípicas. É uma expressão de poderes arquetípicos.

Opostos: progressão, regressão.

Inconsciente Pessoal ou Sombra: Coisas esquecidas ou reprimidas. Fantasias pessoais e sonhos. Material periférico ainda não adequado para a conscientização. Mais ou menos, corresponde ao inconsciente reprimido de Freud.

Persona: É uma máscara construída (pela educação em casa, na escola e por outros fatores), como fachada apresentada ao mundo. O Sr. Fulano de Tal aparece em público de certo modo identificável, que pode até diferir do ego. A vida exige certas adaptações e, por isso, a persona é composta para acomodar a movimentação

rumo ao coletivo. É o externo em vez de a verdadeira personalidade. A identificação com a persona significa a perda da persona, e isso ativa a sombra, que é seu aspecto compensatório dentro da personalidade. Nem o ego nem a sombra são idênticos à psique, que é a totalidade dos conteúdos psíquicos; são complexos dentro da psique total.

Energia Psíquica: É a energia que funciona na psique; é um conceito usado como base de comparação para a avaliação de forças energéticas. Embora esse conceito não possa ser definido, ele pode ser medido em termos das manifestações individuais.

Princípio dos opostos: Este princípio não postula um conceito de natureza do ser, mas, em vez disso, propõe uma forma de pensar a respeito de fenômenos psíquicos conforme aparecem. A energia vital depende de forças que se sustentam em oposição. Essas oposições fluem juntas, a menos que sejam obstruídas em sua ação recíproca.

Si-mesmo: É a definição psicológica da totalidade do consciente e do inconsciente. Uma vez que o inconsciente tem fronteiras ilimitadas, o Si-mesmo é uma figura simbólica que inclui e transcreve a consciência. A ampliação do ego por meio do conhecimento crescente do inconsciente é o Si-mesmo tornando-se conhecido. Ele é um símbolo vivo que designa algo que podemos experimentar e conhecer que existe, mesmo que seus limites não sejam cognoscíveis.

Símbolo: Expressa coisas que são, em parte, conhecidas e, em parte, não são passíveis de conhecimento, ou que estão além da compreensão. Transmite um significado que está além da expressão conceitual racional. Por exemplo, se vemos um homem com um uniforme dotado de um motivo alado, sabemos que é um aviador. Trata-se de um signo cognoscível, não de um símbolo. Se vemos

um ícone, digamos um leão, asas etc., temos aí um símbolo expressando algo que ultrapassa a linguagem racional. Quando alguma coisa não pode ser expressa racionalmente, o símbolo transmite um significado que está mais além.

BIBLIOGRAFIA

APOCRYPHA, The. *Ecclesiasticus*. Cambridge University Press.

BAYLEY, Harold, *Lost Language of Symbolism*. Williams & Norgate, 1952.

BAYNES, H. G., *Mythology of the Soul*. Routledge & Kegan Paul, 1954.

BENNET, E. A., *C. G. Jung*. Barrie & Rockliff, 1961.

BLAKE, William.

COPTIC TEXTS, *Gospel According to Thomas*. Collins, Londres, 1959.

CUMONT, Franz, *The Mysteries of Mithra*. Kegan Paul Trench Trübner & Co., 1910.

DODD, *Martyrdom of Peter*.

DUNKERLEY, Roderic (trad.), *The Unwritten Gospel*. George Allen & Unwin, 1925.

FLAUBERT, Gustave. *The Temptations of St. Anthony*. Duckworth & Co., 1915.

FORDHAM, Michael, *Journal of Analytical Psychology*, maio de 1956.

FRANZ, M. -L. von, *Archetypal Patterns in Fairy Tales*. Circulação privada.

GUEBER, H. A., *Myths of the Norsemen*. Geo. G. Harrap, 1908.

HANNAH, Barbara. *Unpublished Lectures at the C. G. Jung Institute*, Zurique.

HARDING, Esther, *Woman's Mysteries*. Pantheon, 1955. (*Os mistérios da mulher*, Paulus, São Paulo, 1985).

HOMER, *Odissey*. Penguin, 1953.

JENNER, Mrs. H., *Our Lady in Art*.

JUNG, C. G., *Contributions to Analytical Psychology*. Kegan Paul, 1945.

— *Aion*. Routledge & Kegan Paul, 1959.
— *Answer to Job*. Routledge & Kegan Paul, 1959.
— *Essays on Contemporary Events*. Kegan Paul, 1947.
— "The Spirit of Psychology", em *Spirit and Nature*. Routledge & Kegan Paul, 1955.
— *Mysterium Coniunctionis*. Routledge & Kegan Paul, 1963.
— *Practice of Psychotherapy*. Routledge & Kegan Paul, 1954.
— *Psychological Types*. Routledge & Kegan Paul, 1949.
— *Psichology and Alchemy*. Routledge & Kegan Paul, 1953.
— *Psichology and Religion: West and East*. Routledge & Kegan Paul, 1958.
— *Visions*. Private Seminars of C. G. Jung at the C. G. Jung Institute, Zurique.
JUNG, C. G. e Kerenyi, C., *Introduction to a Science of Mythology*. Routledge & Kegan Paul, 1951.
JUNG, C. G. e Wilhelm, Richard, *Secret of the Golden Flower* Routledge & S. Kegan Paul, 1950.
KIRSCH, James, *Journey to the Moon*. Studien zür Analytischer Psychologie, C. G. Jung VI. Rascher, Zurique.
— *Enigma of Moby Dick*. Circulação privada.
LAYARD, John, *Incest Tabu and the Virgin Archetype*. Rhein Verlag, Zurique, 1945.
MEAD, G. R. S., *Fragments of a Faith Forgotten*. Theosophical Publishing Soc. Londres & Benares, Chelsea, 1906.
— *Thrice Greatest Hermes*. John M. Watkins, Londres, 1949.
NEUMANN, Erich, *The Great Mother*. Routledge & Kegan Paul, 1955.
— *Amor and Psyche*. Routledge & Kegan Paul, 1956.
OXYRHYNCHUS.
PLOTINUS. *Select Works of Plotinus*. G. Bell & Sons, Londres, 1929.
RADIN, Paul, *The Trickster*. Routledge & Kegan Paul, 1956.
VULGATE.
WILHELM, Richard, e Jung C. G., *Secret of the Golden Flower*. Routledge & Kegan Paul, 1950.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BAYNES, H. G., *Mythology of the Soul*. Rider & Co., Londres, 1969.
BENNET, E. A., *C. G. Jung*. E. P. Dutton & Co., New York, 1962.
CUMONT, Franz, *Mysteries of Mithra*. Dover Publications, New York, 1911.
FLAUBERT, Gustave, *Tentation de Saint-Antoine*. French & European Publications, New York, 1954.
FRANZ, Marie-Louise von, *Interpretation of Fairytales*. Spring Publications, New York, 1970. (*A interpretação dos contos de fada*, Paulus, São Paulo, 1990).
HARDING, Esther, *Woman's Mysteries*. C. G. Jung Foundation for Analytical Psychology Publication, New York, 1971. (*Os mistérios da mulher*, Paulus, São Paulo, 1985).
JUNG, C. G., *The Collected Works of C. G. Jung*. Princeton University Press, Bollingen Series XX, Princeton. (A tradução brasileira das obras de C. G. Jung acha-se em Curso pela Editora Vozes, Petrópolis, sob o título *Obras Completas*).
— *Interpretations of Visions: Excerpts from the Notes of Mary Foote*. Spring Publications, 10 Installments, New York, 1960-1969.
— e Kerényi, C., *Essays on a Science of Mythology: The Myth of the Divine Child and the Mysteries of Eleusis*. Princeton University Press, Bollingen Series, Princeton, 1969.
NEUMANN, Erich. *The Great Mother: An Analysis of the Archetype*. Princeton University Press, Bollingen Series, Princeton, 1963.
— *Amor and Psyche: The Psychic Development of the Feminine*. Princeton University, Bollingen Series, Princeton, 1956.

RADIN, Paul, *The Trickster: A Study in American Indian Mythology*. Schocken Books, New York, 1972.
WILHELM, Richard e Jung, C. G., *The Secret of the Golden Flower*. Harcourt, Brace & Jovanovich, New York, 1962.

ÍNDICE

5 Introdução à coleção Amor e Psique
7 Prólogo do Prof. Dr. C. A. Meier

9 1 Alguns aspectos da técnica da Imaginação Ativa
41 2 A natureza individual da Imaginação Ativa
56 3 O início do mito: um trabalho de Imaginação Ativa com comentário (O velho)
69 4 O mito com comentário (continuação) (A velha)
91 5 O mito com comentário (continuação) (A viagem)
107 6 O mito com comentário (continuação) (A tribulação)
123 7 O mito com comentário (continuação) (O feito)
142 8 O mito prossegue através do meio da modelagem em argila (A jóia)
152 9 Movimentos finais da fantasia com comentário (A realização)
167 10 Algumas indicações gerais da fantasia
181 11 Exemplo de Imaginação Ativa sobre um sonho recorrente
193 12 Algumas questões às quais respondeu-se

221 Glossário
227 Bibliografia
229 Bibliografia complementar

PAULUS Gráfica, 1996
Via Raposo Tavares, km 18,5
05576-200 São Paulo, SP

Este livro foi um dos primeiros trabalhos divulgados junto ao grande público sobre o tema da Imaginação Ativa, técnica desenvolvida por C. G. Jung, em que o mundo do imaginário é deliberadamente visitado, estando o sujeito acordado, a fim de ampliar seu autoconhecimento e resolver conflitos. Nesta obra, Rix Weaver apresenta o relato de um trabalho seu com a Imaginação Ativa em uma de suas analisandas, processo que começou com um sonho e tornou-se um mito pessoal, aqui retomado com amplificações e comentários.

RIX WEAVER foi analista junguiana e fundou o clube de Psicologia Analítica em Perth e o Instituto C. G. Jung no oeste da Austrália.

Amor e Psique

ISBN 85-349-0636-X

